



---

**UNIVERSIDADE DE CUIABÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

**CAROLINA GALVÃO PERES**

**HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA CELCITA ROSA PINHEIRO DA SILVA:**  
**ATUAÇÃO DOCENTE E PARLAMENTAR**

**CAROLINA GALVÃO PERES**

**HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA CELCITA ROSA PINHEIRO DA SILVA:  
ATUAÇÃO DOCENTE E PARLAMENTAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação Strictu Senso, Mestrado Acadêmico em Ensino na Universidade de Cuiabá (Programa associado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso/IFMT e a Universidade de Cuiabá UNIC), como parte do requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Escolar, sob a orientação do Professor Doutor José Serafim Bertoloto e coorientação da Professora Doutora Marlene Gonçalves.

Cuiabá/MT

2020

## **Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

### **Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca UNIC**

---

P437h

PERES, Carolina Galvão

História de vida da professora Celcita Rosa Pinheiro da Silva, atuação docente e parlamentar / Carolina Galvão Peres – Cuiabá MT, 2020.

152 p.: il

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ensino stricto sensu, como parte do requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, Área de Concentração: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Escolar. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT associado à Universidade de Cuiabá – UNIC, 2020

Orientador: Prof.<sup>o</sup> Dr. <sup>o</sup> José Serafim Bertoloto

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Marlene Gonçalves

1. Formação Docente. 2. Cargos Eletivos. 3. Ensino 4. História Oral. 5. Memória Oral.

CDU: 371.31:342.9

---

Terezinha de Jesus de Melo Fonseca - CRB1/3261



## SECRETARIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

### MESTRADO EM ENSINO

#### ATA DE DEFESA

Aos **07** dias do mês de **dezembro** do ano de 2020, na Universidade de Cuiabá, às 9:00 horas, reuniu-se a Banca Examinadora, composta por 1. Prof. Dr. José Serafim Bertoloto presidente da banca, 2. Profa. Dra. Marlene Gonçalves 3. Profa. Dra. Laura Isabel Marques Vasconcelos de Almeida 4. Profa. Dra. Filomena Maria Arruda Monteiro. A reunião tem por objetivo julgar o trabalho da aluna **Carolina Galvão Peres** sob o título “**História de vida da Professora Celcita Rosa Pinheiro da Silva: Atuação Docente e Parlamentar**”. Os trabalhos foram abertos pela presidente da banca. A seguir foi dada a palavra a aluna para apresentação do trabalho. Cada Examinador arguiu a mestranda, com tempos iguais de arguição e resposta. Terminadas as arguições, procedeu-se do julgamento do trabalho, concluindo a Banca Examinadora de Dissertação por sua **aprovação**. Houve sugestão de alteração do título da Dissertação pela Banca Examinadora? ( ) Sim (X) Não. Título sugerido \_\_\_\_\_

Cuiabá, 07 de dezembro de 2020.

#### Examinadores:

**Prof. Dr. José Serafim Bertoloto**

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Marlene Gonçalves**

**Profa. Dra. Laura Isabel Marques Vasconcelos de Almeida**

**Profa. Dra. Filomena Maria Arruda Monteiro**

## DEDICATÓRIA

À minha avó Cléia Couto Galvão de Oliveira, em especial por ser minha inspiração para ingressar e seguir na carreira docente...

À minha mãe Maria Aparecida Galvão de Oliveira, por me incentivar a nunca desistir dos meus sonhos...

Ao meu pai Wagner Duarte Peres, por me ensinar que as responsabilidades começam cedo na vida...

Ao meu marido Carlos Roberto Ribeiro Malhado, pela paciência e pelo companheirismo...

À minha irmã Renata Galvão Peres, por me ensinar que não posso carregar o mundo nas minhas costas...

À minha sobrinha e afilhada Martina de la Montaña Galvão, por ser um sopro de esperança na minha vida...

À minha prima Luciana Galvão de Oliveira, por acreditar em mim...

À minha sogra Maria Helena Ribeiro, por estar sempre presente em nossas vidas...

À minha madrinha de casamento Maria Inácia Machado França, por acompanhar de perto minha trajetória durante o Mestrado com carinho e paciência...

À Deus, por ser a Luz, a Paz e o Amor no meu caminho.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, PPGE - Programa de Pós-graduação *strictu sensu* da Universidade de Cuiabá, pela oportunidade de realização de trabalhos em minha área de pesquisa.

Ao professor doutor José Serafim Bertoloto, meu orientador, por aceitar dar continuidade na minha pesquisa.

À professora doutora Marlene Gonçalves (UFMT) co-orientadora dedicada e atenciosa, que me ensinou muito como docente, por acreditar na minha capacidade e no meu potencial, pela paciência e dedicação, me apoiando quando mais precisei.

À professora doutora Maria das Graças Campos pela confiança, e por me convidar para fazer parte do grupo de pesquisa: “Docência e memória social, ação política de sujeitos envolvidos na docência e no exercício de cargos políticos eletivos” que engloba o projeto de pesquisa em desenvolvimento “Gênero, Vida e Ação: memórias de docentes que exerceram cargos eletivos na esfera municipal, estadual e federal”, no início desta pesquisa, e por me dar suporte emocional e técnico até o final.

À professora doutora Cilene Maria Lima Antunes Maciel, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino, PPGE - Programa de Pós-graduação *strictu sensu* da Universidade de Cuiabá - por ter me dado apoio e suporte desde o início e, principalmente, no final, quando eu mais precisei.

Às professoras doutoras Filomena Maria de Arruda Monteiro e Laura Isabel Vasconcelos de Almeida, integrantes da Banca Examinadora, por terem atendido ao nosso convite contribuindo desde a qualificação deste trabalho.

À Professora Celcita Rosa Pinheiro da Silva pela generosidade e empenho em participar desta pesquisa com alegria, educação, sempre acolhedora, e por confiar sua maior preciosidade que são as suas lembranças, arquivos pessoais de fotos e documentos, mas sobretudo por ter dedicado seu tempo.

A todos os entrevistados por terem aceitado em participar desta pesquisa, colocando-se à disposição, sempre disponíveis, com paciência e atenção, contribuindo em contar suas experiências junto à professora Celcita Pinheiro, dando a devida dimensão a esta investigação científica.

“Educar é dar o exemplo, é preparar para a vida, é transmitir a experiência acumulada e enriquecida de uma geração a outra, de modo a criar oportunidades para quem a recebe. E essa abertura de horizontes — de grande importância para todos — é vital para os menos favorecidos socialmente. A educação é praticamente a única via pela qual se podem desenvolver e realizar, tanto no plano pessoal, quanto no de sua integração à comunidade”.

*Celcita Rosa Pinheiro da Silva (2003).*

## RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino, PPGE - Programa de Pós-graduação *strictu sensu* da Universidade de Cuiabá. Tem como temática História de vida da professora Celcita Rosa Pinheiro da Silva: atuação docente e parlamentar. O objetivo principal foi historiar as memórias da vida docente e parlamentar da Professora Celcita Pinheiro que exerceu o cargo de Deputada Federal representando o Estado de Mato Grosso de 1998 à 2006. A pesquisa desenvolve o contexto temporal entre o passado e o presente, dialogando com os autores que abordam a memória como fonte de pesquisa, possibilitando compreender a trajetória de vida desta professora e suas atividades realizadas nesse período temporal. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a qualitativa, usada para dar suporte teórico a esse estudo; e a prosopografia, que se alinha à pesquisa qualitativa quando se refere ao contexto social da pessoa investigada, focando na vivência coletiva e na análise do grupo social envidando estudos para além da visão biográfica. Para reconstruir as memórias de Celcita Pinheiro, foi utilizada a memória oral, e neste interim recorre-se ao testemunho de familiares, ex-alunos e do próprio sujeito da pesquisa. Foi feita uma análise de dados referente à memórias arquivadas, tais como atas parlamentares, proposituras, bem como as memórias fotográficas. Para dar suporte teórico ao primeiro capítulo foram utilizados autores como Souza (2006), Le Goff (2003), e Halbwachs (2006), Alberti (2013) e Lopez (2008), Nóvoa (2007), Stone (2011), Aristóteles (1978), Bobbio (1995), Weber (2011), Bosi (2003), dentre outros. Nas considerações finais apresenta-se o resultado de algumas reflexões na busca das respostas iniciais, reconhecendo a importância da subjetividade do indivíduo e a riqueza das informações das histórias orais que nos conduz reflexões a respeito das memórias coletivas. Neste percurso, foi possível identificar alguns aspectos que a levaram a construir essa trajetória, como a importância de seus pais e da educação que deram, por ser o magistério uma profissão feminina para a época, seu marido Jonas Pinheiro em incentivá-la a seguir sua carreira docente e cursar a Universidade. Ao final, percebe-se que estas mesmas pessoas acabaram por influenciar seu ingresso na política, principalmente seu pai, que sempre esteve envolvido com a política desde a infância de Celcita, e seu marido que já estava atuando no meio político e registrou sua candidatura. Sua atuação docente na trajetória profissional, bem como sua atuação no contexto educacional da Secretaria de Educação – SEDUC, atuando na coordenação e desenvolvimento de projetos sócios educativos - foi de grande valia para o desenvolvimento do seu exercício enquanto Deputada Federal, se dedicando à área da educação, ensino, juventude, defesa dos direitos das mulheres e desenvolvimento social. Para tentar compreender sua decisão de se eleger, houve a necessidade de realizar uma reflexão de toda a sua trajetória familiar, docente, profissional e suas redes de sociabilidade. Desse modo, através dos entrevistados, encontrou-se pistas que levaram o sujeito da pesquisa a percorrer esse caminho. Os depoentes desta pesquisa apontaram no sentido de que Celcita sempre valorizou a educação, e o mesmo demonstraram os documentos oficiais da Câmara dos Deputados, em Atas de Sessões, participação em comissões, discursos, projetos de lei e leis de sua autoria.

**Palavras-chave:** formação docente; cargos eletivos; ensino; história oral; memória oral.

## ABSTRACT

This research was developed in the master's course of the Graduate Program in Teaching - Graduate Program strictu sense of the University of Cuiabá. The theme is the life story of professor Celcita Rosa Pinheiro da Silva: teaching and parliamentary performance. The main objective was to record the memories of the teaching and parliamentary life of Professor Celcita Pinheiro, who held the position of Federal Deputy representing the State of Mato Grosso from 1998 to 2006. The research develops the temporal context between the past and the present, dialoguing with authors who approach memory as a research source, making it possible to understand the life trajectory of this teacher and her activities carried out in that time period. The methodology used for data collection was qualitative, using prosopography as a method to give theoretical support to this study, which is in line with qualitative research when referring to the social context of the investigated person, focusing on the collective experience and group analysis social studies beyond the biographical vision. To reconstruct Celcita Pinheiro's memories, oral memory was used, and in the meantime, the testimony of family members, former students and the research subject himself was used. An analysis of data was made regarding archived memories, such as parliamentary minutes, propositions, as well as photographic memories. To give theoretical support to the first chapter, authors such as Souza (2006), Le Goff (2003), Halbwachs (2006), Alberti (2013), Lopez (2008), Nóvoa (2007), Stone (2011), Aristotle (1978), Bobbio (1995), Weber (2011), Bosi (2003), among others. In the final remarks, the result of some reflections in the search for initial answers is presented, recognizing the importance of the subjectivity of the individual and the wealth of information in oral histories, which leads us to reflections about collective memories. Along this path, it was possible to identify some aspects that led her to build this trajectory, such as the importance of her parents and the education they gave, as teaching was a female profession at the time, her husband Jonas Pinheiro in encouraging her to follow her teaching career and studying at the University. In the end, it is clear that these same people ended up influencing his entry into politics, especially his father, who has always been involved in politics since Celcita's childhood, and her husband who was already working in the political milieu and registered his candidacy. Her teaching performance in the professional trajectory, as well as her performance in the educational context of the Secretariat of Education - SEDUC, working in the coordination and development of educational partner projects was of great value for the development of her performance as Federal Deputy, dedicating herself to the area of education, education, youth, defense of women's rights and social development. To try to understand his decision to be elected, there was a need to reflect on his entire family, teaching, professional and social networks. Thus, through the interviewees, clues were found that led the research subject to follow this path. The respondents of this research pointed out that Celcita has always valued education, and the same has been demonstrated by the official documents of the Chamber of Deputies, in Minutes of Sessions, participation in commissions, speeches, bills and laws of his own.

**Key words:** teacher training; elective positions; teaching; oral history; oral memory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1: Celcita à esquerda no quintal da casa de Santo Antônio do Leverger com seus irmãos Manoel, João, Carolina, Irinéia e Air. .... | 25  |
| Figura 2: Foto de Celcita Pinheiro com os irmãos Air e Alvino no quintal da casa de Santo Antônio do Leverger no ano de 1959. ....       | 27  |
| Figura 3: Fachada atual da Escola Leônidas de Matos em Santo Antônio do Leverger .....                                                   | 29  |
| Figura 4: Fachada atual da Escola Estadual Senador Azeredo – Cuiabá/MT .....                                                             | 31  |
| Figura 5: Fachada do Ginásio Coração de Jesus .....                                                                                      | 33  |
| Figura 6: Turma da oitava série do Ginásio Coração de Jesus. ....                                                                        | 34  |
| Figura 7: Formatura da Oitava Série no Ginásio Coração de Jesus .....                                                                    | 36  |
| Figura 8: O pai de Celcita, Sr. Manoel João da Silva e seus funcionários de obra .....                                                   | 42  |
| Figura 9: Celcita com as colegas do magistério. ....                                                                                     | 43  |
| Figura 10: Colégio Normal Pedro Celestino – Liceu Cuiabano .....                                                                         | 44  |
| Figura 11: Convite de Formatura do Magistério .....                                                                                      | 45  |
| Figura 12: Diploma de Habilitação para o Magistério, no colégio Pedro Celestino – Cuiabá/MT. ....                                        | 46  |
| Figura 13: Foto do Casamento de Celcita Rosa e Jonas Pinheiro em 1965. ....                                                              | 50  |
| Figura 14: Celcita Pinheiro com seu marido Jonas Pinheiro e Filhos Giani e Giorgio .....                                                 | 51  |
| Figura 15: Bodas de Prata de Jonas e Celcita Pinheiro .....                                                                              | 51  |
| Figura 16: Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Campus de Cuiabá/MT .....                                                        | 53  |
| Figura 17: Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande/MS .....                                                                       | 55  |
| Figura 18: Diploma de Licenciado em História – Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciência e Letras de Campo Grande .....                 | 59  |
| Figura 19: Foto aérea da Escola Estadual São Francisco – Jaciara .....                                                                   | 78  |
| Figura 20: Antigo prédio da SEDUC – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso ...                                                  | 82  |
| Figura 21: Campanha Eleitoral em 2002. ....                                                                                              | 103 |
| Figura 22: Participando de Sessão na Câmara dos Deputados .....                                                                          | 106 |
| Figura 23: Discurso em Sessão na Câmara dos Deputados .....                                                                              | 111 |
| Figura 24: Homenagem recebida pela Casa de Amparo .....                                                                                  | 113 |
| Figura 25: Aniversário de Celcita com o artista mato-grossense Adir Sodré .....                                                          | 137 |
| Figura 26: Inauguração da Creche em Várzea Grande - Dep. Celcita Pinheiro .....                                                          | 141 |

## SUMÁRIO

|                                                                                               |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                       | <b>11</b> |
| <b>1. QUEM É CELCITA PINHEIRO.....</b>                                                        | <b>22</b> |
| 1.1. A CELCITA PINHEIRO MENINA E SUA INFÂNCIA .....                                           | 24        |
| 1.2. A FORMAÇÃO ESCOLAR.....                                                                  | 28        |
| 1.3. A IMPORTÂNCIA DE SEU PAI PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL .....                              | 37        |
| 1.4. O MAGISTÉRIO .....                                                                       | 43        |
| 1.5. CASAMENTO.....                                                                           | 47        |
| 1.6. O INGRESSO NA UNIVERSIDADE .....                                                         | 52        |
| 1.7. ESPECIALIZAÇÃO.....                                                                      | 61        |
| 1.8. CELCITA PINHEIRO COMO SUJEITO DE PESQUISA.....                                           | 64        |
| <b>2. TRAJETÓRIA DOCENTE DA PROFESSORA CELCITA PINHEIRO NO<br/>CONTEXTO EDUCACIONAL .....</b> | <b>69</b> |
| 2.1. COMO A PROFESSORA CELCITA ENSINAVA? .....                                                | 69        |
| 2.2. A INSERÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL .....                                                 | 81        |
| 2.3. ATUANDO NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO/EDUCACIONAL .....                                       | 83        |
| <b>3. A PROFESSORA QUE INGRESSOU NA POLÍTICA.....</b>                                         | <b>92</b> |
| 3.1. A DECISÃO DE SE ELEGER .....                                                             | 92        |
| 3.2. PROFESSORA CELCITA PINHEIRO É ELEITA COMO DEPUTADA FEDERAL<br>.....                      | 97        |
| 3.3. O EXERCÍCIO DO MANDATO COMO DEPUTADA FEDERAL .....                                       | 104       |
| 3.3.1. <b>Projetos de lei de sua autoria</b> .....                                            | 114       |
| 3.3.2. <b>As contribuições na área da educação</b> .....                                      | 116       |
| 3.3.3. <b>Uma professora como deputada</b> .....                                              | 123       |
| 3.4. A VOLTA DE BRASÍLIA PARA CUIABÁ .....                                                    | 126       |
| 3.5. A EXPERIÊNCIA PESSOAL COM A POLÍTICA.....                                                | 136       |

|                                                |     |
|------------------------------------------------|-----|
| 3.6. QUEM É A DEPUTADA CELCITA PINHEIRO? ..... | 138 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....              | 142 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                       | 147 |

## INTRODUÇÃO

A História de Vida da Professora Celcita Rosa Pinheiro da Silva: Atuação I Parlamentar é uma pesquisa vinculada ao projeto “Gênero, Vida e Ação: memórias de docentes que exerceram cargos eletivos na esfera municipal, estadual e federal”. O objetivo do respectivo projeto é historiar a memória de docentes que participaram da política em Mato Grosso, mostrando suas ações e trazendo para a margem histórias de vidas que contribuíram com o desenvolvimento do estado. Esta pesquisa é a primeira a ser realizada pela Universidade de Cuiabá, que em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ criaram este Grupo de Pesquisa, construindo uma proposta de intercâmbio entre as Universidades.

O percurso de pesquisa desenvolvido neste estudo foi centrado em historiar as memórias individual e coletiva da vida da professora e ex-parlamentar: Celcita Pinheiro, que atuou como Deputada Federal pelo Estado de Mato Grosso de 1998 a 2006. A pesquisa desenvolve o contexto temporal entre o passado e o presente, dialogando com os autores que abordam a memória como fonte de pesquisa, possibilitando compreender a trajetória de vida desta professora e suas atividades realizadas nesse período temporal.

Dessa forma, essa pesquisa apresenta como objetivo principal historiar as memórias da professora e ex-deputada federal Celcita Rosa Pinheiro da Silva, a partir de sua trajetória na educação e na política no exercício de dois mandatos como deputada federal, como meio de entendimento dessa trajetória pessoal e profissional e suas relações com a atuação política.

Para fundamentar esse estudo foram utilizados - como fonte teórica - autores como Le Goff (2003), Bosi (1994), Alberti (2013), Souza (2006), Nóvoa (1992; 1988; 2007), Halbwachs (2006), Lopez (2008), Stone (2011) entre outros, que se dedicam em aprofundar a importância do registro da memória, nos diversos campos de abrangência, tais como: da história, da sociologia e da psicologia social.

As questões que nortearam a pesquisa se fundamentaram em indagações que buscaram identificar quem foi a professora Celcita Pinheiro, como pensa enquanto profissional e, em relação à sua formação, como se vê em uma sociedade com tantas transformações políticas e sociais, e como a docência influenciou o seu ingresso no movimento político mato-grossense? Sua trajetória de vida se alinha com seus ideais enquanto educadora e política? Que legado deixou para a educação do Estado?

Na intencionalidade de angariar respostas a esses questionamentos, os objetivos secundários da investigação buscaram, concomitantemente, identificar quem é essa professora, sua história de vida, sua infância, sua pessoa como profissional, como foi sua formação, como ela se vê em uma sociedade com tantas transformações políticas e sociais e de que forma a docência influenciou seu ingresso no movimento político mato-grossense; analisar fonte documentais que permitam conhecer o participante da pesquisa; identificar as principais contribuições de Celcita Pinheiro na educação do Estado de Mato Grosso; entrevistar a família, amigos e demais integrantes do seu grupo de sociabilidade a fim de reunir informações da vida de Celcita Pinheiro conforme construção coletiva.

Conforme salienta Maurice Halbwachs (1990) a memória também deve ser entendida, como fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. Desse modo, a memória da Professora Celcita Pinheiro - tanto na educação quanto na política – se torna objeto para o estudo, dada a importância das memórias individuais e coletivas para o entendimento do desenvolvimento social e histórico e da educação mato-grossense.

A intencionalidade da presente investigação é registrar para a história da educação de Mato Grosso a trajetória de vida da professora Celcita Pinheiro tanto no exercício da docência, como no da política, a partir de duas fontes: a memória oral e a memória arquivada (RICOEUR, 2007). Nesse percurso, buscou-se fazer uma interpretação destas memórias como forma de compreender sua trajetória enquanto docente, na educação do Estado, e o que a influenciou ingressar no cenário político mato-grossense, chegando a exercer cargos eletivos, atendendo dessa forma o objeto do Projeto inicial do qual esta pesquisa se insere, qual seja: “Gênero, vida e ação: memórias de docentes que exerceram cargos eletivos nas esferas municipal, estadual e federal em Mato Grosso”. O respectivo projeto tem por escopo registrar memórias de docentes que exerceram cargos eletivos, principalmente por se tratar de uma mulher, visto que estas tendem a ter pouca participação na vida política partidária. Atendendo a essa premissa, elegeu-se como objeto sujeito de estudo a professora aposentada e ex-deputada Celcita Rosa Pinheiro da Silva.

Cabe-se ressaltar que durante dezesseis anos, entre 1975 e 1990, Celcita Pinheiro lecionou em sua região, e exerceu as atividades de técnica de assuntos educacionais e culturais da Secretaria de Educação e Cultura de Cuiabá. Já no cenário político, em 1990 filiou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL) legenda pela qual foi eleita deputada federal em 1998, como representante do estado do Mato Grosso, tendo sido reeleita em 2002.

Apesar de ser um período historicamente curto, as transformações ocorridas na sociedade e na educação foram significativas para contextualizar os aspectos subjetivos da entrevistada. Dessa maneira, para alcançar a problemática inicial, procurou-se averiguar sua atuação – como docente e educadora - no cenário político, verificando de que forma contribuiu para a educação em Mato Grosso, bem como se sua trajetória de vida se alinha com seus ideais enquanto educadora e política, buscando entender quais seriam os níveis de articulações do conhecimento adquirido na carreira de professora, na atuação políticas nos espaços de poder e disputa.

O expressivo aumento de professores que ingressam no cenário político do Brasil alia esse fator às reflexões sobre as motivações e influências que essa professora evidenciou ao se tornar docente, articulando posteriormente, seu ingresso no cenário político mato-grossense.

Ao se buscar conhecer a trajetória de vida de uma pessoa, é preciso reconstruir seu itinerário. Para tanto, foram utilizadas duas fontes para a realização desta pesquisa: o oral e o escrito, os quais Ricoeur (2007) classifica como memória oral e memória arquivada. Conforme o referido autor: a memória oral é expressa pelas lembranças das pessoas que vivenciaram os acontecimentos que serão resgatados, enquanto a memória arquivada entende-se como os documentos escritos. Através da memória pode-se reorganizar o passado, permitindo a reconstrução do momento já vivido, dos fatos que já ocorreram, visto que a memória tem o intuito de resguardar esses ocorridos. Utilizando-se da memória, pode-se trazer à tona o passado, vivenciado no presente, por meio das recordações vivenciadas. Para Alberti (2005, p.5) deve-se chamar a atenção para o caráter factual da memória. Em outras palavras: chamando a atenção para as possibilidades oferecidas pela história oral no sentido de se investigar a memória lá onde ela não é apenas significada, mas também acontecimento, ação.

Na busca de conhecer os fatos vivenciados de Celcita Pinheiro, recorre-se ao testemunho de pessoas que fizeram parte de sua trajetória, além do seu próprio testemunho. Para Halbwachs (2013, p. 39) para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não é suficiente que estes nos apresentem seus testemunhos: mas, também torna-se necessário que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que permaneçam diversos pontos de contato entre uma e outras, de forma que, a lembrança que nos fazem recordar possa ser constituída sobre uma base comum.

As recordações ainda vivem na memória coletiva, pois não estamos sós, pelo contrário, fazemos parte de uma teia social. Desse modo, se faz relevante a participação de outras pessoas que constituíram deste contexto, ou seja, fizeram parte de alguns momentos de vida da

entrevistada, visto que será de grande importância seus relatos na construção da elaboração desta pesquisa. De acordo com Amado (2006, p. XV), a memória dos informantes auxilia na recuperação e recriação do objeto de estudo do historiador, no caso da história oral, visto que a memória, nestes casos, dá um norte às reflexões históricas, levando ao desenvolvimento de teorias e metodologias importantes.

Diante da sua presença da entrevistada - objeto de pesquisa do presente estudo - tanto na educação como no cenário político, vê-se justificado a importância de se registrar as memórias de sua trajetória. De acordo com Le Goff (2003, p. 423) a respeito da memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, pelas quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas.

Nesse sentido, para reconstituir as memórias de Celcita Pinheiro, utilizou-se a memória oral e neste ínterim recorreu-se, além de seus relatos, ao testemunho de familiares e ex-alunos como contribuintes de sua construção social. Por conseguinte, foi feita uma análise de dados referente a memórias arquivadas, tais como atas parlamentares, proposituras, bem como as memórias fotográficas.

Metodologicamente, o estudo se configura como qualitativo, visto que possui interesse em compreender e registrar a trajetória de vida de docentes que exerceram cargos eletivos, além de investigar os motivos que os levaram a seguir essa trajetória. Os fenômenos que embasam as ações humanas são dotados de motivações e sentidos, diante deste aspecto, a pesquisa qualitativa responde a este anseio, visto que privilegia a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação, o que nos permite desenvolver a subjetividade para dialogar com questões educacionais, culturais e históricas investigando as experiências individuais e coletiva.

A metodologia qualitativa entende que a ação humana é dotada de sentido, sendo assim, por meio do uso desta abordagem é possível conhecer as razões que dão sentido e que motivam as ações humanas. De acordo com Silva (2010, p. 06) a abordagem qualitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões.

Os dados do período em que exerceu mandato como Deputada Federal, fornecidos pelo acervo do site da Câmara dos Deputados, e pelas fotografias do acervo familiar, foram analisados sob a ótica da metodologia qualitativa, que, de acordo com Minayo (2016), tem como foco, principalmente a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar.

A investigação científica qualitativa busca pesquisar a atividade humana e social em razão do compromisso com a realidade histórica e atual. A coleta de depoimentos torna a pesquisa relevante e séria, fortalecendo a pesquisa teórica e dando suporte para os questionamentos iniciais do projeto, constatando as variáveis, dialogando com os dados que vão se apresentando.

Além disso, a pesquisa qualitativa possui outras características, como a preocupação com o processo que é tão importante quanto o produto, sendo de extrema importância fazer a análise das interações e manifestações do objeto de estudo. Menga Ludke e Marli André (1986) na obra *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*, consideram importantes os diferentes pontos de vista dos participantes, para os autores, os estudos qualitativos permitem clarear a estrutura interna e dinâmica das situações, pois os dados não se revelam à primeira impressão. Por essa razão, torna-se importante a utilização da metodologia qualitativa, visto que ao utilizar-se desta se faz inter-relações dentro de inúmeras relações e fatos socialmente e historicamente contextualizados.

Ainda, Para Ludke e André (1986, p. 12) em uma pesquisa faz-se necessário fazer o confronto entre dados, evidências, informações coletadas sobre o assunto e o conhecimento acumulado a respeito do mesmo. As respostas aos nossos questionamentos do problema central de nosso estudo foram respondidas através dos dados investigados.

O método escolhido para dar suporte teórico a esse estudo é a prosopografia, que se alinha à pesquisa qualitativa quando se refere ao contexto social da pessoa investigada, focando na vivência coletiva e na análise do grupo social envidando estudos para além da visão biográfica. Contudo, nesta pesquisa o método não foi adotado na íntegra, mas apenas na visão conceitual.

Como forma de auxiliar os estudos da Prosopografia buscamos o aporte teórico de Stone (2011, p. 115-116) que segundo o autor, foi “inventada como um instrumento da história política, ela é agora crescentemente empregada pelos historiadores sociais”, sendo uma ferramenta que auxilia a análise da totalidade temporal da vida de uma pessoa como o nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica, educação, experiência em cargos, entre outros. Além disso, possibilita a compreensão interpretativa de vínculos de pessoas que fizeram ou fazem parte com o sujeito da pesquisa, bem como a correlação de vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo que são então justapostos e examinados em busca de variáveis significativas. sendo de grande valia para o registro da história política de um determinando período.

Para Stone (2011, p. 116) o propósito da prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história de um estudo coletivo de suas vidas, sendo uma técnica utilizada para fazer uma investigação meticulosamente detalhada sobre a genealogia, os interesses comerciais e as atividades políticas do grupo, os relacionamentos expostos por meio de detalhados estudos de caso, apoiados apenas de maneira secundária e em grau relativamente menor por suportes estatísticos.

Para se cumprir o objetivo de buscar e registrar a trajetória de docentes que exerceram cargos eletivos (no presente estudo trata-se de Celcita Pinheiro) a prosopografia oferece suporte teórico, uma vez que ela nos permite perscrutar características comuns de atores na história, por meio de um estudo sistemático e minucioso da vida destes docentes, segundo Stone (1971). Ainda de acordo com o referido autor, a prosopografia combinaria a habilidade humana na reconstrução histórica por meio da reconstrução dos detalhes significativos e na particularidade com as preocupações estatísticas e teóricas; formaria o elo perdido entre a história política e a história social.

Segundo Stone (2011, p. 116) o propósito da prosopografia é dar sentido à ação política, explicar mudanças culturais e ideológicas, identificar a realidade social e descobrir e analisar a estrutura da sociedade. Com o intuito de compreender e registrar as ações políticas, de cunho ideológico ou cultural, a estrutura e a realidade social dos atores envolvidos, torna-se necessário investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos, etc.

Desse modo, a prosopografia se associa à biografia, visto que a biografia pode prescindir a prosopografia, pela simples razão de focar em apenas um indivíduo, levando então, a partir de casos individuais, chegar à construção de dados e informações sobre o grupo em foco de investigação (HEINZ, 2011, p. 97). Ademais, a prosopografia poderá ser um meio importante para uma investigação mais completa, desenvolvendo um conhecimento da dinâmica das elites, ou seja, de grupos privilegiados de uma comunidade específica inserida num espaço regional/nacional.

Foi utilizado como ferramenta para coleta de dados a entrevista, recurso que permite a interação entre duas ou mais pessoas com objetivos estabelecidos. Através da entrevista, é possível se ter como matéria-prima a fala de alguns interlocutores (Minayo, 2016, p. 58). A interação entre entrevistador e entrevistado é essencial, visto que, possibilita a expressão de condições de vida, da revelação de valores e crenças, a intenção do grupo dentro das mesmas

condições históricas, socioeconômicas e culturais acerca do objeto de estudo, pois a fala dos entrevistados pode conter informações de grande importância. As informações foram obtidas através da entrevista, por meio de uma interação social, ou seja, trocas verbalizadas e não verbalizadas, podendo ser parte da mesma interação das relações humanas sociais. Dessa forma, Minayo (2016, p. 60) ao levar em consideração as informações obtidas através dos atores sociais, ou de um grupo conflituoso, cada entrevista terá realidades diversas, na maneira como será realizada, bem como com relação aos dados produzidos.

Na análise documental torna-se imprescindível informar fatos oficiais, visto que complementa as informações. Tal procedimento realiza-se através de uma organização rígida e criteriosa da legitimidade dos respectivos dados documentais.

Na pesquisa qualitativa a entrevista é reconhecida como uma ferramenta de coleta de dados imprescindível para alcançar o objetivo proposto da investigação. Para Thompson (1992, p. 254) entrevistar exige habilidade, interesse pelo outro, flexibilidade nas relações, compreensão, simpatia e disposição para calar-se e ouvir com qualidade.

Thompson (1992) nos remete que para se obter uma boa entrevista torna-se importante que o entrevistador tenha um conhecimento prévio, através de leituras, dentre outras formas, bem como o respeito e interesse pelos outros, empatia, paciência, além da capacidade de ouvir e se relacionar.

Neste sentido, a entrevista não se resume em um diálogo ou universo de palavras. As emoções do entrevistado trazem novas compreensões aos fatos, e caso o pesquisador banalize esse fato, coleta em risco a coleta de dados.

A análise de fonte documental se deu através de: atas parlamentares, jornais, fotografias, folhetos, vídeos, entre outras fontes que auxiliem na busca de informações obtidas, para alcançar um estudo minucioso do objetivo proposto nesta investigação. De acordo com Gil (2007, p. 46) “são considerados documentos os arquivos de órgão públicos, instituições privadas, cartas pessoais, fotografias, gravações, regulamentos, ofícios, entre outros”.

Desse modo, pode ser considerado documento tudo aquilo que possui registro de fatos históricos, podendo servir como ferramenta pelo pesquisador para se buscar informações e dados que possam auxiliar na construção do conhecimento do objetivo da investigação.

Para a escuta e transcrições, a autora Verena Alberti (2013) foi fundamental, visto que auxiliou na adoção da metodologia da história oral, utilizando o tratamento de dados.

A metodologia da história oral, norteadada por Alberti (2013, p. 332) foi utilizada para transcrever os depoimentos. Através de seu escopo teórico, a autora defende que... Quanto às

normas gramaticais, o programa deve decidir a adoção na apresentação final de suas entrevistas. Aduz ainda que em seu Programa de História Oral optaram por ajustar a fala do entrevistado e entrevistadores à norma gramatical, visto que entende que mantê-lo na entrevista transcrita estaria dando um destaque que não foi dado na conversa.

Por essa razão, realizou-se na transcrição das entrevistas a correção gramatical da fala dos depoentes. Além disso, para Thompson (1992) decisões e precauções devem ser tomadas antes das entrevistas, como o sigilo que se torna imperioso entre o entrevistado e o entrevistador. Desse modo, deve-se dar prioridade à coleta do material.

Ecléa Bosi (1994, p. 59), em sua obra “Memória e sociedade – lembranças de velhos” aborda a respeito da experiência da releitura e as intervenções do tempo em um movimento de regressar ao velho na busca de novos significados, visto que não se revive o passado tal como ele é visto que diante do limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão reconstruir no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Nesta seara, exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a avaliar o conteúdo das memórias.

As histórias de vida tornam-se ciência quando um interesse nasce do senso comum. Como uma história, a vida traz os acontecimentos da trajetória individual e são narradas como representações dessa história, sendo registrada através do gênero biográfico, quando se abre para a problematização, adentrando suas particularidades, buscando pistas a respeito de documentos e se deparando com a história oficial.

Por fim, cabe ressaltar que é de grande valia compreender as motivações de professores em ingressar na carreira política a fim de trazer benefícios para a educação de nosso país, tanto a nível federal, estadual ou municipal, de se dedicar à luta de interesses para o ensino primário, fundamental e médio, bem como desenvolvimento e incentivo ao ensino superior. Cabe-nos buscar quais os valores familiares, morais, educacionais e cívicos motivam estes professores e se dedicarem e se disporem para tal missão.

No capítulo 1 - Quem é Celcita Pinheiro – aborda-se um breve histórico da vida de Celcita Pinheiro, desde o seu nascimento, sua infância, fatos que marcaram sua convivência familiar, principalmente a influência que seu pai teve na sua formação escolar, e que, neste sentido foi quem estimulou o início de sua vivência como mulher no espaço público, ao incentivar que a mesma fosse estudar fora de casa, ainda criança. Aborda-se também sua formação escolar nos períodos de infância, juventude, Magistério, seu casamento com Jonas Pinheiro que sempre a apoiou na sua trajetória de formação e docente, o ingresso na Faculdade

e Especialização, e ao final do capítulo é feita uma reflexão na perspectiva investigatória de Celcita Pinheiro como sujeito de pesquisa.

Para dar suporte teórico a este capítulo foram utilizados os seguintes autores e obras: Elizeu Clementino de Souza (2006) – A arte de contar e troca experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação; Antônio Nóvoa (2007) – Formação de Professores e qualidade de ensino; Jacques Le Goff (2003) – História de Memória; Janaína Amado & Marieta de Moraes Ferreira (2017) – Usos e Abusos da história oral; Verena Alberti (2013) – Usos e Abusos da história oral; Ecléa Bosi (1994) – Memória e Sociedade – lembranças de velhos; Hanna Arendt (2000) – A condição humana; Simone Beauvoir (2009) – O segundo sexo; Antônio Nóvoa (1992) – Os professores e as história de sua vida; Maurice Halbwachs (2006) – Memória Coletiva; Immaculada Lopez (2008) – Memória social: uma metodologia que conta história de vida e desenvolvimento local.

No capítulo 2 – Trajetória docente da professora Celcita Pinheiro no contexto educacional – busca-se investigar sua trajetória docente e compreender como a professora Celcita ensinava através de depoimentos de ex-alunos. A seguir abarca-se, sua inserção no contexto educacional, nos momentos em que não esteve em sala de aula, mas continuou atuando na seara educacional dentro da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso – SEDUC, principalmente de sua atuação em projetos sócio educativos, que dão início à sua rede de sociabilidade, buscando conhecer melhor estes aspectos por meio de depoimentos, através de entrevista a colegas de profissão que atuaram juntamente com Celcita em alguns momentos desta trajetória.

Para dar suporte teórico a este capítulo foram utilizados os seguintes autores e obras: Elizeu Clementino de Souza (2006) – A arte de contar e troca experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação; Antônio Nóvoa (2007) – Formação de Professores e qualidade de ensino; Lucília de Almeida Neves Delgado (2010) – História oral: memória, tempo, identidade; Antônio Nóvoa (1988) – A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus; Maria Isaura Pereira de Queiroz (1991) – Variações sobre a técnica de gravador no registro de informação viva; Lawrence Stone (2011) – Prosopografia; Cláudio Oliveira Arantes (1989) – Planejamento educacional e planejamento de redes escolares: o caso brasileiro; Antônio Nóvoa (1992) – Os professores e as história de sua vida; Maurice Halbwachs (2006) – Memória Coletiva; Immaculada Lopez (2008) – Memória social: uma metodologia que conta história de vida e desenvolvimento local.

No capítulo 3 – A professora que ingressou na política – são abordados aspectos relevantes que nos orientam para a compreensão de sua decisão de se eleger e quais foram as influências que a levaram seguir adiante. É detalhado seu processo de eleição à Deputada Federal do Estado de Mato Grosso e sua chegada em Brasília e quais Comissões ingressou, refletindo sobre sua preferência pela Comissão de Educação, se que se fez sempre presente no decorrer dos dois mandatos que exerceu. Buscou-se sua trajetória como Deputada Federal, seus objetivos como parlamentar, demonstrando a importância da educação, da assistência social e da defesa dos direitos das mulheres, jovens e idosos, interligando seu relato com documentos parlamentares pesquisados no site da Câmara dos Deputados e Documentos Oficiais, bem como seus discursos em Sessão. Para finalizar, desenvolveu-se a sequência de seu retorno a Cuiabá, após perder a tentativa de reeleição pela segunda vez, e sua experiência pessoal a respeito deste período como parlamentar.

Para dar suporte teórico a este capítulo foram utilizados os seguintes autores e obras: Aristóteles (1978) – A política; Norberto Bobbio (1995) – Estudos sobre Hegel – direito, sociedade civil, Estado; Max Weber (2011) – Ciência e Política – duas vocações; Dalmo de Abreu Dallari (2002) – Elementos de teoria geral do Estado; Elizeu Clementino de Souza (2006) – A arte de contar e troca experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação; Antônio Nóvoa (2007) – Formação de Professores e qualidade de ensino; Norberto Bobbio (1999) – O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos; Ecléa Bosi (2003) – O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social; José Nilo Tavares (1982) – Conciliação e radicalização política no Brasil: ensaios de história política; Ricoeur (2007) – A memória, a história, o esquecimento; Maurice Halbwachs (2006) – Memória Coletiva; Immaculada Lopez (2008) – Memória social: uma metodologia que conta história de vida e desenvolvimento local, Lucília de Almeida Neves (2000) – Memória, história e sujeito: substratos de identidade.

Neste processo, identificaram-se alguns aspectos que a levaram a construir essa trajetória, como a importância de seus pais e da educação que deram, a decisão de seu pai de que todas filhas se tornassem professoras, a fim de ter independência financeira e não ter que depender de marido ou ter que se submeter a violência desse. A decisão tomada pelo pai de que a filhas se formassem “professoras” nos leva a inferir ao fato de que o magistério era a profissão, diríamos mais adequado para as mulheres à época, visto que facilitava a mulher ficar um período em casa com da família. No entanto, a justificativa utilizada pelo pai a nosso ver é relevante para a período, não “depende de marido”, isto é, liberdade financeira.

Posteriormente, foi identificada a importância de seu marido Jonas Pinheiro em incentivá-la a seguir sua carreira docente e cursar a Universidade. Coincidência ou não, as duas pessoas que mais incentivaram sua trajetória docente, acabaram por influenciar seu ingresso na política: o pai, de forma indireta, e o marido de forma direta.

No percurso dessa pesquisa foi traçado, uma conexão dos fatos da vida de Celcita Pinheiro com sua vivência enquanto mulher no espaço público em diversos momentos de sua trajetória, seja como filha, seja como esposa, professora ou parlamentar, alinhando sua história com momentos de fortaleza a outros de fraqueza. Desse modo, foi possível compreender e adentrar um pouco no aspecto subjetivo de nosso sujeito de pesquisa.

## 1. QUEM É CELCITA PINHEIRO

Este capítulo apresenta, inicialmente, parte da trajetória de Celcita Rosa Pinheiro da Silva, que compreende desde o seu nascimento, sua infância, e, em razão do objeto da nossa pesquisa, abarcando sua formação escolar e acadêmica. Também são trazidos à baila aspectos importantes de duas pessoas fundamentais que exerceram influência na sua trajetória profissional: seu pai e seu marido Jonas Pinheiro. Além disso, são apresentados os depoimentos de ex-alunos, a fim de compreender como Celcita Pinheiro era como professora e como ensinava. Por fim, é desenvolvido a inserção no contexto educacional e sua atuação no desenvolvimento sócio educacional. No decorrer de todo o Capítulo foi trazido à baila aspectos históricos, da história coletiva, em que se entrelaçam com a trajetória do sujeito da pesquisa.

Alberti (2013, p. 157) alerta para a importância da entrevista: “É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral; é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo”.

A pesquisa, ao se utilizar de fontes orais, possui como base a memória individual de cada entrevistado, que segundo Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (2017, p. XIV) são legitimadas como fontes abrangendo a subjetividade de cada entrevistado, seja as suas emoções, seja seu cotidiano, que sempre são ricos, seja por seu valor informativo numa perspectiva temporal que agrega uma reflexão histórica, ou por seu exclusivo valor simbólico, que engrandece a pesquisa, norteando as reflexões históricas do pesquisador com desdobramentos teóricos e metodológicos. Nesta direção, Amado e Ferreira (2017, p. XIV) esclarece que na história oral:

“existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação” (AMADO; FERREIRA, 2017, p. XIV).

Os dados do período em que exerceu como Deputada Federal, fornecidos pelo acervo do site da Câmara dos Deputados, e pelas fotografias do acervo familiar, serão analisados sob a ótica da metodologia qualitativa, que “Seu foco é, principalmente a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (MINAYO, 2016 p.

72). De acordo com Le Goff (2003, p. 469) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

A fim de buscar esses acontecimentos que marcaram a vida de Celcita Pinheiro, seguiu-se o caminho da História Oral, que converge com o método da prosopografia por abarcar os testemunhos e acontecimentos históricos, movimentos, tanto pessoal, como quando foi Deputada Federal e seus feitos políticos. Por fim “A entrevista de história oral – seu registro gravado e transcrito – documenta uma visão do passado” (ALBERTI, 2013, p. 26). A esse respeito Souza pontua que a entrevista:

“corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. Tal categoria integra uma diversidade de pesquisas ou de projetos de formação, a partir das vozes dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos” (SOUZA, 2006, p. 27).

Nesta perspectiva a autora Ecléa Bosi (1994) em seu livro “Memória e sociedade – lembranças de velhos” apregoa a importância de compreender que não se revive o passado tal como ele é, mas fazendo uma releitura com as intervenções do tempo, na busca de novas ressignificações do regresso ao velho, reconstruindo o passado através de uma nova visão dos fatos ocorridos, visto que esses vêm com uma bagagem do tempo, acrescidas com a maturidade e as experiências e vividas no decorrer do tempo, que ampliam a visão de fatos passados, trazendo uma nova roupagem, uma lupa que nos auxilia a enxergar detalhes que até então não tínhamos visto. Bosi nos traz a importância dessa reconstrução da história:

“Posto o limite fatal que o tempo impõe ao historiador, não lhe resta senão *reconstruir* no que lhe for possível a fisionomia dos acontecimentos. Neste esforço, exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a avaliar (logo, a alterar) o conteúdo das memórias” (BOSI, 1994, p. 59).

É nesta acepção que a história de vida da professora Celcita Pinheiro, abarca as biografias e (auto) biografias docentes e suas carreiras para o debate educacional (NÓVOA, 2007). Neste interim, cumpre-nos abordar e refletir sobre a formação docente e história

profissional desta professora, bem como o que motivou sua atuação na política brasileira, e sua desenvoltura e contribuições como Deputada Federal.

### 1.1. A CELCITA PINHEIRO MENINA E SUA INFÂNCIA

A fim de apresentar aspectos da biografia pessoal e familiar da professora Celcita Pinheiro, retratando seus aspectos sociais, históricos e culturais, que influenciaram sua formação escolar, política e profissional, inicia-se com a compreensão de como foi a infância desta Professora.

Celcita Rosa Pinheiro da Silva nasceu em Santo Antônio do Leverger (MT), no dia 22 de dezembro de 1943, filha de Manoel João da Silva e Teodosia Francisca da Silva, de parto normal, pois “naquela época não tinha Hospital em Santo Antônio do Leverger”. Ao buscar compreender a história de vida, desde o nascimento da entrevistada nos conduz à compreensão da sua memória familiar, induzindo a um contexto histórico, no qual as crianças nasciam em casa, com o auxílio das parteiras, visto que as cesáreas eram apenas realizadas em Hospitais de cidades grandes e capitais, para partos com complicações.

Adentrando o contexto histórico da época, onde o casamento seguia ainda os ditames tradicionais de celebração, com um aspecto moral e cultural marcantes nesse sentido, a entrevistada ainda relata que:

*“Meus pais foram bem casados. Minha mãe, naquele tempo, teve que casar por Procuração, pois meu pai era preto e minha mãe era branca, e, meus avós maternos não queriam esse casamento. Então se casaram por procuração e se encontraram em uma região de índios por um tempo, e depois voltaram para Santo Antônio<sup>1</sup>”.*

Maurice Halbwachs em seus estudos com relação a polaridade do eu e do coletivo, pondera que “[...] o ponto de partida de toda análise não pode ser abolido por sua conclusão: é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social. Ora, esse ato de recordação é cada vez mais nosso. Acreditá-lo, atestá-lo não pode ser denunciado como uma ilusão radical” (HALBWACHS, 1990, p. 133).

---

<sup>1</sup> De Depoimento de Celcita Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 1:** Celcita à esquerda no quintal da casa de Santo Antônio do Leverger com seus irmãos Manoel, João, Carolina, Irinéia e Air.



**Fonte:** Acervo da própria entrevistada

Na foto Celcita está no quintal de sua casa em Santo Antônio do Leverger com seus irmãos Manoel, João, Carolina, Irinéia e Air<sup>2</sup>. Pode-se perceber a alegria da entrevistada ao relatar sua infância, e toda a lembrança desta época vivida, ao enfatizar que esse período foi muito bom: “muito bom mesmo!”, e continua relembrando:

*“Meus padrinhos eram seus vizinhos, então era na casa deles que a gente brincava e ‘fazia de um tudo’. Naquela época não tinha muita coisa para se fazer, não tinha o perigo. Brincava de correr, de subir na árvore. Eu e minha Irinéia vivíamos correndo na casa dos meus pais e na casa da minha avó, que hoje é a minha casa em Santo Antônio<sup>3</sup>”.*

Ao adentrar nas lembranças da entrevistada, somos guiados para um fragmento do tempo histórico vivenciado pelos sujeitos que foram fotografados, fragmento que a princípio que se encontra congelado, mas a medida a que Celcita expressa as lembranças a fotografia, se torna envolta de vida e de um grupo social que contém aspectos culturais bem marcantes. Halbwachs (1990), ainda ao falar a respeito da memória coletiva, enfatiza:

*“[...] Assim, quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se*

<sup>2</sup> As fotos são utilizadas na concepção de memória arquivada de Ricouer e como lugares de memória de NORA 1997.

<sup>3</sup> De Depoimento de Celcita Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais” (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Buscando compreender aspectos subjetivos da personalidade da entrevista, a fim de compreender a origem da sua trajetória de vida, e o que levaram a percorrer determinados caminhos e a tomar determinadas decisões, questionamos à entrevistada como era como criança, a qual nos relata:

*“Eu sempre fui uma criança muito enjoada. Nunca gostei de manga amassada, então subia na árvore para pegar manga, para poder chupar a manga sem estar amassada. Também brincava muito de quitute. Essa brincadeira fez com que eu tivesse uma aversão por peixe gelado, frio. Eu não como comida fria, porque foi num quitute que eu fui com uma colega, e ela levou um peixe assado gelado, pois já estava frio. Eu comi, mas aquela comida me fez um mal danado, então nunca mais, até hoje, não como nada de comida gelada. Posso chegar na minha casa de madrugada, meia-noite, a hora que for, se for comer, eu esquento minha comida no fogão<sup>4</sup>”.*

Dentro deste intuito de compreender a formação da subjetividade do sujeito da pesquisa nos remetemos à autora Immaculada Lopez (2008), que nos traz a compreensão de que a:

*“História nunca está pronta, nem é absoluta. O fazer histórico é um processo permanente, vivo, que diz respeito a todos. É impossível imaginar a vida sem História. Sem ela, as pessoas não saberiam quem são, nem para onde vão. Mais do que lembrar o que foi vivido, a narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que se vive hoje e o futuro que se deseja” (LOPEZ, 2008, p. 16).*

As lembranças familiares demonstram a importância que algumas pessoas específicas de sua infância marcaram sua vida e sua personalidade de forma contundente. A entrevista fala com grande admiração de sua madrinha, de sua força, garra, dedicação ao trabalho e à família, que pudemos observar, influenciaram a trajetória de vida profissional da entrevistada:

*“Na casa da minha madrinha, ela mexia naquela época com fumo, torcia fumo. Na minha casa, eu não fazia isso, mas na casa da madrinha eu gostava demais. Eu levantava cedo, com minha irmã mais velha, e íamos lá, e nossa brincadeira era torcer o fumo, ajudar a madrinha a torcer o fumo. Depois, a madrinha fazia muita farinha, e nós gostávamos de ajudar, para ganhar um biju. No final ela fazia um biju e fígado assado. Então, isso era para a gente uma coisa maravilhosa, e hoje, quase não como fígado, mas naquela época, para mim era um sonho. Depois de auxiliar a madrinha, no final a gente*

---

<sup>4</sup> De Depoimento de Cecília Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*ganhava um vestido, ou realizava o desejo de uma simples, mas grande paixão por pão com manteiga Aviação, naquela lata grande. Então, quando minha madrinha recebia o dinheiro do que vendia (fumo ou a farinha), eu ia lá e comprava um pão quentinho com manteiga. Então era aquela alegria muito grande na minha vida<sup>5</sup>”.*

**Figura 2:** Foto de Celcita Pinheiro com os irmãos Air e Alvino no quintal da casa de Santo Antônio do Leverger no ano de 1959.



**Fonte:** Acervo da própria entrevistada

Na figura 2, Celcita está no quintal da casa de Santo Antônio do Leverger com seus irmãos Air e Alvino, no ano de 1959. Na realidade lembrada por Celcita, revelam-se as próprias percepções da infância da depoente marcadas por valores subjetivos, elemento da memória social, descrito por Halbwachs (2006, p. 34).

Em seu relato, pode-se identificar sua história, através de uma narrativa organizada, em determinado tempo. Essa construção ocorre, no presente, através da memória oral: “Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula” (LE GOFF, 1996, pág. 18).

As lembranças de Celcita de sua infância estão inseridas na memória familiar, que de acordo com Halbwachs (1990, p. 71), pode influenciar de certa forma: “a medida em que a criança cresce, e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta e mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente, sem disso perceber-se”.

---

<sup>5</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

## 1.2. A FORMAÇÃO ESCOLAR

Ao abordar a formação escolar de Celcita Pinheiro, é imprescindível que a ênfase recaia sobre os conhecimentos adquiridos no decorrer de sua formação e de que maneira sua prática docente foi influenciada. Ao adentrar na história de vida da entrevistada, e consequentemente em um espaço temporal passado, a pesquisa tem o condão de resgatar o passado para o presente, levando-nos a uma reflexão sistêmica. Neste liame, Alberti (2005) aborda essa compreensão de que ao documentar as ações de constituição de memórias, estas ações acabam por criar uma nova roupagem temporal, que possui um interesse social:

“[...] a entrevista de história oral é resídua de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado. Note-se que, se chamo isso de ação é porque estou indo um pouco além da constatação inicial de que a entrevista é uma construção do passado” (ALBERTI, 2005, p.5).

Ao buscar compreender os aspectos morais e intelectuais da entrevistada adentramos em seu universo subjetivo, em suas lembranças remotas, que se fazem presentes e sua memória, e nas memórias das pessoas que com ela conviveram. Na busca de compreender como a entrevistada se tornou professora, nos deparamos com o fato de que esse processo de inicia com sua formação escolar, que inicialmente é trilhado pela escola normal, pois trata-se de requisito indispensável de formação para poder cursar o nível superior, sendo o magistério a primeiro sopro. A entrevista relata como iniciou seus estudos:

*“Sempre fui uma pessoa de querer ir na igreja, desde aquela época. Fui batizada e crismada ali na igreja de Santo Antônio do Lewerger. Estudei no grupo escolar Leônidas de Matos, que hoje é a Escola Estadual de primeiro e segundo grau. Já fui para a escola meio alfabetizada, porque meu pai não deixava os filhos irem para a escola sem saber nada. Meu pai era pedreiro, mas à noite ele cortava caixa de sapato, fazendo as letras do alfabeto: escrevia e recortava, e, fazia os filhos estudarem as letras. Depois, as letras salteadas, aí formava as palavras juntando aquelas letras. Então eu já fui para escola alfabetizada e sabendo a tabuada. Eu sei a tabuada de cor e salteado até hoje, porque estudei muito com o meu pai tabuada, que ‘tomava’ dos filhos. Nunca apanhei na escola por causa de tabuada, pois eu sabia tabuada<sup>6</sup>”.*

---

<sup>6</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 3:** Fachada atual da Escola Leônidas de Matos em Santo Antônio do Leverger



**Fonte:** G1 - Com ares-condicionados de 'enfeite' na parede, alunos enfrentam calor - notícias em Mato Grosso (globo.com)

Na figura 3, pode-se visualizar a fachada atual da Escola Leônidas de Matos em Santo Antônio do Leverger, escola que Celcita estudou pela primeira vez. Através da entrevista, é possível se ter “como matéria-prima a fala de alguns interlocutores”. (Minayo, 2016, p. 58). Minayo fala da importância entre entrevistador e entrevistado, pois dá a oportunidade para a expressão de condições de vida, de valores e crenças das condições históricas, socioeconômicas e culturais, que estão contidos nas falas dos entrevistados, podendo conter informações valiosas, causando uma interação das relações humanas sociais (Minayo, 2016, p. 60).

A determinação de seguir uma carreira por parte de Celcita Pinheiro, pode ter sido construída seguindo os anseios normais de alguém que queira ser professor, como concluir a escola normal, ter uma profissão e chegar à universidade. Mas além destes anseios, podem existir outras situações e trajetórias que influenciam na vontade de se tornar professor, como colegas de formação, professores, bem como pessoas que possuíam o mesmo querer de se tornar professor e fazer do magistério uma profissão. Neste sentido a entrevistada relata como era sua primeira professora:

*“A minha primeira professora, da alfabetização, foi a Professora Lepoldina Teixeira. Naquela época era a professora “mais estudada” que tinha em Santo Antônio. Ela tinha o ginásio, que naquela época chamava Bacharel. Eu achava que ela era uma pessoa linda, maravilhosa. Lembro que a mesa era alta, e nós éramos pequeninhos lá no fundo, e ela ficava lá em cima. E ela falava alto, “quase gritando! Mas era maravilhosa, e tinha muita paciência com os alunos. Sempre gostei muito dela e acabei tendo uma grande amizade com ela, até quando ela veio a falecer. Então aquela escola que era perto de Santo Antônio fechou. Na verdade, ali não era uma escola, era uma casa.*

*Depois é que foi construindo o prédio, aí é que os alunos foram para a escola. Leopoldina Teixeira foi minha professora até na segunda série. Depois, ela passou para lecionar na quarta série, e eu ainda não tinha chegado lá, aí fui passando por outras Professoras, mas nenhuma foi como ela. A Professora Leopoldina marcou a minha vida. Eu devia ser pequenininha, porque eu não crescia, né. Eu fui para a escola com seis anos<sup>7</sup>”.*

De acordo com Le Goff (2003, p. 423), a respeito da memória, temos que: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A memória que a entrevistada tem da sua primeira professora ainda permanece com o frescor juvenil, que a fez ter um olhar diferente para aquela profissão. Seguindo essa trajetória para alcançar seu principal objetivo, seguiu sua formação:

*“Foi lá, na escola Leônidas de Matos que estudei e fiz todo o primário, em Santo Antônio do Leverger. Passei por professores homens e professoras mulheres até a quarta série. Aí na quarta série, eu tinha nove anos, e vim para Cuiabá com o objetivo de fazer a prova para ingressar no ginásio. Naquela época, se fazia a prova de vestibular para o ginásio. Então, fui fazer matrícula no Colégio Coração de Jesus, mas não pude estudar lá, porque ainda não tinha a idade exigida, pois eu só tinha nove anos, e ainda iria fazer dez anos em dezembro de 1953<sup>8</sup>”*

Halbwachs ao adentrar no estudo da seara da memória nos remete a uma reflexão a respeito da mesma, a fim de compreender a memória da entrevistada:

*“[...] pela memória somos remetidos ao contato direto com algumas de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite saber como teria sido o nosso passado” (HALBWACHS, 2006, p.91).*

Para que a professora Celcita Pinheiro pudesse concluir os estudos ela e sua família tiveram que fazer alguns sacrifícios, com o pensamento de que valia a pena o esforço, em prol

---

<sup>7</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>8</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

de um bem maior: o estudo, o conhecimento, o sonho de ter uma profissão. Nesta trajetória, a entrevistada percorreu alguns caminhos:

*“Como não consegui estudar em Cuiabá em razão da idade, voltei, para Santo Antônio e fiz o quinto ano, que naquela época era a admissão para o ginásio. Era a professora Constância, e depois foi a professora Anita, Ana Catarina de Figueiredo, que era esposa de um militar. Eu achava que era a mais sabida que tinha lá, já nessa época. Ela foi minha professora de quinta série, e fiquei estudando lá até o primeiro semestre, e no outro semestre eu já vim para Cuiabá, e estudei na escola, que ficava no Porto, e naquela época era chamada de “peixe frito” – Escola Senador Azeredo. Conclui o final do ano lá e fui estudar com a Professora Gracildes Dantas, que era uma professora maravilhosa. Era a professora de língua portuguesa, muito boa. Ela era tão boa professora, que quando minha filha foi fazer vestibular, ela ainda estava viva, e eu levei minha filha para fazer análise sintática com ela<sup>9</sup>”.*

**Figura 4:** Fachada atual da Escola Estadual Senador Azeredo – Cuiabá/MT



**Fonte:** arquivo pessoal da Escola

Na figura 4, observa-se a fachada atual da Escola Estadual Senador Azeredo em Cuiabá, que foi a primeira escola que Celcila estudou em Cuiabá. Bobbio (1997, p. 31), nos traz o entendimento de que,

*“quando percorremos uma vez mais os lugares da memória, os mortos perfilam-se em torno de nós em número cada vez maior. A maior parte dos que nos acompanham já nos abandonou. Mas não podemos apagá-los como se nunca tivessem existido. No momento em que se traz à mente, os faz reviver e ao menos por um instante não estão de todos mortos, não desapareceram no nada: o amigo que morreu ainda rapaz em um acidente na montanha, o companheiro de escola e de brincadeiras que caiu com seu avião durante a*

---

<sup>9</sup> De Depoimento de Celcila Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

guerra, cujo corpo a família esperou durante anos, e que nunca foi encontrado” (BOBBIE, 1997, p. 31).

Nesta seara de sua formação escolar, a entrevistada conta que finalmente chegou no ginásio, o que tanto ansiava:

*“Eu fiz o vestibular e passei, para estudar no Ginásio Brasil. Ainda não puder ingressar no Coração de Jesus, porque ainda não tinha completado a idade. Fiquei estudando no Ginásio Brasil, e morava na General Melo, então ia a pé pela Rua XV de novembro até no Ginásio Brasil, no Porto. A criançada ia a pé no meio-dia, jogando queimada, mas o sol não era tão quente como é hoje. Eu adorava jogar queimada. Então fiz só a quinta série lá, que era o primeiro ano do ginásio. Até que finalmente, consegui ir para o Colégio Coração de Jesus, que foi quando eu fiz a quinta, sexta, sétima e oitava séries, pois sempre quis fazer o ginásio no Colégio Coração de Jesus. Meu pai achava que, apesar de ele ser de família pobre, mas seus filhos não poderiam estudar em qualquer escola, ele queria que fosse no Coração de Jesus. E então, todos meus irmãos estudaram lá, e fizeram todo o ginásio lá. Desse modo, acabei ficando em Cuiabá nesses quatro anos, morando em casa de família, pois meus pais não vieram. Vim para Cuiabá com dez anos de idade. E, naquela época, eu achava que Santo Antônio do Lewerger era tão longe. Chorei muito quando vim para Cuiabá, pois saí da casa dos meus pais<sup>10</sup>”.*

Nesse relato de Celcita, reconhece-se como o início de sua vida pública. Hannah Arendt (2000, p. 59) define o espaço público como “tudo que pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível”. Para a época em que vivenciou sua infância, não era comum uma menina ir morar longe da família para estudar, principalmente por ser mulher. Se faz um destaque para esse fato, visto que, mostra-se a importância de seu pai na sua formação ao dar tanta importância aos estudos dos filhos. Celcita era ainda uma criança, e já estava aprendendo a viver de forma independente.

Para Simone de Beauvoir (1970, p. 16) desde a infância a menina é reprimida e anulada e o homem é “o Sujeito, o Absoluto, ela é o Outro”, para Beauvoir o ser humano tem gana em afirmar-se como essencial e fazer do outro sem importância.

Por muito tempo, a sociedade patriarcal prevaleceu na humanidade, e as razões para tal, ainda hoje, não são suficientes para justificar. Desde os remotos tempos da pré-história e dos dados da etnografia que se busca compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. A observação e metodologias de estudos científicos já se certificou que, quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas

---

<sup>10</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Na hipótese de uma das duas ser privilegiada, esta domina a outra e tudo faz para mantê-lo na opressão. Tal entendimento, nos leva a esclarecer a visível homem vontade que o homem tinha de dominar a mulher. (BEAUVOIR, 2009, p.35).

**Figura 5:** Fachada do Ginásio Coração de Jesus



**Fonte:** Biblioteca IBGE – Série: Acervo dos municípios brasileiros

Na figura 5 está a fachada do Colégio Coração de Jesus, à época que Celcita estudou no referido colégio, citado por ela, que era uma escola para meninas, na época. Sua criação teve origem a solicitação do Arcebispo Dom Francisco de Aquino Correia, preocupado com a educação da juventude feminina, na década de 40. No início, o Ginásio Coração de Jesus funcionou como Departamento feminino do Ginásio São Gonçalo, cujo diretor era o Padre Mário Blandino. Em 1948, Ir. Catarina Consoli passa a assinar como Diretora do Ginásio Coração de Jesus. Em 1950, foi implantado o curso para formar professoras primárias<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Disponível em: [http:// https://ccjmt.com.br/historico/html](http://https://ccjmt.com.br/historico/html). Acesso em 07 de dezembro de 2020.

**Figura 6:** Turma da oitava série do Ginásio Coração de Jesus.



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

Na figura 6 vê-se a Turma da oitava série do Ginásio Coração de Jesus, onde Celcita se encontra entre suas colegas e professores. Para Ecléa Bosi: “A memória oral, longe de unilateralidades para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretende tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades. (BOSI, 2003, p. 15). Ao observar os sacrifícios que Celcita e sua família fizeram para que ela pudesse ter um bom estudo, com qualidade, remete-se a compreensão de que, estes fatos influenciaram de certa forma sua dedicação à educação e ao ensino, bem como à Assistência social quando foi parlamentar, pois larga foi a sua trajetória:

*“A casa de família que vivi em Cuiabá era muito boa. Lá aprendi a fazer muitas coisas, tinha minha obrigação e meu dever. Naquela época, eles eram um casal já idoso, Sr. Paulo e Dona Almerinda, eles eram mais velhos, e não tinham a filha que morava com eles. Mas Dona Almerinda educava e cuidava. Então elas eram em três, que viviam com eles: Irinéia que é a minha irmã, eu e mais uma afilhada deles. Dona Almerinda costurava, fazia roupa para a gente, vestido bonito e tudo. Mas exigia muito da gente também. Tínhamos que aprender sair na rua pra fazer compras. Para mim, que morava em Santo Antônio e vinha pouco para Cuiabá, eu nem sabia onde que era o Empório para comprar queijo. Mas, Dona Almerinda ensinou, e então tinha que ir lá comprar e trazer certinho para ela. E como eu era a menorzinha da casa, pois Irinéia era mais alta, e a outra também, eu que cuidava da barbearia. O Sr.*

*Paulo era barbeiro, e eu cuidava da limpeza. De tarde, quando ele terminava, eu ia limpar e arrumar tudo. E as outras limpavam a casa, encerravam, faziam o serviço mais grosseiro. Eu fazia aquilo ali, todo santo dia, era minha obrigação, e era um serviço que não custava nada: uma salinha para limpar e passar pano. Mas éramos felizes, éramos tão felizes que sinto que não tive nenhum complexo por ter morado em casa de família. Morei na casa desse casal, na casa dos meus padrinhos, na casa de várias pessoas, depois morei na casa de uma prima. Tudo para estudar. Nunca tive problemas nem mágoa, nem rancor, nada. Gosto de todos, sou amiga de todos eles, e me sinto agradecida, porque se eu pude estudar, foi porque tiveram pessoas que me apoiaram, que me acolheram, me receberam. E nenhuma dessas pessoas, eram pessoas ricas. Sr. Paulo e Dona Almerinda eram a família mais abastada, as outras, nenhuma era ou tinha condições, mas só de me receber já era tudo. E não era somente eu, éramos eu e minha irmã. Tinham que receber as duas. Por essa razão sinto gratidão por todos eles. Meu pai preparava muito bem eu e minha irmã nas férias. Nunca ouvi meu pai falar mal da casa da pessoa, pelo contrário, meu pai fazia tudo pelas famílias, para que elas também ficassem bem<sup>12</sup>”.*

Assim a entrevistada expressa o significado prospectivo e feliz da infância ao admitir o valor da vida neste período:

*“Então, acho que tive uma infância boa, e lembro com saudade, sem marcas de que valeu a pena, do que fiz, do que brinquei, do que vivi. Para mim, valeu muito a pena, pois serviu para toda a minha vida. Eu sou o que eu vivi na minha vida de minha infância, e do que eu vivi a vida inteira, e ela me fez assim, me fez do que eu vi, e estudei. Fiz tudo e, vivia assim, para minha a família<sup>13</sup>”.*

Para Ecléa Bosi “feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!” (Bosi, 2003, p.16). A partir dos testemunhos de Celcita podemos compreender a importância da infância de Celcita para que se tornasse quem é hoje, a importância do esforço que seus pais fizeram para que ela pudesse estudar. Bobbio (1999) diz que a velhice não é uma cisão em relação à vida precedente. É uma continuação da adolescência, da juventude, da maturidade que podem ter sido vividas de diversas maneiras.

---

<sup>12</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>13</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 7:** Formatura da Oitava Série no Ginásio Coração de Jesus



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada

Na figura 7, Celcita está em sua formatura da oitava série no Ginásio Coração de Jesus. Desse modo, o objeto de pesquisa acaba por ir mais além do que apenas investigar os momentos de formação e atuação pedagógica da história de vida desta professora, passando a conhecer um pouco mais da história da docência, e da mulher e seu lugar dentro da sociedade no magistério. Celcita não parou na sua busca pelo estudo, e quando finalmente se formou na oitava série em 1962, na Escola Normal Pedro Celestino, fez o Magistério, e então voltou para morar com os pais, em Santo Antônio do Leverger, pois queria ficar perto deles, depois de ficar todo esse tempo morando com outras famílias em Cuiabá:

*“Eu me lembro que minha irmã foi embora para trabalhar fora, e eu voltei para Santo Antônio para trabalhar, iniciar minha profissão como docente, e também para ficar na casa com meus pais. Assim, ficávamos apenas eu, meu pai e minha mãe. Meus irmãos eram pequenos, ainda, mas eu gostava de ficar lá em Santo Antônio e trabalhar lá, porque eu lembrava que meu pai sempre dizia que era para estudar, morar, e depois voltar para trabalhar lá em Santo Antônio. Portanto, eu tive uma infância feliz. Meus pais foram maravilhosos, minha família é maravilhosa, meus irmãos são também, e, tenho por eles todo*

*carinho, até hoje. Já estão todos casados, com filhos, família, mas eu ainda sinto aquela coisa boa de saudade da infância, com os meus pais e irmãos<sup>14</sup>”.*

Para Paul Ricoeur (2007, p. 44) “Para evocar o passado em forma de imagens, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso atribuir valor ao inútil, é preciso querer sonhar” e assim o fizemos, valorizamos até o silêncio instaurado nas entrevistas. A possibilidade de utilização da história oral como fonte, foi de grande valia para a compreensão de como a infância da entrevistada contribuiu para que esta seguisse sua trajetória professoral.

### 1.3. A IMPORTÂNCIA DE SEU PAI PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Celcita traz as lembranças do pai, como um incentivador para que se tornasse professora, ficando em sua memória como referência para sua vida futura. Segundo Abrahão e Frison (2010),

*“A escolha de ‘ser professor’ parece estar atrelada a opções e motivos desencadeados pelas vivências ocorridas durante o período de escolarização. [...] [Assim como] existem múltiplos fatores que influenciam a escolha de ser professor, entre eles as características da profissão, bem como o local, a carga horária de trabalho, o mercado, custos da formação, história pessoal/escolar, influências familiares, além de modelo de professor, idealizado ou descoberto durante a escolarização” (ABRAHÃO; FRISON, 2010, p. 200-201).*

Desse modo, a entrevistada reconhece que seu pai teve influência na sua decisão de se tornar professora, pois entende que seu pai foi importantíssimo não só para ela, como para todos os seus irmãos, porque ele decidiu o que eles iriam fazer. Seu pai, quando eles entraram na escola, logo disse aos filhos: “vocês vão estudar, vocês vão ser professores”. Naquela época, professor era uma profissão respeitada e reconhecida. Então, seu pai decidiu que todas as filhas seriam professoras. E Celcita seguiu o que seu pai falou: ser professora, fazer concurso, passar e trabalhar, para não depender de ninguém:

*“Meu pai tinha influência política em Santo Antônio, mas ele não queria que seus filhos ficassem na dependência disso, procurando emprego. Então, todo mundo teve que estudar, trabalhar e passar no concurso. A influência dele foi tanta que, todos nós, agora em seis, já morreram um, agora somos seis, mas com todos nós foi assim. Não são todos professores, mas o que não se tornaram já foram aprovados em concurso público. Só tem um irmão meu que é empresário. Eu acho que o papai foi assim, fundamental, para todos nós.*

---

<sup>14</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*Mesmo depois que meu pai morreu, foi difícil sentir a ausência dele, mas minha mãe soube levar toda influência dele, e com certeza, ele foi muito influente na minha vida e de meus irmãos. Eu lembro que, quando a minha irmã fez a quarta série primária, em Santo Antônio, o padrinho dela falou assim com carinho para meu pai: ‘Chega meu compadre, já estudou não precisa mais. Já vai trabalhar numa casa de família, para ganhar dinheiro’. E, seu pai respondeu: ‘Não, meus filhos não vão trabalhar na casa de família. Meus filhos vão estudar!’. E, nem sempre foi fácil, em alguns momentos ele teve que vender algumas coisas para o estudo, por isso ele fez de tudo, mas deu uma escola boa para todos os filhos e os dirigiu para o estudo. Então, ele foi fundamental<sup>15</sup>”.*

A irmã de Celcita Pinheiro, a Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Carolina Joana da Silva Nogueira foi entrevistada a fim de investigar mais de perto os aspectos subjetivos do sujeito da pesquisa, a fim de encontrar pistas para nossos questionamentos iniciais. Ao ser questionada a respeito da influência que o pai teve na formação dos filhos, visto que ela mesma também se formou como professora, Carolina relata:

*“Meu pai e minha mãe sempre primaram pela nossa educação. Tudo o que eles faziam e falavam era só pensando no estudo. Na minha casa não tinha opção: ou estudava, ou estudava. Não tinha alternativa. Eu acordava às quatro da manhã, e isso até prejudicou a minha vista, pois às vezes era com lamparina, pois naquela época se o partido do governo fosse diferente do partido do município, não tinha energia elétrica para o município. Então eu acordava às quatro da manhã e estudava junto com a minha mãe até às seis horas. Meu pai sempre falava que as mulheres tinham que estudar. E para ele o melhor lugar para esse estudo era para ser professora, pois na compreensão dele, ele sabia que com dezoito anos já podia ser professora com o Magistério, ou Escola Normal como chamava. Então ele via que com dezoito anos, já podia ter uma independência financeira. A preocupação dele era o fato de que uma mulher já pode casar com dezoito anos, e ele se preocupava pôr a gente não ter dependência econômica de nenhum homem. Ele falava para a gente nunca aceitar violência e ser maltratada, se a pessoa quiser tocar em você para maltratar, você separa, não fique numa relação assim. Ele falava isso para a gente o tempo todo. Então o estudo foi para a gente uma forma de autonomia, e ele também achava que era uma profissão feminina, que era mais fácil da mulher ensinar, e podia conciliar com o trabalho da casa, cuidar da família. Ele tinha muito respeito pelas professoras<sup>16</sup>”.*

---

<sup>15</sup> De Depoimento de Celcila Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>16</sup> De Depoimento de Carolina Joana da Silva Nogueira em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá outubro de 2020.

No relato da entrevistada, irmã de Celcita, pode-se adentrar um pouco mais nos motivos de seu pai em incentivar seus estudos para ser professora. O depoimento nos leva a aferir que o senhor Manoel João da Silva tinha conhecimento, ou noção das novas perspectivas que se apontavam para as mulheres nas primeiras décadas do século XX, visto nesse período, a mulher deixou um pouco de lado sua condição submissa com a inserção no mercado de trabalho, inicialmente, a partir, da Revolução Industrial, como uma forma de emancipação da mulher na sociedade patriarcal. Nesse sentido, observa Beauvoir que a mulher reconquista uma importância econômica que perdera desde as épocas pré-históricas. [...] (COSTA, D'OLIVEIRA, 2012, p. 154-155).

Segundo Michelle Perrot (2005, p. 30) há “pouca coisa nos arquivos públicos destinados aos atos da administração e do poder, onde as mulheres aparecem apenas quando perturbam a ordem [...]”, assim sendo temos uma história contada por homens e que valoriza o gênero masculino, segregando as mulheres.

São os papéis designado para homens e mulheres, definidos através de um contexto histórico, que acabam criando interações entre ambos que são excludentes, seja no trabalho como na vida social.

A entrevistada Carolina Joana diz que, em razão dessa preocupação de seu pai com o estudo e formação das filhas, fazia questão que todas estudassem no Colégio Coração de Jesus, pois era uma escola para meninas:

*“Meu pai queria que a gente estudasse em uma escola feminina, então tinha o colégio Coração de Jesus, que era um colégio para meninas. Então eu ganhei uma bolsa de estudo. Eu fui bolsista desde os onze anos. A Assembleia Legislativa de Mato Grosso dava bolsa de estudos, e eu achei muito bom estudar em uma escola feminina, pois depois eu fui avaliar que desde as primeiras revoluções feministas nos Estados Unidos saíram de Universidades femininas. E eu achei legal, pois quando eu estudei lá, eu tinha mais liderança para ser mais estudiosa, era um ambiente feminino, para mim foi muito importante. Quando eu fui fazer o segundo grau, no magistério só tinha um único homem, então ainda era um universo feminino. A noite que era o universo masculino, que era o científico. Tinha cinquenta e três alunos e só eu de menina. E aquilo para mim foi um pouco chocante, pois a forma como os meninos lidam com a situação é diferente, eles fazem mais bullying, o comportamento das meninas é mais sutil. E eu vi que eu tinha mais dificuldade de lidar com o universo masculino, mesmo tem crescido com os meus irmãos, mas no ponto de vista de aprendizagem, a educação feminina foi mais fácil. Eu não sei se a educação para os meninos tem a ver com a situação de ser mais desafiado, pois os meninos foram treinados para ir à caça, e as mulheres*

*para ficar na casa, seguindo os nossos ancestrais, pois eles nos influenciam. E ficar na casa é dominar o plantio também<sup>17</sup>”.*

Com relação ao que pode ter influenciado Celcita a seguir à docência, Carolina Joana ainda se lembra que sua mãe dizia que Celcita que tinha que estudar com ela, pois já tinha condições de acompanhar as tarefas da irmã segundo entendimento da mãe:

*“Quem estudava comigo era Celcita, minha mãe dizia que ela tinha que estudar comigo, e eu era a filha mulher mais nova e ela era adolescente, tinha uns dezessete anos. Aí ela me colocava para estudar, e eu não queria estudar direito, aí ela reclamava para a minha mãe e dizia: ‘mamãe ela não quer estudar!’. E se eu não a obedecesse, ela contava para minha mãe e minha mãe vinha e brigava comigo. Então pensei: quer saber de uma coisa? Eu vou ter que tomar uma atitude, então eu tive que estudar, e aprendi com isso<sup>18</sup>”.*

Ricoeur (2007. p. 101) nos remete à importância do registro da memória, pela lembrança, no sentido de fazer justiça aos que não se encontram mais aqui: “O dever da memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si”, honrando dessa forma os que vieram antes de nós. Celcita faz jus à lembrança de seu pai e à importância que ele teve na vida profissional dos filhos, principalmente na vida das filhas mulheres:

*“Naquela época não tinha isso de estudar e ter uma profissão, as mulheres iam aprender a bordar. Minha tia, por exemplo, sabia bordar maravilhosamente bem. E minha mãe, dedicou mais a casa, mas também não estudou. Minha tia até que estudou mais um pouco. Porque ela ficou na casa da madrinha dela. Mas a minha mãe devia ter até a terceira série, sabia muito pouco ler e escrever. Muito pouco mesmo. Mulher não era para estudar. Por isso que meu pai quando teve os filhos dele dizia que: ‘filho dele era para estudar!’. E eu dou graças à Deus, que na minha casa, todos os meus irmãos - que foram sete - estudaram. Ninguém ficou no meio do caminho. Todo mundo foi até o final. Ninguém, mesmo com o falecimento do meu pai, ‘nos trancos e barrancos’, todas as dificuldades que eles enfrentaram, mas chegaram lá. Tanto é que, seus filhos, nenhum pode pensar que os pais não estudaram. Não, todo mundo estuda, porque todo mundo está vendo que é uma herança de família. Se meu pai, hoje, estivesse vivo para ver tudo isso dos filhos, nem sei o que ele seria capaz de fazer, de tanta alegria. Porque minha mãe era mais pacata, mais quietinha. Era muito enérgica, mas era mais quietinha. Ele era mais, alvoroçado, mais de ver as coisas acontecer, de ver os filhos felizes. Meu pai me ensinou a dançar, porque lá em Santo Antônio não tinha onde ir à noite. Aí ele comprou uma vitrola grande, colocava música e ensinava as filhas a dançar. Porque ele gostava muito de dançar, então ele*

---

<sup>17</sup> De Depoimento de Carolina Joana da Silva Nogueira em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá outubro de 2020.

<sup>18</sup> De Depoimento de Carolina Joana da Silva Nogueira em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá outubro de 2020.

*ensinava a dançar. Nós ficávamos ali sentados, conversávamos e dançávamos. Foi assim muito marcante para nossa vida<sup>19</sup>”.*

O depoimento de Cecilta descreve a trajetória profissional do pai, mas aponta o mesmo elo afetivo de presente no depoimento de Carolina, assim rememora:

*“Mas era um pedreiro que sabia fazer conta, sabia fazer tudo certinho. Em Santo Antônio tinha um professor chamado Américo Brasil, que dava aula particular, e quando o meu avô faleceu, meu pai devia ter uns oito ou nove anos. Então, o Sr. Américo quando passava para ir trabalhar com crianças, chamava para ele ir junto, e ensinou para ele as primeiras leituras, as contas. Porque, lá em Santo Antônio, naquela época, o estudo era ler e escrever corretamente, saber a tabuada e já estava pronto. E com isso, ele foi muito próspero. Como pedreiro ele foi muito próspero. Ele aprendeu e depois ele chegou a ter funcionários, era como se fosse um engenheiro hoje, que tinha a empresa, e várias pessoas trabalhando com ele. Aí, as pessoas, que trabalhavam com ele, aprendiam todas as funções de pedreiro, servente, tudo. A responsabilidade era muito grande. Mas, ele zangou com a profissão dele, como pedreiro, por conta das leis trabalhista, pois um funcionário o denunciou ele no Ministério do Trabalho. Aquilo, para ele, foi uma mágoa profunda. Ele acertou tudo, pagou tudo, e acabou com a Empresa, fechou. Não quis mais. Trabalhou com caminhão, com outras coisas, com verdura, com feira, com coisa que não tem nada a ver com ele, pela frustração da lei trabalhista. Nem foi pela lei trabalhista, foi pela denúncia, ele ficou frustrado, decepcionado com a pessoa: um só. Pois ele achava que tinha criado eles como filhos. Assim, os trabalhadores defendiam meu pai, era como se fossem filhos dele mesmo. E quando aconteceu esse fato, ele ficou muito arrasado e não quis mais. Era uma pessoa determinada, aquilo que ele queria ele fazia mesmo, e era capaz de falar e fazer tudo, isso me inspirou a ser assim também. Quando ele faleceu, ele faleceu de acidente, levou o meu irmão para buscar verdura com ele, e foi conversado com meu irmão tudo que ele queria falar. Na volta, meu irmão queria vir para Cuiabá, e ele não deixou. Disse: ‘Não, não. Pode ficar aqui, que eu não quero que você vai comigo’, e na estrada ele faleceu<sup>20</sup>”.*

---

<sup>19</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>20</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 8:** O pai de Celcita, Sr. Manoel João da Silva e seus funcionários de obra



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

Na figura 8 aparece o pai de Celcita, o Sr. Manoel João da Silva (de pé – segundo da direita para a esquerda) e seus funcionários de obra, deixando a lembrança dolorosa de sua perda para Celcita, mas grandes ensinamentos que guarda em seu coração. Desse modo, para Nóvoa, “[...] as histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’[...]” (NÓVOA, 1988, p. 116). Na busca de relatos a respeito da formação do sujeito, este ao tomar consciência de si e de suas aprendizagens vive, e revive, sua própria história.

A respeito da mãe Celcita conta que era maravilhosa, tanto que naquela época era a mulher que administrava a casa. Cuidava de tudo, de fazer as coisas, e o homem era o provedor:

*“E meu pai era um provedor de verdade mesmo. E foi por isso que a gente tem essa capacidade de saber entender quem é o provedor da casa<sup>21</sup>”.*

A partir desse olhar a respeito do seu passado, Celcita enfatiza a importância do seu pai na sua trajetória profissional, e enfatiza as dificuldades que tiveram para garantir o estudo de todos os filhos. Ao falar de seu pai Celcita se emociona e torna-se evidente sua admiração por ele.

---

<sup>21</sup> De Depoimento de Cecília Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

#### 1.4. O MAGISTÉRIO

Celcita fez o Magistério na Escola Normal Pedro Celestino, que era a Escola Pública do Liceu Cuiabano. A entrevistada conta que naquela época, as pessoas não tinham muito gosto pelo magistério, pois fazia-se mais técnico em contabilidade, tinha uma Escola na Barão de Melgaço, à noite funcionava ali, e era lotado, e continua:

*“e na Escola Modelo não, para o normal, tinha assim: 10 (dez) alunas, 15 (quinze) alunas. Era o máximo que tinha de alunos no primeiro ano, aí ia acabando, e quando chegava no terceiro já chegava a dez, nove alunas. Porque na época não tinha muita gente com vontade de fazer magistério. Era pouco mesmo, eu olhava assim na sala, eram as pessoas que vinham de fora. Daqui pouquíssima gente que fazia magistério. Já daquela época, já não era um curso de futuro, parecia. O futuro era técnico em contabilidade. Todo mundo estudava técnico em contabilidade: tanto os homens, como as mulheres. Homem então, não fazia magistério nunca! Na nossa sala, não tinha homem, só a mulherada que fazia. Todo mundo ia para técnico em contabilidade, para ser contador. Magistério era para poucos<sup>22</sup>”.*

**Figura 9:** Celcita com as colegas do magistério.



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada

Na figura 9 Celcita está entre suas colegas de turma do magistério no Colégio Normal Pedro Celestino – Liceu Cuiabano. O antigo Colégio Estadual de Mato Grosso, inaugurado em 1879, foi a primeira escola estadual do Estado. No colégio estudaram algumas personalidades importantes, entre eles Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, patrono das

---

<sup>22</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

comunicações; Eurico Gaspar Dutra, ex-presidente da República; Frederico Campos, Carlos Bezerra e Dante de Oliveira, ex-governadores<sup>23</sup>.

**Figura 10:** Colégio Normal Pedro Celestino – Liceu Cuiabano



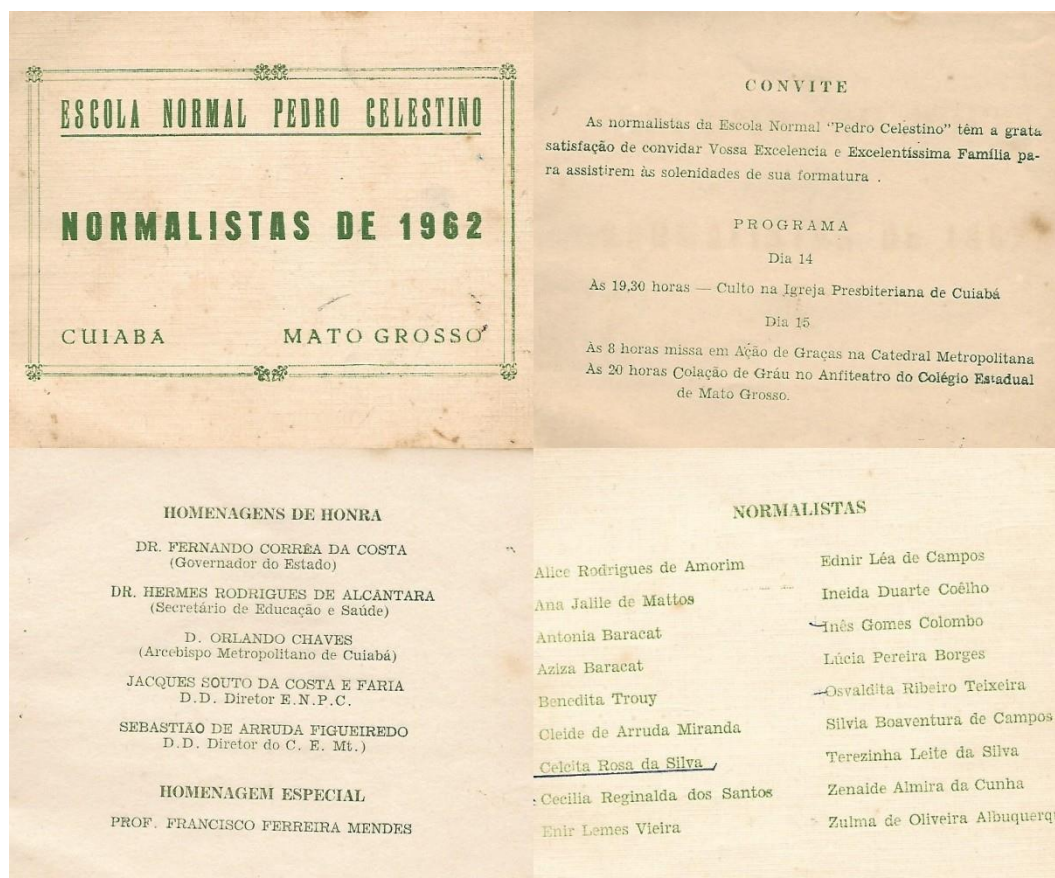
**Fonte:** Biblioteca IBGE – Série: Acervo dos municípios brasileiros

Na figura 10 mostra a fachada do Colégio Normal Pedro Celestino – Liceu Cuiabano à época em que Celcita estudou. Em 1988, o Colégio mudou sua denominação para Escola Estadual Liceu Cuiabano Dona Maria de Arruda Müller, uma homenagem à Dona Maria Müller, esposa do ex-governador Júlio Müller, que pediu ao marido para construir a atual sede.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=441495&view=detalhes/html>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

**Figura 11:** Convite de Formatura do Magistério



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

No convite de Formatura do Magistério da professora Celcita Pinheiro (Figura 11), em 1962, adentramos em fatos históricos ocorridos no passado, como a Homenagem de Honra ao Dr. Fernando Corrêa da Costa, que era o então Governador do Estado à época. Neste caso, ao utilizar a fonte documental, a memória não corresponde apenas a lembranças de fatos pretéritos, mas no conduz à compreensão de poder ser utilizado como fonte adicional à pesquisa ao adentrar à memória coletiva, perfazendo-se da História:

*“É com a História cultural que a pretensão da História de anexar a memória à esfera cultural atinge o seu auge. Da memória como matriz da História passamos à memória como objeto da História. Com o desenvolvimento do que chamamos a História das mentalidades – embora este termo esteja atualmente mais ou menos desacreditado – essa inserção da História entre outros fenômenos culturais que podemos chamar representações, está em princípio legitimada. Ela pode até revela-se útil no interesse da autocrítica da memória, sobretudo ao nível da memória coletiva” (RICOUER, 2007, p. 47).*

**Figura 12:** Diploma de Habilitação para o Magistério, no colégio Pedro Celestino – Cuiabá/MT.



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada.

Na figura 12 observa-se o Diploma de Habilitação para o Magistério, emitido pelo Colégio Pedro Celestino. Ana Scott (SCOTT, 2012, p. 15-42) faz uma retrospectiva histórica a respeito da posição das mulheres no mercado de trabalho, que se desenvolveu com mais ênfase durante a Revolução Industrial, principalmente no período da Guerra. A autora sugere que com o fim da Guerra, os operários voltaram a ocupar seus cargos nas fábricas, mas que isso não foi suficiente para que as mulheres operárias voltassem inteiramente para o lar e para o cuidado com os filhos. No Brasil, o mesmo se deu com o fim da Guerra, visto que os imigrantes europeus vieram em massa para o Brasil, e acabaram por ocupar os lugares ocupados pelas mulheres nas fábricas, até então. Consequentemente, iniciou-se a ocupação das mulheres nos centros comerciais, que de uma certa forma, entendia-se mais apto para a condição feminina (MATOS; BORELLI, 2012, p. 129). Outras profissões que era aptas para a condição feminina eram: cozinheiras, faxineiras, costureiras e babás, pois assemelhavam a trabalhos domésticos feitos pela mulher.

Além dessas, a profissão do magistério deve ser destacada, visto que este ramo se deu no início do século XX, precisamente a partir de 1930, sendo considerado ideal para a atuação feminina, visto que trabalhava apenas meio expediente (manhã ou tarde), deixando espaço para as tarefas domésticas do lar (MATOS; BORELLI, 2012). Ocorre que, diferentemente das outras profissões de atuação feminina, o magistério exigia uma formação educacional, fato este que

acabou influenciando a importância de, cada vez mais as mulheres terem um nível de escolaridade, que fazia a diferença para uma qualificação profissional, não só para as mulheres como para homens também. Porém, a educação feminina, ainda não era desenvolvida livremente, visto que muitas mulheres já se casavam ainda muito jovens, e já constituíam família desde a adolescência, fato este que criava uma barreira para que elas pudessem se desenvolver acadêmica e profissionalmente, levando-as a continuar em casa cuidando da família ou com profissões inerentes a esses dotes.

Ao relatar sua história de vida, a entrevistada adentra em um momento histórico que influenciou a vida de muitas mulheres, e se sente privilegiada por seu pai ter tido essa visão, e ter se esforçado para que Celcita e suas irmãs conseguissem estudar e se tornarem professoras. Em vários momentos da entrevista ela destaca que seu pai dizia que não queria que suas filhas trabalhassem em casa de família, mas que seriam professoras e não iriam depender de ninguém.

Segundo Souza (2007, p.66) “Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente ou inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado”. E seguindo esse liame intuitivo da narradora, permitindo-se levar pelo seu inconsciente, de um modo sistêmico, sua vida e histórias foram abordadas de forma natural e leve, construindo um saber de grande valia para o campo das investigações científicas.

### 1.5. CASAMENTO

Com o intuito de agregar um fato de grande valia na vida dessa professora, e que influenciou significativamente suas escolhas e sua trajetória profissional, os relatos remetem à um período de sua vida pessoal que foi preponderante mediante as perspectivas sociais da época: seu casamento.

Após concluir o Magistério em Cuiabá, em 1962, a entrevistada voltou para Santo Antônio do Leverger e iniciou sua carreira como professora. Nesta mesma época Celcita começou a namorar Jonas Pinheiro, que a auxiliou como professora no início da carreira, muitas vezes resolvendo as atividades de matemática, para ela ensinar para os alunos. Durante o período em que ainda namoravam Celcita foi convidada para fazer o Curso de Supervisão escolar com o Professor Darcy Ribeiro, em Belo Horizonte/MG, por quase um ano e meio. Neste período Jonas a incentivou a ir estudar em Belo Horizonte, e quando voltou, logo se casaram, em 1965.

Esse fato dá um destaque, visto que diante das discriminações de gênero da época, que veio seguindo um contexto histórico social no cenário mundial, não era comum nesta época uma mulher ir sozinha ficar quase dois anos morando fora para estudar, e enquanto isso o namorado ficar esperando ela voltar. E foi assim com Celcita e Jonas Pinheiro. A irmã de Celcita, Carolina Joana lembra que nesse período:

*“Logo que a Celcita se formou no 2º grau, eles ganharam uma bolsa de estudos. Naquela época ainda se investia na Educação. Então foram umas quarenta pessoas daqui para Belo Horizonte e ficaram mais de um ano. Aquilo para mim foi maravilhoso, e eu pensei que eu tinha que estudar, pois minhas irmãs estavam fora estudar e eu queria um dia ir estudar fora também! E elas foram fazer o curso de supervisão. E como Celcita estava fora, ele ia muito à nossa casa. Quando ela foi eles já estavam namorando, então para manter o vínculo ele sempre ia nos visitar todas as noites, e ficava conversando com a família, me ensinava ver a hora<sup>24</sup>”.*

Por esse fato, logo pode-se perceber que o relacionamento deles era diferente, que Jonas respeitava a carreira profissional de Celcita e a esperou para se casar. E a seu modo, Celcita, antes mesmo de se casar já demonstrou sua independência feminina – que aprendeu com seu pai - para o namorado e futuro marido, que a conheceu desse modo e a aceitou.

A Segunda Guerra mundial foi propulsora para trazer as mulheres para os postos de trabalho, pela necessidade que se exigia do momento. O Brasil não participou ativamente na guerra, mas isso não atrapalhou a ocupação das mulheres aos postos de trabalho, visto que com o início do processo de industrialização no país foi imprescindível a participação das mulheres como mão de obra na produção fabril. Porém, com o fim da Segunda Guerra as mulheres perderam seus postos para os homens e voltaram para os cuidados do lar, e o mesmo ocorreu no Brasil.

As mulheres do século XIX, ao contrário do que muitos pensam, se movimentam bastante. Participam das migrações, camponesas vindas à cidade como domésticas ou costureiras, burguesas médias contratadas como preceptoras, e muitas vezes longe de seu próprio país, ela viaja e muitas vezes chega a explorar. O mundo se transforma, alteram-se as fronteiras, também entre os sexos (PERROT, 1998, p.86).

Ana Scott (SCOTT, 2012, p. 15-42) leva ao seguinte questionamento: “Será que podemos concluir que as operárias deixaram o trabalho nas fábricas para voltarem inteiramente

---

<sup>24</sup> De Depoimento de Carolina Joana da Silva Nogueira em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá outubro de 2020.

para o lar e para o cuidado de seus filhos? Elas teriam aderido ao modelo familiar preconizado pelas classes dominantes?” (2012, p. 18). Ao mesmo tempo, deve ser levado em consideração, no caso do Brasil, que com o fim da Guerra, os imigrantes europeus vieram em massa para o país buscando oportunidade de trabalho e melhoria de vida, visto que o continente europeu estava devastado por conta da Guerra, e esse fator favoreceu o aumento da mão de obra masculina desses imigrantes, ocupando os lugares ocupados pelas mulheres nas fábricas, até então. Com a ocupação dos imigrantes masculinos nos meios fabris, iniciou-se a ocupação das mulheres nos centros comerciais, que de uma certa forma, entendia-se mais apto para a condição feminina (MATOS, BORELLI, 2012, p. 129). Outras profissões, como cozinheiras, faxineiras, costureiras e babás também eram comuns, pois assemelhavam a trabalhos domésticos feitos pela mulher.

Dentro do tema desse estudo, uma profissão muito importante a ser destacada é a do magistério. Este ramo se deu no início do século XX, precisamente a partir de 1930, sendo considerado ideal para a atuação feminina, visto que trabalhava apenas meio expediente (manhã ou tarde), deixando espaço para as tarefas domésticas do lar, como a de ser mãe e passar valores morais e éticos para seus filhos (MATOS; BORELLI, 2012). Diferentemente dos outros lugares ocupados pelas mulheres, o magistério exigia uma formação educacional. Esse fato acabou influenciando a importância de, cada vez mais as mulheres terem um nível de escolaridade, que fazia a diferença para uma qualificação profissional, não só para as mulheres como para homens também. Porém, a educação feminina, ainda não era desenvolvida livremente, visto que muitas mulheres já se casavam ainda muito jovens, e já constituíam família desde a adolescência, fato este que criava uma barreira para que elas pudessem se desenvolver acadêmica e profissionalmente, levando-as a continuar em casa cuidando da família ou com profissões inerentes a esses dotes.

Desse modo, Celcita casou-se com Jonas Pinheiro, que posteriormente se tornaria deputado federal, constituinte e senador pelo Estado de Mato Grosso, com quem teve dois filhos Giani Antônia Pinheiro da Silva e Giorgio Pinheiro da Silva.

**Figura 13:** Foto do Casamento de Celcita Rosa e Jonas Pinheiro em 1965.



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada

Na figura 13, do acervo pessoal da entrevistada, está uma foto do casamento de Celcita Rosa e Jonas Pinheiro, em 1965. Jonas Pinheiro da Silva foi seu grande companheiro de vida e fundamental para que Celcita chegasse até onde chegou: Deputada Federal. Algum tempo após se casarem, mudaram-se para Jaciara em razão do trabalho de Jonas, e ele sempre a incentivou na carreira como professora, a auxiliou, e principalmente, quando Celcita sentia que precisava se aperfeiçoar como professora e fazer uma faculdade, ela disse ao marido que iria se mudar com os filhos para Cuiabá a fim de fazer a tão sonhada Faculdade de Letras na Universidade Federal. Jonas não a impediu, tampouco a fez mudar de ideia e aceitou de pronto, pois sabia que era importante para ela e para os filhos terem uma educação de melhor qualidade.

Nascido também em Santo Antônio do Leverger, foi criado entre pequenos agricultores e pescadores, e durante sua trajetória pública teve como prioridade melhorar a qualidade de vida do homem do campo e evitar o êxodo rural. Era adepto da simplicidade da vida e em seus discursos costumava falar que “O povo é simples e quer coisas simples”<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Brasil, CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do. «JONAS PINHEIRO DA SILVA». CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Consultado 18 de setembro de 2020.

**Figura 14:** Celcita Pinheiro com seu marido Jonas Pinheiro e Filhos Giani e Giorgio



**Fonte:** acervo pessoal da entrevista

Na figura 14 Celcita aparece com o marido e filhos Giani e Giorgio, frutos de seu casamento com Jonas Pinheiro, em um momento de grande alegria com a família, que sempre foi importante na vida de Celcita Pinheiro, que aprendeu a valorizar a família com seus pais.

**Figura 15:** Bodas de Prata de Jonas e Celcita Pinheiro



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

Na figura 15 Celcita celebra as Bodas de Prata com Jonas. Foram casados por 43 anos, quando em 2008 Jonas faleceu, trazendo um sentimento de grande perda para Celcita e toda a família. Foi velado em sua cidade natal, Santo Antônio do Leverger. O senador estava internado

há mais de uma semana no hospital em Cuiabá devido a uma parada cardiorrespiratória por arritmia cardíaca. Celcita conta que nem neste momento teve paz, estava com o marido internado e ainda assim estava sofrendo perseguição política, mas guarda com carinho os momentos que viveu com seu companheiro de vida.

Neste ponto de nossa pesquisa, apresenta-se o método biográfico como sendo fundamental para mediar a história individual e a história social, segundo Ferrarotti (1988). Seguindo as reflexões sobre o tema do referido autor acerca do método, compreende-se que esse corresponde às expectativas para dar luz à importância da vida cotidiana, sendo as permanências e rupturas destas experiências parte fundamental deste processo, podendo considerar a subjetividade do sujeito tornando-o um sujeito histórico neste universo social no qual estamos inseridos.

## 1.6. O INGRESSO NA UNIVERSIDADE

Segundo Bueno (2002), o maior desafio é pensar a vida do professor como o seu maior campo de aprendizagem e trajetória de formação, sendo sua rotina diária seu maior aprendizado, bem como seus espaços de formação. Neste sentido, ressalta-se a importância do método biográfico para compreender a vivência da história de vida, com o intuito da perspectiva educacional.

Ao se utilizar as histórias de vida na seara da formação de professores, estes estudos buscam “[...] colocar o sujeito em contato com suas experiências formadoras”. Desse modo, ao aprofundar o conhecimento na história de vida professoral, podemos compreender melhor seus processos formativos e reavaliar suas práticas (SOUZA, 2007, P.4).

Celcita estava em Jaciara lecionando língua portuguesa, e percebeu, que precisava aperfeiçoar seus estudos nesta seara da língua portuguesa, pois era uma disciplina extremamente difícil de lecionar e para os alunos compreenderem, e se sentiu no dever de estudar mais. Foi então que disse para seu marido que iria para Cuiabá/MT para estudar com os filhos, pois eles também precisavam um estudo de melhor qualidade:

*“Então eu disse que iria fazer vestibular e estudar, e disse para ele resolver o que iria fazer para a gente ir embora, mas que eu precisava estudar, e que nossos filhos também precisavam ir para uma escola boa. Então viemos para Cuiabá e eu prestei vestibular na Universidade Federal, que era na Barão de Melgaço. Fiz o vestibular e passei para língua portuguesa, e vim embora estudar. Lembro que meus colegas eram pessoas muito inteligentes. Lembro*

*do Omar Rodrigues de Almeida, que era professor da Escola Técnica, ele já era Juiz. Tinha outro que também já era professor, já tinha até livro escrito. Então eu estava em uma sala só de pessoas que já tinham um conhecimento muito grande, eu acho que foi a primeira turma, e eles passaram e foram fazer a faculdade. Quando mudei para Cuiabá, fui morar na Rua Estevão de Mendonça e ia para a Universidade de ônibus, a pé, do que fosse. Aquela turma era grande, todo mundo adulto já. Eu morava com a minha mãe. Tínhamos comprado uma casa para minha mãe, e ela morava lá, e cuidava dos meus filhos para que eu pudesse estudar. Eu já tinha meus dois filhos: Giani e Giorgio<sup>26</sup>”.*

**Figura 16:** Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Campus de Cuiabá/MT



**Fonte:** <http://www.mt.gov.br/-/6353476-evolucao-da-formacao-escolar-em-mt-e-tema-de-reportagem-especial>.

Na figura 16 mostra a Universidade Federal de Mato Grosso, onde Celcita ingressou pela primeira vez. A entrevistada se regozija ao lembrar deste momento de sua vida, que foi o ingresso na faculdade pela primeira vez. Foi possível observar a ânsia que Celcita tinha de aprender a Língua Portuguesa, se aperfeiçoar e crescer profissionalmente. Depois de tanto tempo lidando com professores tão inexperientes como os que se deparou em Jaciara, ao ingressar no curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Celcita sem encanta com o nível intelectual de seus colegas de sala:

---

<sup>26</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*“Lembro também que o Omar, que era meu colega, era muito exigente com as coisas dele, e me emprestou um livro de literatura portuguesa para ler, e me lembra muito bem que a capa do livro era vermelha. Eu deixei em cima da mesinha e fui lá dentro. Então minha filha Geane viu de lá, e passou um lápis ou caneta. Fiquei muito preocupada, pois ele nem encapava livro. O livro dele não era encapado, de tão bonito e novo, e ele emprestou para mim, por uma consideração, fora do normal. Quando eu vi, tentei arrumar, passei algo para limpar. Entreguei o livro para ele, e agradei, mas também não falei nada para ele. Mas ele também não falou nada para mim. Então fiquei preocupada, porque ele não emprestava livro para ninguém, livro era só para ele. E ele emprestou por consideração, e aconteceu isso. Geane era pequenininha, devia ter uns sete anos. Mas ficou meu amigo a vida inteira, nunca zangou comigo. Não sei se descobriu, mas não falou nada. Eu encontrava com ele sempre, e nós lembrávamos das coisas boas da faculdade, pois naquela época quem tinha carro carregava quem não tinha, para a aula. Era Muito bom! Eu gostava de estudar lá<sup>27</sup>”.*

A esse respeito o historiador Henry Rousso (2000) acrescenta que: “a memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (ROUSSO, 2000, p. 94). Neste relato da entrevistada, pode-se ver suas relações sociais neste contexto de formação, e como estas relações a influenciaram em seu aspecto subjetivo. O fato de estar com pessoas inteligentes na mesma sala de aula a fez sentir mais vontade de continuar, e aprender cada vez mais.

Então Celcita começou a fazer faculdade, porém no trabalho do seu marido, eles acharam que não estava legal seu marido estar em Jaciara, e Celcita sozinha em Cuiabá estudando. Jonas Pinheiro, na época, também só tinha técnico agrícola, ele não tinha curso superior. Foi então que a repartição dele achou por bem, convidá-lo para fazer faculdade para se aprimorar como profissional na Empresa. Então Jonas veio para Cuiabá:

*“Como eu lecionava, estava mais preparada para fazer o vestibular, mas ele não lecionava, então ele preferiu fazer um curso preparatório para o vestibular. Queria fazer economia. Então ele se preparou com o Leopoldino Marques do Amaral, ele tinha uma escola muito boa em Cuiabá, e ele era muito amigo dele e foi fazer lá o curso, foi estudar pra fazer o vestibular. Jonas se preparou, já estava estudando, fez o vestibular e eu não lembro o que aconteceu, mas lembro que a Carmat achou melhor ele fazer agronomia*

---

<sup>27</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*ou veterinária, que era mais parecido com a atividade que ele tinha na empresa. Então ele foi para Goiânia, preparar lá para fazer o vestibular<sup>28</sup>”.*

Neste ínterim, abriu a faculdade de veterinária em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Naquela época Pedrossian que era Governador, em 1968, e, Gabriel Novis Neves que era o Secretário de Educação, muito ligado com o João Rosa, que era o Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso. João Rosa chamou Jonas e o convidou para fazer o curso de Veterinária em Campo Grande, pois seria a primeira turma:

*“Disse que ia ser muito bom para ele, pois ele já era adulto, já que ia embora, pelo menos estava dentro do Estado, e que era para eu ir com ele também. Jonas fez o vestibular e passou em Campo Grande, então eu tive que ir embora. Naquela época eu me senti prejudicada, porque eu amava a língua portuguesa, e queria fazer tudo por ela, e não pude fazer. Então eu fui embora para Campo Grande, e era Faculdade particular. Não tinha Universidade Pública em Campo Grande na minha área. O meu currículo do que eu estudei na UFMT, não pôde ser aproveitado, pois não comparava com os cursos que tinha de língua portuguesa lá, que eram completamente diferentes. Então eu tive que mudar de curso. Já estava começando um curso de História, na época, na Escola Católica, a Faculdade Católica de Campo Grande. Então, eu mudei para História, porque tinha o curso à noite, e eu já tinha família. Então Jonas estudava durante o dia e à noite eu fazia faculdade<sup>29</sup>”.*

**Figura 17:** Universidade Católica Dom Bosco – Campo Grande/MS



**Fonte:** <https://vestibular.ucdb.br/>

<sup>28</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>29</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Na figura 17 mostra a fachada atual da Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande/MS, onde Celcita ingressou no curso de História, onde se formou. A entrevistada muda sua expressão facial quando conta que teve que abandonar a Faculdade de Letras na Universidade Federal de Mato Grosso para se mudar para Campo Grande/MS a fim de acompanhar o marido, que foi fazer a Faculdade de Veterinária. Expressa sua decepção e conta com amargor que se sentiu prejudicada naquele momento da sua vida, por abandonar algo que tanto sonhava. Fazer a Faculdade no curso de História não estava nos seus planos e desejos para sua trajetória docente. O autor Guedes-Pinto et al., a respeito desse tema nos remete à compreensão de que:

“Ao rememorar optamos por esquecer certas lembranças dos eventos que nos acometeram. Em outras palavras, podemos dizer que o esquecimento também é constitutivo do processo de rememoração dos sujeitos” (GUEDES-PINTO et al, 2008, p. 53).

O fato de ter abandonado suas expectativas como professora, pela paixão pela língua portuguesa, e dizer que não se lembra como foi, só lembra que foi tudo muito rápido e logo eles já estavam se mudando para Campo Grande/MS, nos fez notar o “fenômeno da memória seletiva” (POLLAK, 1992). Segundo o autor, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”, destacando-nos essa fala da entrevistada, visto que se lembra de detalhes da infância e juventude, que foram bons, mas não se lembra de um momento que foi traumático para ela, demonstrando uma clara organização da sua memória durante a vida e a seleção natural do que lembrar ou não:

“A memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204).

A memória, neste raciocínio, traz o significado de reorganização de um passado presente na história de vida de Celcita Pinheiro. Guedes-Pinto et al., ainda nesta seara esclarece que,

“Certos aspectos da memória de nossas experiências passadas, por diferentes motivos, ficam temporariamente esquecidos e permanecem perenes em seus silêncios. O esquecimento pode ser entendido como um modo de resistência às nossas vivências difíceis ou traumáticas. Assim, o processo de rememoração é seletivo, vindo à tona somente aqueles acontecimentos que

são deflagrados no contexto específico de cada entrevista” (GUEDES-PINTO et al., 2008, p.53).

Chamou atenção esse fato que fez Celcita sofrer tanto, e que até hoje sente que não conseguiu realizar seu sonho de se formar em Letras e estudar língua portuguesa. Neste momento Celcita abriu mão de seu sonho para acompanhar o marido, um momento de tensão na sua vida que a coloca frente à fragilidade das mulheres, que é a família. Porém, como forma de amenizar seu sofrimento e se dedicar à família, ao reviver esse momento que se sentiu prejudicada, Celcita fazendo essa conexão entre passado e presente, alega que as coisas como aconteceram não foram tão ruins assim. Mais para frente o curso de História propiciou para sua trajetória professoral momentos singulares como o de Professora de História de Mato Grosso, e principalmente a Especialização que fez na Universidade Federal em História e Historiografia de Mato Grosso, que só de lembrar já faz seus olhos brilharem novamente. Squire e Kandel (2003, p. 217) “a vida sem a capacidade de armazenar nova informação, ou de evocar experiências previamente armazenadas é uma vida sem dissolução, uma vida sem passado, presente ou futuro mental”.

O relato da entrevistada também remete a um passado histórico social, pois cita em sua fala que Pedro Pedrossian era o Governador do Estado de Mato Grosso à época, em 1968, e que Gabriel Novis Neves que era o Secretário de Educação. Depara-se com uma riquíssima fonte histórica de memória social. Pedro Pedrossian foi eleito em 1965 Governador pela coligação Partido Social Democrático (PSD) e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Tomou posse em 31 de janeiro de 1966 sucedendo a Fernando Corrêa da Costa. Foi o candidato a governador mais votado em toda a história de Mato Grosso, com 109.905 votos<sup>30</sup>. Após a extinção dos partidos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965) ingressou na Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de apoio ao regime militar instalado no Brasil em 1964.

A Professora Celcita também destaca outra grande pessoa de referência que marcou a história da educação em Mato Grosso: Gabriel Novis Neves que era o Secretário de Educação do Estado, e que foi o primeiro reitor da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, criada em 10 de dezembro de 1970, sendo proporcionado por um impulso de Pedro Pedrossian, sendo um marco histórico na história de Mato Grosso no mesmo período.

---

<sup>30</sup> Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedrossian-pedro>>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.

O primeiro discurso de Pedro Pedrossin como Governador de Mato Grosso, em 1966, já destaca a importância que dava para a educação ao declarar que o processo educativo é gradual e exige um complexo de implementações de condições que possibilitem que a educação deixe de ser um privilégio para poucos e passe a ser acessível para todos. Neste mesmo momento já cita a criação de uma Universidade em Cuiabá e outra em Campo Grande: “Não tenho dúvida que serão essas universidades que constituirão o cadinho onde serão forjadas as ideias que consolidarão a mudança da mentalidade, não mais permitindo o regresso ao modelo tradicional”<sup>31</sup>.

A relação que se instaura entre a história social e individual não é compreendida por Ferrarotti (1998, apud BUENO, 2002) como uma história linear ou mecânica, tendo o sujeito um importante papel neste processo, a partir do momento em que se torna ativo ao trazer consigo todas as apropriações que ele faz de mundo, ressignificadas em suas vivências toda a subjetividade do indivíduo, chegando a ser considerado um sujeito histórico dentro deste complexo universo social no qual estamos todos inseridos. A abordagem do registro escrito de histórias de vida por meio das narrativas orais, aduzindo `memória, consequentemente nos conduz à compreensão das subjetividades presentes no método biográfico.

Enquanto estive em Campo Grande, Celcita ficou à disposição da Universidade, pelo Estado. Era a Universidade Estadual de Mato Grosso, a UNEMAT, e trabalhou na Universidade, no escritório do Reitor. Jonas estudava durante o dia na Faculdade de Veterinária, e ela ia à noite para a faculdade, enquanto o marido cuidava das crianças:

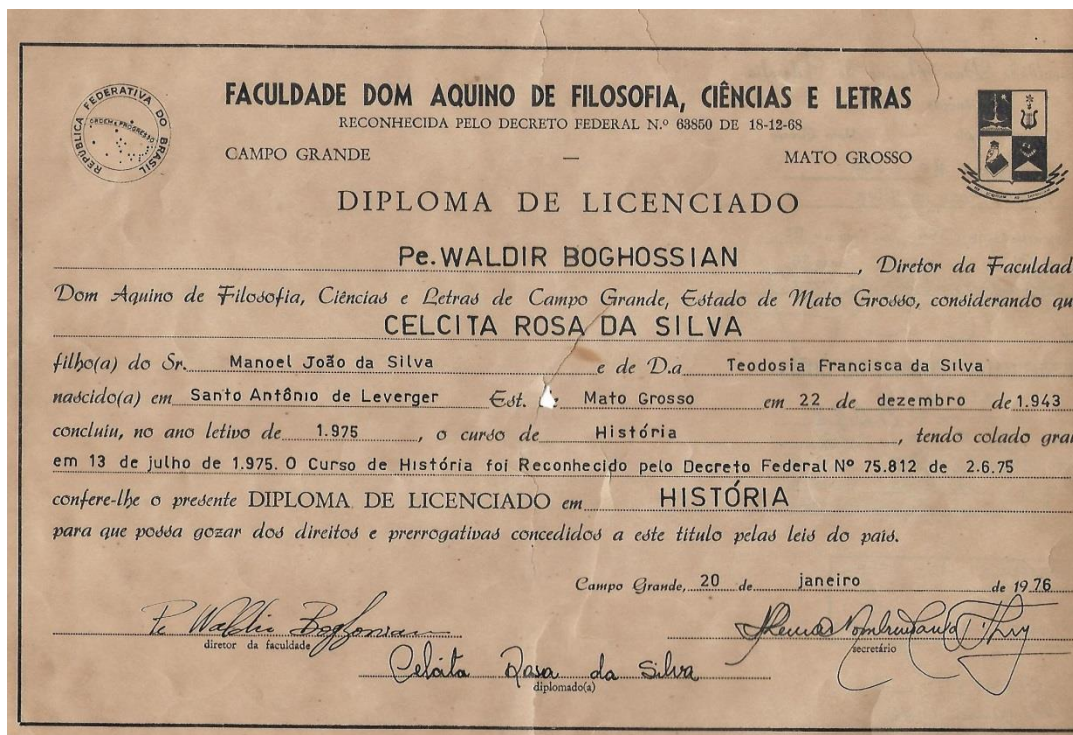
*“E eu fiquei estudando, e acabei formando um grupo grande de amigos lá na faculdade, e então não fiquei tão sentida, sofrida, porque ele não pude fazer o curso que queria. Também tinha que pensar na família, pois já era concursada, já estava efetiva, ia fazer para melhorar a minha vida profissional. Então fiz História na faculdade, e foi lecionar em uma Escola Pública, o Educandário São Francisco. E quando cheguei lá, o Padre era o Padre de Jaciara. A Diretora da Escola também foi minha Diretora na escola em Jaciara. Então eu não tive dificuldade lá. Foi lá, então que o Padre falou: “Vamos lá conversar com a Irmã Gema”, e eu fui conversar com ela, e ela já arrumou para mim uma vaga, e eu já fui transferida para lá”<sup>32</sup>.*

---

<sup>31</sup> Disponível em: < <http://www.mt.gov.br/-/6353476-evolucao-da-formacao-escolar-em-mt-e-tema-de-reportagem-especial>>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.

<sup>32</sup> De Depoimento de Celcita Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 18:** Diploma de Licenciado em História – Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciência e Letras de Campo Grande



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

Na figura 18 está o Diploma de Licenciado em História da Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras. Celcita Pinheiro graduou-se em história pela Faculdade Católica Dom Aquino em 1974, complementando sua formação acadêmica na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Quando se formou, havia uma lei que dizia que ninguém podia ficar à disposição, todo mundo tinha que voltar para sala de aula. Então Celcita já estava adaptada lá, e falou na escola com a diretora, que de pronto conseguiu uma sala para ela. Então trocou a Diretora, Dona Berenice que também já era sua amiga. Assim, não teve problema nenhum de adaptação com escola lá. Morava perto da escola, seus filhos estudaram na escola pública, os dois: A Giani e o Giorgio. Não na mesma escola, mas em uma Escola Pública. Giani era na Imaculada Conceição, e Giorgio ficou na Fragelli. Então Celcita terminou a faculdade lá em Campo Grande, e a proposta era a voltar para Cuiabá:

*“e quando concluímos a faculdade nós voltamos para Cuiabá. Depois que voltamos para Cuiabá, fui lecionar, lecionei no “Barnabé de Mesquita”. Ali também foi uma experiência boa para mim. Fui lecionar, e naquela época comecei implantar a disciplina Estudos regionais. Como eu tinha me formado em História, me chamaram para dar essa disciplina. Estudos regionais, para*

*mim, também era uma coisa nova, mas eu fui na Secretária de Planejamento, era Bento Porto que era Secretário, e peguei bastante coisa que tinha de inovação, da região de Mato Grosso, que estava acontecendo. E eu dava esse assunto novo para os alunos: e eram só alunos novos mesmo, militares, etc<sup>33</sup>”.*

Celcita ao se lembrar deste período de sua vida, remete aos primórdios do ensino de História Regional no Estado de Mato Grosso. De acordo com Le Goff (2003, p. 469) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Um dia Celcita deu uma aula pra mostrar algo no mapa, e o aluno era do exército, aí ele levantou e deu uma explicação para todos, das informações na prática, do que ele estava vivendo:

*“então pensei que estava perto de gente que já sabia das coisas. E era um silêncio na sala de aula, eu dava aula explicando, e os alunos ‘nem piavam’. Dava aula de manhã e à noite: de manhã era aquela gurizada sem educação. Ai quando chegava à noite, era um silêncio. Eles prestavam tanta atenção, que eu ficava pensando, se eles não estavam entendendo. Mas quando começou aparecer esses que sabiam, aí que fui entender que realmente estava dentro dos estudos regionais, que era o que a matéria falava. Que era uma matéria nova, que ninguém sabia o que era aquilo ali. Só que tive que dar, e eu fui dando Estudos Regionais, porque senão, o que que eu ia lecionar? Educação Moral e cívica, já tinha Moral e Organização Política que já falava da política, e Estudos Regionais nos remete ao que está acontecendo na região. Eram só duas aulas. Não tinha mais do que isso, do tanto que era valorizado, por semana. Aí depois o governo não quis mais e acabou. Eu tinha sido contratada pela Escola só por causa dessa disciplina. Minha cadeira era lá na quinta série<sup>34</sup>”.*

Depois, Celcita fez outro concurso para segundo grau, porque já tinha faculdade. Então fez mais um concurso, e passou, e ficou como professora de primeiro e segundo graus, completo. Por fim se aposentou. Mas não conseguiu se aposentar com vinte e cinco anos como professora, se aposentou com trinta, pois como acompanhou o marido que já era político na época, não conseguiu cumprir todo esse tempo em sala de aula:

---

<sup>33</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>34</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*“Quando me aposentei falei para ele que até na minha aposentadoria ele teve interferência. Porque eu tive que aposentar com trinta anos por não ter ficado vinte e cinco anos em sala de aula, pois fui para Brasília com ele, e fiquei à disposição do Estado de Mato Grosso<sup>35</sup>”.*

No tocante à formação de professores, Nóvoa (1988, p.116) afirma que, no campo da literatura pedagógica, a obra ‘O professor é uma pessoa’ destaca grande importância e significado frente à transposição de outros momentos e movimentos sobre o processo de formação. A trajetória professoral de Celcita demonstra aspectos bastante significativos que envolvem a subjetividade do sujeito da pesquisa, e deixa claro a influência do marido em sua vida profissional, boa em alguns momentos, em outros não.

Le Goff (2003, p. 424) ao asseverar que: “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Ao evocar essas informações do período em que fez a faculdade, Celcita descreve o esforço que fez e que envolveu toda a sua família para alcançar essa conquista.

## 1.7. ESPECIALIZAÇÃO

Celcita fez sua especialização em História e Historiografia de Mato Grosso (1982-1983) na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT em Cuiabá, um curso realizado pela Professora Luíza Volpato. Celcita auxiliou na organização e burocracia administrativa e financeira para a realização do curso. As Professoras Luíza Volpato e Neuza Bini, naquele momento precisavam de auxílio financeiro, e como Celcita trabalhava na Secretaria de Educação coordenando um Projeto, tomou a liberdade de falar com o Dr. Hélio Palma de Arruda, que era Secretário de Educação à época, no ano de 1982:

*“Dr. Hélio conversou com a Professora Luíza e autorizou a parceria. Fiquei tão animada com o curso que resolvi me inscrever como aluna, mas quando fui pedir para fazer o curso, o Dr. Hélio não quis deixar e disse: ‘Não Sra! Se não a Sra. acaba me matando, vou puxar a tua orelha...’. Mas eu, sempre fui perseverante e não me conformei em fazer todo esse sacrifício, para conseguir autorizar a realização do curso, ainda mais por ser o primeiro de especialização, e era em História de Mato Grosso, que era minha área de docência pela Universidade. Fiquei chateada com o Dr. Hélio, e não aceitei aquela decisão, procurei outro Departamento, e eles autorizaram eu fazer o*

---

<sup>35</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*curso. Então, muito satisfeita, iniciei. Foi um pouco corrido para mim, pois tinha aula a cada quinze dias, e na semana do curso, eu ia na faculdade e participava do curso, durante o dia, e então tinha que ir correndo bater o ponto na Secretaria, ia em casa almoçar, e voltava para poder trabalhar, por causa do ponto. Mas para mim foi bom, valeu a pena e consegui concluir o curso. E quando terminei o curso, em dezembro, tinha que entregar a monografia, em fevereiro. Nessa época Jonas foi eleito para Deputado Federal, aí fui para Brasília com ele, tirei férias para concluir a monografia. A Professora Neuza Bini que foi minha orientadora, e que também se tornou minha amiga<sup>36</sup>”*

A ânsia de Celcita pelo conhecimento a impulsiona a alcançar seus desejos, sua busca na trajetória docente. Para Nóvoa (2008, p. 227), os professores-pesquisadores são essenciais para a nova sociedade do conhecimento, pois nunca viram o seu saber específico devidamente reconhecido. Mesmo que se reconheça a importância de sua missão, a tendência é considerar sempre que lhes basta dominar bem a sua matéria de ensino e ter uma certa aptidão para a comunicação, para o trabalho com os alunos.

Para Celcita foi uma coisa nova, pois ela fez a Faculdade de Licenciamento em História e no curso, se deparou com uma análise crítica da teoria, e para ela era tudo novo. Os professores vinham de fora, cheios de ideias e teoria, muito conteúdo, mas Celcita se adaptou e fez uma análise crítica dos livros de 1º e 2º graus, que não tinham nada da História de Mato Grosso, e esse foi o tema da sua monografia. Ela deu aula, e os livros não traziam esse conteúdo. Os livros vinham de São Paulo, do Rio de Janeiro, contando a História do Brasil, mas nestes, Mato Grosso era esquecido. Celcita diz que tinha que mostrar o Mato Grosso no mapa para as crianças, pois nem aparecia nos livros. Os professores tinham que preparar a aula por conta própria, trazer para a realidade do Estado de Mato Grosso, da Cidade de Cuiabá. Por essa razão sentiu necessidade de abordar esse tema.

Neste relato a entrevistada remete a outro importante aspecto histórico da educação no Estado de Mato Grosso, o início dos Estudos de História Regional, mas que ainda não era reconhecido nos livros didáticos escolares, pois alega que Mato Grosso não aparecia na abordagem dos livros editados naquela época, ou seja, em 1983. Halbwachs compreende que é:

“Por meio de um trabalho minucioso, que os historiadores podem redescobrir e atualizar certa quantidade de fatos grandes e fatos pequenos, que se

---

<sup>36</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

acreditava perdidos para sempre, especialmente quando têm a sorte de encontrar memórias inéditas” (HALBWACHS, 2006, p.101).

Celcita relata esta época com alegria e brilho nos olhos, pois foi um momento importante para sua trajetória professoral:

*“As aulas eram bem agitadas, com bastante discussão. Benedito Pedro Dorileo que era o Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso naquela época. Teve uma aluna do curso que ficou com tanta raiva das aulas, pois o professor fazia análise crítica, e acabava falando do governo, de tudo, e essa aluna foi até o Reitor reclamar do professor do curso. Eu só tenho a agradecer, para mim valeu cada minuto de aprendizado e os professores eram ótimos mesmo me sinto que tive uma oportunidade ímpar nessa Universidade<sup>37</sup>”.*

Celcita diz que os alunos universitários são mais críticos, gostam de um debate. Durante sua trajetória participou de dois debates com Universitários na Universidade Federal de Mato Grosso, um quando era parlamentar, e outro quando era Secretária da Assistência Social no mandato do Wilson Santos, e Paulo Speller que era o Reitor na época. Wilson Santos criou uma Ementa para a realização de uma obra na Universidade, nas Ciências Sociais, quando chegou e um aluno começou a questioná-la, de cara feia:

*“‘A senhora conhece o puxadinho?’. Eu respondi: ‘Conheço’. E o aluno: ‘Onde que a Sra. viu?’. E eu: ‘Meu pai era pedreiro e na minha casa foi feito puxadinho, um puxadinho ali, que era desse tamanho batia no teto do telhado da casa’. E então eu acabei com a discussão, que era a respeito do dinheiro que o Reitor recebeu para a obra, mas eles alegaram que construíram apenas um puxadinho. Aí o ambiente mudou, riram, acharam graça, e acabou a reunião. Fiquei preocupada pois eles não o respeitaram nem o Reitor, mas, foi bom, e gostei<sup>38</sup>”.*

Assim manifesta a satisfação ao recordar emocionada dessa fase da sua vida, quando concluiu sua monografia, recebeu seu diploma, sua nota, arrumou sua documentação no Estado para melhorar sua situação no quadro de Professor. Essas informações nos remetem não apenas trazer à tona um sujeito e sua história de vida professoral, mas um indivíduo com uma história que ultrapassa sua própria trajetória de formação, pois traz em si todo um contexto histórico temporal de fatos que esse sujeito vivenciou. De acordo com Halbwachs (1990, p. 71), “a

---

<sup>37</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>38</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”.

A entrevistada diz que só não fez Mestrado por causa da sua vida ter sido muito tumultuada. Para fazer essa especialização já difícil, pois teve que conciliar com toda a sua rotina de vida profissional e familiar. Conta que saiu do “metiê” da educação, ficou só com as amigas. Frequentou muito a Academia de Letras, para poder continuar ativa, acompanhando as novidades, mas não executando mais nada. Encerrou a sua carreira. Por isso que conta que não aposentou como professora, com 25 anos de serviço, teve que aposentar com 30 anos de serviço, pois não ficou direto em sala de aula.

Percebe-se um conflito em Celcita, visto que em sua entrevista fez questão de enfatizar que não conseguiu se aposentar como professora com 25 anos de serviço, direto em sala de aula pois teve que acompanhar seu marido e abrir mão da sala de aula. Quando Jonas foi eleito Deputado Federal em 1982 Celcita acompanhou Jonas, e em 1983 foi para Brasília com ele, ficando à disposição do Estado de Mato Grosso. Percebe-se aqui um descontentamento de Celcita de ter renunciado à sala de aula, e que Jonas, a nosso ver parecia mais dependente de Celcita, do que ela dele.

Nóvoa (1988, p. 116) em seus estudos nos traz um quadro significativo sobre as pesquisas que adotam a história de vida para compreender a formação, a produção da profissão e as práticas docentes. O autor traz como fonte as influências exercidas por Pierre Dominicé na sua formação e em relação à utilização das histórias de vida numa dinâmica de investigação-formação, ao afirmar que: “foi com ele que conheci as ‘histórias de vida,’ na dupla perspectiva da investigação e da formação, vivendo na Universidade de Genève, nos anos de 1981 e de 1982, uma experiência pedagógica (no sentido forte do termo) que marcou a minha maneira de pensar e agir. Ao produzir e analisar (individualmente e em grupo) a minha própria história de vida, afirmava a necessidade de um ‘tempo de balanço’[...]. (DOMINICÉ, 1988, p. 24, grifo do autor).

Para Neves, na revista da Associação Brasileira de História Oral: “Uma autobiografia consiste na narrativa da própria existência e, como salienta Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), nela foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro”. (NEVES, 2000, p.118).

## 1.8. CELCITA PINHEIRO COMO SUJEITO DE PESQUISA

Ao estudar a história de vida da professora Celcita pinheiro, busca-se fazer um exame das relações sociais e políticas estabelecidas, bem como refletir se sua atuação como profissional e Deputada Federal contribuiu para a melhoria do processo educativo. Dentro desta perspectiva adentramos o conceito de identidade abordado por Nóvoa (2007, p. 16), que nos remete à compreensão de que “Identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Neste ínterim, ao abordar a identidade profissional do professor surge-nos a reflexão dos métodos que abordam a formação inicial e continuada dos docentes, levando-nos a repensar a respeito dos saberes necessários para a formação do profissional da educação.

Segundo os aportes de Nóvoa (2007), pode-se observar que existem desafios para categorizar os estudos relativos às histórias de vida, apresentado pelas abordagens biográficas. Desse modo, revela-se ser alvo de críticas por parte da psicologia, que a considera escassa no sentido metodológico, bem como da sociologia, que ao desacreditar este tipo de abordagem, entende não ser capaz de captar as mudanças coletivas que causam transformação social, sendo também entendida como:

“um campo fértil em práticas e reflexões, uma abordagem multidisciplinar, capaz de ser enquadrada em diversos quadros conceituais e metodológicos” (NÓVOA, 2007, p. 19).

Neste contexto de estudo, para que as trajetórias de vida nos apresentem como potencial de pesquisa, cabe-se não só narrar os fatos por si só, mas interpreta-los e trazer a relação estabelecida entre os acontecimentos, levando-nos à reflexão, à reconstrução da história através da memória, e toda sua bagagem de vida e experiências percorridas, em um contexto histórico, social e cultural.

Chizzotti (2006) ao abordar as subjetividades presentes nos discursos desenvolvidos com seres humanos, traz à luz as histórias de vida, vendo-as como experiências de grande valor, seja de um indivíduo ou de um grupo, feitas por um investigador que colhe depoimentos orais, ou por meio da escrita, podendo se valer de outras fontes, com o objetivo de enriquecer a pesquisa. Neste sentido Pollak (1992, p. 11) também traz a ideia de que o pesquisador deve

utilizar de todas as possibilidades de técnicas disponíveis de pesquisa, a fim de aprimorar os resultados.

Ao utilizarmos do método biográfico, adentrando na história de vida do personagem-sujeito da pesquisa, iniciamos uma jornada rumo a vida do personagem para compreender as relações deste com as estruturas sociais vivenciadas pelo mesmo, e, especificamente, o nosso sujeito de pesquisa ingressar no âmbito das histórias de vida professoral, tendo como foco suas experiências enquanto professora, sua carreira, seu percurso profissional, bem como sua trajetória no espaço público, adentrando a política brasileira. (NÓVOA, 1992 apud BUENO, 2002).

Nessa perspectiva, o método biográfico, ao seguir o liame da subjetividade na pesquisa com histórias de vida, acaba por gerar uma compreensão das ações humanas, bem como a maneira de como estas ações se manifestam, e consequentemente interagem e interferem nas relações sociais da vida cotidiana. Desse modo, torna-se fundamental utiliza-se desse método biográfico, a fim de reconstituir a história de vida da Professora Celcita Pinheiro, a riqueza das informações presentes nos discursos narrativos das entrevistas de história oral, principalmente o discurso da própria entrevistada, objeto desta pesquisa, e suas memórias, fazendo uma correlação com as memórias das pessoas e alunos que conviveram com ela, através de relações pessoais e profissionais, bem como a utilização de valiosas fontes secundárias de pesquisa, como documentos pessoais da própria entrevistada e documentos oficiais presentes no próprio site da Câmara dos Deputados e Tribunal Regional Eleitoral do Estado de Mato Grosso.

Desse modo, ao no mover rumo a trajetória desta história de vida professoral, nos amplia o olhar sobre a pesquisa nesta seara do Ensino e da Educação, no sentido de possibilitar a compreensão da relação do indivíduo, objeto desta pesquisa, com o tempo e a dimensão social e histórica que se relacionam com este personagem, suas práticas e experiências vividas em um determinado momento histórico, criando um cenário formado por suas memórias, e as memórias das pessoas que com ela conviveram dentro deste contexto, pessoas que trazem consigo memórias carregadas de valores pessoais, crenças, culturas, valores e costumes diferentes que fazem com que engrandea nossa pesquisa. Segundo Ewald e Soares (2007) essas experiências comuns, que se interligam entre si e contadas aos indivíduos em seu coletivo são reconhecidas como memória coletiva (EDWALD; SOARES, 2007).

Ao adentrar no universo da memória individual e coletiva Halbwachs (2006) remete a ter um certo cuidado ao estabelecer limites entre a memória individual e coletiva, visto que para o autor, a memória individual é sempre coletiva, posto que por sermos indivíduos sociais, nunca

estamos sós. E, ne mesmo liame, ao relatar experiências individuais, estas são formadas a partir de experiências coletivas, com lembranças subjetivas distintas de cada indivíduo, nos remetendo a traduções e significados diferentes de um mesmo fato.

Buscando compreender estas subjetividades presentes nas história de vida e memórias destes indivíduos, suas experiências vivenciadas com olhares tão diferentes nos guiam para o caminho a ser percorrido nesta pesquisa que nos leva ao objeto escolhido, ou seja, a história de vida e trajetória pessoal e profissional da professora Celcita Pinheiro, com o intuito de fazer uma reflexão sobre a docência e os motivos que levaram essa professora a ingressar na carreira política, através destas memórias individuais e coletivas.

Ao defender que a História Oral é um meio aceitável “para que estes fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis”, com a capacidade de fazer uma nova releitura da memória passada, presente em um anova realidade, nos remete à compreensão de que as narrativas em História Oral trazem consigo uma imensa força narrativa, que não se pode igualar a uma mera ficção, pelo contrário, Verena Alberti (2004) esclarece ser “a arte de saber ouvir e contar”.

Alberti (2013) nos remete à importância do trabalho com a história oral para a pesquisa, razão pela qual tem aumentado cada vez mais o interesse dos historiadores pela memória:

“O trabalho com a história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças” (ALBERTI, 2013, p. 157).

A mesma autora afirma que se trabalha com visões particulares e muitas vezes idiossincráticas para ampliar nosso conhecimento acerca da história, é porque de alguma forma acreditamos que a história é um nome genérico para designar as *histórias* vividas e concebidas, diferentes ou parecidas, criadas por pessoas em contato com o mundo. Consequentemente, somos levados a considerar o peso do imponderável e do próprio indivíduo nessa história-histórias que estudamos (ALBERTI, 2013, p. 157).

Desse modo, a memória que aborda-se não se traduz apenas em lembranças de fatos ocorridos no passado, mas sim a uma inter-relação entre o passado e o presente, que se encontram e dialogam entre si, favorecendo a compreensão de que esse método pode ser utilizado como fonte de pesquisa, bem como a memória coletiva, levando em consideração os

fatos históricos, memorizados de forma diversa pelos indivíduos dentro de um espaço e tempo vivenciados, razão esta da utilização desse método na presente pesquisa, por meio da escrita das Histórias de vida, a fim de não perder a riqueza da memória individual, que ao mesmo tempo faz parte da memória coletiva.

Dentro deste contexto, a História de vida da Professora Celcita Pinheiro nos remete à sua trajetória de vida, desde a sua infância, até o magistério, bem como o seu ingresso como parlamentar, configurando desse modo, a escrita da história de vida professoral, com grande importância para o desenvolvimento da pesquisa para o Ensino e Educação na seara da formação de professores.

## **2. TRAJETÓRIA DOCENTE DA PROFESSORA CELCITA PINHEIRO NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

Neste capítulo, procura-se mostrar aspectos relativos à trajetória docente da professora Celcita Pinheiro no contexto educacional, seja como ensinava em sala de aula, seja através de sua atuação na Secretaria de Educação Estadual de Mato Grosso – SEDUC. Cabe refletir se de certa forma sua trajetória docente e atuação no contexto educacional tiveram influências posteriores na sua atuação parlamentar.

A intencionalidade nesse sentido é desvelar a história de vida da Professora Celcita Pinheiro e seu ingresso na carreira política, como Deputada Federal. A partir de sua trajetória professoral/profissional podemos refletir sobre os reflexos de sua sociabilidade, seja como professora, seja como atuante nos Projetos sócio educativos da SEDUC, na sua decisão de se eleger e ingressar no cenário político mato-grossense, permitindo-nos ingressar no campo da memória em que:

“A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada” (DELGADO, 2010, p. 16).

Neste sentido, compete fazer uma retrospectiva ou avanço temporal quando as fontes nos demarcarem algum fato de sua vida pessoal, social e profissional que possa colaborar para a compreensão de sua trajetória profissional e seu ingresso na política.

### **2.1. COMO A PROFESSORA CELCITA ENSINAVA?**

Teria a Professora Celcita Pinheiro sido uma boa professora para sua época? Como ensinava seus alunos? Aos seguir esses questionamentos, além de colher informações da própria entrevistada, evidenciou-se a necessidade de buscar depoimentos de ex-alunos da Professora Celcita Pinheiro, que relataram que Celcita foi uma excelente professora, no sentido de influenciar com que seguissem a carreira docente também.

O sujeito de nossa pesquisa se formou no Magistério em novembro de 1962, e voltou para a casa de seus pais em Santo Antônio do Leverger, e logo iniciou seu trabalho como professora. Iniciou como professora na mesma escola que estudou quando menina e foi lecionar

no Grupo Escolar Leônidas de Matos. Ao chegar na Escola, se deparou com a ausência do diretor:

*“o diretor, não tinha tempo. Aí o Sr. Edgar Gonçalves Neto, que era o Prefeito de Santo Antônio, que tinha autoridade sobre a escola na época. A escola era do Estado, mas ele que era o político, então ele que mandava na escola. Aí ele convidou uma freira chamada Maria Etelvina, que tinha uma escola particular em Santo Antônio, uma Escola de Freiras, e convidou ela para administrar o Grupo Escolar, para pôr a escola ‘na linha’. Então eu comecei a dar aula de História na quinta série. Depois, passei a dar aula de matemática. Fui dar aula de matemática, no nível de admissão para o ginásio. Eu já namorava, foi quando comecei a namorar Jonas Pinheiro. Então, Jonas fez para mim um caderno, com todos os problemas, com a solução e as respostas. Ele fez esse caderno, de todos os problemas que tinha no livro de admissão do ginásio e deu para mim, pois eu achava que não bastava só dar a tarefa, eu tinha que saber resolver. Mais uma vez, meu pai, que era autodidata e muito bom em cálculo, me auxiliou também, e então sentava comigo para ensinar e tentar achar a solução, a resposta, para que eu pudesse explicar para as crianças na escola<sup>39</sup>”.*

Segundo Nóvoa (1995, p. 17) “os professores são funcionários, mas de um tipo particular, pois a sua ação está impregnada de uma forte intencionalidade política, devido aos projetos e às finalidades sociais de que são portadores”. Mesmo exercendo suas funções de professor, ensinando a disciplina de forma objetiva, não há como deixar de manifestar algo pessoal, subjetivo da vida desse professor, afinal ele traz consigo suas experiências de vida, suas vivências, a forma e com quem aprendeu, e que influenciou em como ensinar. Celcita nunca se esqueceu da sua primeira professora e buscava se inspirar em suas professoras, para ensinar. A participação do seu pai e de seu futuro marido também se faz presente neste momento de sua vida, pois ambos a auxiliava e incentivava sua trajetória professoral. Celcita tanto sonhou com esse momento, que fala com animação desta época durante a entrevista:

*“Eu lecionei no Grupo Escolar Leônidas de Matos, na quinta série por um bom tempo. Foi então que, auxiliei Maria Etelvina, porque, ela ‘foi colocar ordem no galinheiro’, e eu fui com ela. Ela era muito brava, e a criança ‘piava fino’ com ela. Então, eu fui fazer orientação educacional junto com Maria Etelvina, para as crianças, para auxiliar. Diante disso, fui convidada para fazer um curso de supervisão educacional em Belo Horizonte. Fiquei quase dois anos em Belo Horizonte fazendo o curso de supervisão. Aqui na região, era época da revolução de 1964. Esse curso, era o avanço da educação no Brasil, um curso realizado pelo Professor Darcy Ribeiro, para*

---

<sup>39</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

*implantar esta didática no Brasil. E eu fui aprender em Belo Horizonte, e por conta da Revolução, em Mato Grosso ainda não tinha nada, o curso foi maravilhoso, abriu minha cabeça como educadora. Era pra tirar essa coisa da cabeça da criança, de estudar ABC. Era pra aprender pela visualização das coisas, tanto que, era por linguagem, matemática, estudos sociais, era globalizado o ensino. Fui aprender tudo isso. Darcy Ribeiro organizou e abriu para todo o Brasil, para aprender e poder implantar nos Estados. Eu e minha irmã fomos juntas, passamos quase dois anos lá. Então, na revolução de 64, eu estava lá, em Belo Horizonte, aprendendo, e aqui em Cuiabá já estava aquela confusão toda. Ao concluir o curso, eu voltei, e fui fazer a supervisão em Santo Antônio do Leverger, nessa mesma escola. Só tinha essa Escola em Santo Antônio, naquela época. Eu lembro que aproveitei bastante o curso e soube transferir para lá o conhecimento. Batalhei por isso, e então que fui ver que a alfabetização e que a leitura são fundamentais na vida da criança. O aprendizado da leitura, de formar frase é muito importante, e, eu não sabia que formar frase, que faz a língua, que faz você ser um bom redator<sup>40</sup>”.*

Em mais um momento depara-se com uma passagem histórica que faz parte da memória coletiva, e que se apresenta no depoimento da entrevistada: a Revolução de 1964. Para as pessoas que foram contrárias foi intitulada de “golpe” e para as que foram favoráveis foi conhecida como “revolução”. O fato é que houve uma Intervenção Militar iniciada em março de 1964 e instituiu o período da Ditadura no Brasil, que duraria 21 anos. Na madrugada de 31 de março de 1964, lideradas pelo general Olympio Morão Filho, tropas militares marcharam de Juiz de Fora (MG) para o Rio de Janeiro (RJ) com o objetivo de derrubar o presidente eleito João Goulart. Tropas ocuparam as ruas das principais cidades do país, inclusive de Cuiabá/MT. Naquela mesma madrugada, saía de Cuiabá com sua tropa um dos protagonistas do movimento político-militar que tomou o país: o general Carlos de Meira Mattos. Ele era o comandante do 16º Batalhão de Caçadores, sediado na capital mato-grossense, bem como aliado de primeira ordem dos udenistas, partido a que pertencia o Governador do Estado Fernando Corrêa da Costa. As referências bibliográficas sobre o período da Ditadura Militar em Mato Grosso são escassas, mas tem-se que essa “Revolução” que Celcita relembra desencadeou um longo período de ditadura civil-militar no Brasil, governando-se através de medidas administrativas e legais que aboliram o Estado democrático de Direito, que somente foi reestruturado 25 anos depois através das Diretas Já. Ao se utilizar do conceito “Revolução” Celcita demonstra as ideias construídas por ela e pelo meio em que vivia, que via o comunismo como uma ameaça

---

<sup>40</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

ao Brasil<sup>41</sup>. Desse modo, a “Revolução de 64” fez com que houvessem mudanças consideráveis na educação durante este período, daí vemos a importância dos relatos da entrevistada para compreender como se organizavam a educação e a política brasileira.

Ao ser questionada sobre como ensinava, a entrevistada conta sua experiência e traz um panorama histórico educacional da época:

*“Antigamente, em Santo Antônio não tinha muita estrutura: era o quadro negro e o apagador. Eu fazia o material na minha casa e levava. Mas eu perdia tempo com as crianças, lendo no quadro, porque era a única forma de fazer. E depois disso, as meninas aprenderam a ler, aprenderam mesmo. Liam, e eu vi que as crianças gostavam daquilo. Não era só eu que gostava, as crianças gostavam também. Eu nem era a professora, era apenas a supervisora, mas ia na sala e pedi para assumir a aula, para a professora descansar um pouco. Naquela linha de alfabetização, eu ia lá e ficava um tempo com os alunos e fazia atividades com as crianças. As outras crianças, que eram da quarta série, até reclamavam, que só fazia com outra turma. Mas lá que era bom, pois se eles ficassem bem lá, não iam dar trabalho aqui, de jeito nenhum, ia estar tudo sabido já. Fiquei lá, por mais dois anos. Foi então que me casei e vim para Cuiabá, morar na Rua Barão de Melgaço<sup>42</sup>”.*

Assim, para Nóvoa, “[...] as histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida’ [...]” (NÓVOA, 1988, p. 116, grifos do autor). E é dessa forma que Celcita foi formando sua construção como professora, repensando as metodologias utilizadas à época e as que aprendeu com o Professor Darcy Ribeiro, que mudou sua forma de ensinar.

Após passar por essa experiência inicial em Santo Antônio do Leverger, Celcita mudou-se para Jaciara/MT, e logo foi lecionar na escola de Jaciara, porém, continuou fazendo supervisão escolar. E encontrou em Jaciara, muito mais dificuldade, pois Santo Antônio era mais perto de Cuiabá, tinham professores com Magistério, mas em Jaciara:

*“não tinha nem como fazer um teste para achar um professor para lecionar. O professor que tinha na época, não sabia nem ler direito. Era triste ver a situação que se encontrava aquela cidade. Na época, ainda tinha resquício da revolução e tinha revolucionário também lá. Já tinha Sindicato na época. Nessa época, meu marido, Jonas Pinheiro, trabalhava na Carmat (atual*

---

<sup>41</sup> Fonte: Ata de registro das sessões da Câmara Municipal de Cuiabá, de 26 de dezembro de 1966 à 8 de abril de 1976. (Acervo da Coordenadoria de Cultura e Resgate Histórico/CMC). Disponível em: <<http://www.camaracba.mt.gov.br/noticia.php?id=6963>>. Acesso em outubro de 2020.

<sup>42</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*EMPAER). Ele fazia serviço social rural, e ia fazer visita em todas as regiões da cidade. Lá, além de mim, também tinha a Professora Helena Figueiredo, e íamos junto com ele. Ficávamos em Jucimeira, dávamos aula de como que os professores iriam fazer a aula do outro dia, da semana inteira. Deixávamos o plano de aula para os professores prontinho, já arrumado com tudo que eles iam fazer, tudo que eles iam dar, o que iam trabalhar. Então, no outro dia em outra cidade, em outro lugar, pra fazer a atividade pra eles lá na cidade. No final, nós já estávamos cansadas de enfrentar tudo isso: porque tinha problema político demais, pois aquela época, era a política que comandava tudo<sup>43</sup>”.*

No discurso da entrevistada pode-se observar a dificuldade de formação de professores no interior do estado, visto que as escolas para formação de magistério encontravam-se apenas na capital Cuiabá, fato este que dificultava para os professores virem se formar. Celcita utilizou todo o seu conhecimento de supervisão escolar que aprendeu com Darcy Ribeiro, no curso que fez em Belo Horizonte por quase dois anos, para auxiliar aqueles professores carentes de conhecimento e expertise em Jaciara:

*“Foi então que conseguimos fazer um curso de férias para esses professores, para eles aprenderem, não só a técnica para ensinar, bem como o estudo da história, geografia, ciências, matemática. Não era ginásio, era um curso preparatório, por necessidade, na época. A partir desse curso, eles fizeram o exame de suplência, para tirar o ginásio, que era o que tinha naquela época, e então finalmente, abriu o magistério. Desse modo, a maioria das pessoas puderam fazer o magistério e foram ser professores de verdade, lá em Jaciara. Eu vivi a vida inteira nessa função de professora, e amo essa profissão, não me arrependo de ser professora, de jeito nenhum! Fiquei todo esse tempo, fazendo essa função lá em Jaciara, e tinha o apoio do meu marido, apesar de ele ser de outra área, mas ele fazia um trabalho com assistência social<sup>44</sup>”.*

A respeito da abordagem autobiográfica de escolarização e formação, Souza (2006, p. 26) entende que:

*“Desta forma, entendo que a abordagem biográfica e a autobiografia das trajetórias de escolarização e formação, tomadas como “narrativas de formação” inscrevem-se nesta abordagem epistemológica e metodológica, por compreendê-la como processo formativo e autoformativo, através das experiências dos atores em formação. Também porque esta abordagem constitui estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação” (SOUZA, 2006, p. 26).*

---

<sup>43</sup> De Depoimento de Celilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>44</sup> De Depoimento de Celilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Finalmente chegou o ginásio em Jaciara, e então Celcita foi lecionar no ginásio, foi lecionar na língua portuguesa. Naquele momento Celcita somente tinha o Magistério. Ela era a única professora que tinha em Jaciara com magistério para assinar pelo ginásio:

*“O padre fez o convite, e eu fui lecionar na quinta, sexta, sétima e oitava série. Os alunos eram maiores do que eu, até mais velhos do que eu lá na escola. Mas eu era uma professora que nunca foi de ‘ficar só no livrinho’. Eu fazia interpretação de texto, levava a vitrola que tinha na época. Me lembro de Roberto Carlos, muitas músicas dele: ‘Sentado na beira do caminho’, por exemplo. Usava a música com os alunos e eles tinham que: escutar, interpretar, fazer a redação e análise sintática, até que, ensinando eu aprendi o que nem eu sabia. Aprendi para ensinar para eles. E aqueles alunos eram bravos, e muito danados. Era difícil aplicar prova para eles, com aqueles meninos você tinha que ‘chiar’. Eu fazia uma questão para cada aluno. Para eu ficar sossegada, olhando para a cara deles, senão eles iam colar mesmo! Porque você via o caderno rodando na carteira. Aí não achavam, porque era uma frase diferente, tudo diferente para cada um. Eu tinha esse trabalho de fazer para eles. E hoje, me encontro com eles, já adultos, já formados. Eu era brava, e eles me dizem que eu era muito brava com eles, tão brava, que os pais reclamavam para meu marido da minha brabeza na escola. Aí eles falam: ‘Professora, mas foi bom a senhora ser assim, porque eu trabalho no escritório de planejamento, e ninguém quer escrever, porque tem que fazer o relatório. Para planejar, tem que fazer o relatório. Só eu que faço o relatório. E todo mundo fala que eu sei escrever corretamente. Aí eu falo que eu tive uma professora, que quase acabou com minha vida na escola lá!’<sup>45</sup>”.*

Pelo relato de Celcita fica evidente a influência que a Professora Maria Etelvina com quem teve sua primeira experiência profissional como professora, e que tinha ido “colocar a casa em ordem, ordem no galinheiro”, deixou marcado em sua maneira de lidar com os alunos. Souza (2006, p.32) aclara ao dizer que: “Desta forma, os vários estudos e publicações sobre a vida dos professores, carreiras e trajetórias de formação, com base na utilização de biografias e autobiografias, revelam-se como de importante valor, pois potencializam recolocar os professores como cerne do debate sobre as pesquisas educacionais”.

Ao lembrar de ex-alunos, Celcita conta que foi em um almoço de um ex-aluno de Jaciara, e então uma menina chamada Helena, que já estava na Universidade, falou para ela: “Professora, todo mundo fala como que eu aprendi fazer análise sintática e gosto. Aí eu digo que aprendi com uma Professora em Jaciara, e gosto e faço. Professora eu sei fazer análise até

---

<sup>45</sup> De Depoimento de Celcita Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

de olho fechado!”. E Celcita exclama: “Menina!”. E ela: “Sim Senhora, faço tranquilamente, e gosto. Por que tem gente que não gosta, né. Eu gosto até hoje e faço muito bem”.

Lembra ainda de outra aluna, que é da Escola Técnica, e falou para ela: “Professora até inseri na minha tese de Mestrado o nome da Senhora! Do tanto que a Senhora foi importante para mim, para eu aprender a redigir”. Celcita diz que saiu muito feliz dessa festa, e até hoje está analisando essa situação. Fez com que Celcita refletisse, em tentar compreender:

*“por que tanta exigência com os alunos? Nem precisava disso, mas era que eles eram muito grandes, muito mal educados, eles eram trabalhadores braçais. As meninas tiravam leite de madrugada e iam para a escola e chegavam lá correndo, com aquele desespero para chegar, pois não podia chegar atrasado na escola. Então eles já chegavam lá, e eram bravos os meninos, bravos mesmo!”<sup>46</sup>”.*

Queiroz (1988, p. 19), em sua obra cita a importância do relato do “[...] narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu [...]”. Desse modo, o narrador quem decide o que deve ser contado, a partir da narrativa da sua vida, sem a interferência do investigador. Nesse momento, o narrador não leva em consideração a ordem cronológica dos fatos ocorridos, mas mergulha no percurso vivido, no caminho percorrido.

Celcita diz que chegou a ter medo de enfrentar aqueles meninos, e lembra que quando foi lecionar na quinta série, em Santo Antônio falaram para ela:

*“Celcita, você vai lecionar na quinta série? Cuidado! O Sr. Ciro Pinheiro, ele vai estar lá sentado na carteira e também o José Antônio, estes são os piores alunos lá de Santo Antônio’. Mas eu achei que eles nem estavam mais lá. Quando entrei na sala e vi os dois sentados, na mesma carteira ainda, senti um frio na espinha. E pensei: ‘E agora?’, mas decidi enfrentar os dois. Mas eles não deram trabalho, porque eles eram estudiosos. Estudiosos mesmo! E se deixasse um segundo, eles subiam até na cadeira, na cabeça mesmo. E hoje José Antônio foi embora para Belo Horizonte, é um grande Engenheiro lá, e Ciro Pinheiro está Universidade, um grande profissional. E eu fico olhando e penso que os meus alunos me dão hoje a satisfação do que eu fui como professora. Eu fico emocionada quando as pessoas falam que eu fui marcante na vida deles”.*

Em seus relatos recheados de acontecimentos marcantes, pode-se confirmar o motivo da admiração que seus ex-alunos têm e o porquê os influenciou até a chegar a se tornar

---

<sup>46</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

professores. Diferente de outras profissões, os docentes convivem com profissionais da área desde muito cedo. Estes profissionais os acompanham desde o primeiro dia de aula até quando conclui a Faculdade. Esta trajetória escolar tende a ficar marcada na memória destes docentes, que se lembram de professores, que, muitas vezes, serviram de exemplo a serem seguidos (NÓVOA, 1992; GOODSON, 1992). Nesta seara, a entrevistada ainda continua a relatar sobre o encontro com seus ex-alunos:

*“Porque, lá em Jaciara, a cidade era pequena. E lá não tinha como ser só professora, tinha que acompanhar. Eu me lembro que um aluno que era da segunda série, e tentou suicídio. E ele era super danado, super mal educado, sentava na carteira, balançava na carteira. Aí uma Irmã disse para mim: ‘Celcita, vamos lá, o Vitor tentou o suicídio’. E eu respondi: ‘tentou suicídio? O que ele fez? E ela: ‘Ah! Cortou o pulso’. Então falei: ‘eu nem vou ver Irmã, porque se eu for lá, eu vou passar um pito nele. Então não vou nem visitar, eu vou depois’. E ele apareceu no outro dia na escola, já com o braço enrolado, e ficou na cadeira balançando. Foi então que eu disse: ‘olha aqui, para quem estava se suicidando, agora está aqui na cadeira perturbando minha aula!’ Eu nem sabe por que ele tentou o suicídio, mas aí ele estudou, formou, foi um menino muito bom, eu tinha paciência com ele. Hoje ele é fiscal da Receita, e virou o um grande homem. Mas, eu nem sabe porque que ele fez essa gracinha, lá na escola, na última carteira, balançando com o braço amarrado. E a Freira ficou com dó dele, e eu não. Eu não quis ficar com dó, porque não sabia o que era. Se era questão de família, não queria entrar nessa seara, e tratei como se não tivesse acontecido nada. E ele também não reagiu nada, não veio falar comigo. Hoje encontro com ele, casou com uma colega, que faleceu, uma amiga nossa, e ficamos amigos dele até hoje, pronto. Não teve nada. Acho que, talvez se eu fosse fazer ‘o gostinho dele’, tinha ficado com manha<sup>47</sup>”.*

Pinto (1981, p. 209) afirma que, “A memória migra para além da história, assumindo dimensões psicológicas, íntimas e subjetivas”, que se apresentam nos depoimentos de Celcita, ao nos contar como ensinava.

Em Jaciara tem muito ex-aluno, e Celcita diz que ainda sai procurando por eles, por onde andam, o que estão fazendo:

*“Eu encontro meus alunos bem na vida, concursados, trabalhando na Caixa Econômica, por exemplo. Uma vez, em uma viagem para Brasília, sentei perto de uma ex-aluna, que disse que estava indo para Brasília, pois havia sido transferida pela Caixa Econômica, e foi transferida para Brasília, e está até hoje lá. É bom! Eu me sinto muito grata por isso<sup>48</sup>”.*

---

<sup>47</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>48</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

A fim de compreender melhor a maneira como a professora Celcita Pinheiro ensinava, o objetivo era entrevistar ex-alunos. Com a Pandemia COVID-19, a entrevista oral, pessoalmente tornou-se inviável diante das recomendações de segurança no início da pandemia, sendo a entrevista realizada através da modalidade escrita que foi enviado para a entrevistadas. Coincidentemente as duas ex-alunas que conseguimos entrar em contato, ambas se tornaram professoras, o que leva à uma reflexão a respeito da importância dos professores que passaram pela trajetória dessas ex-alunas, e dentre eles está a Professora Celcita Pinheiro, o sujeito de pesquisa. Ambas se mostraram receptivas com a proposta da presente investigação.

Neste contexto, a vida da Professora Celcita Pinheiro apresenta-se como referência para a reflexão da docência,

As memórias da ex-aluna, Professora Maria das Graças Campos, nos leva a uma viagem no tempo, que em determinado momento se interliga com o espaço temporal da história de um Colégio tradicional na cidade de Jaciara, o Educandário São Francisco, fato este que perpassa a trajetória professoral do nosso sujeito da pesquisa:

*“O meu primeiro encontro com a professora Celcita Rosa Pinheiro foi exatamente, na sala de aula do Educandário São Francisco em Jaciara. O estabelecimento de ensino fazia parte do complexo da Diocese de Rondonópolis, sendo uma escola estadual que contava com espaços verde exuberantes. As salas de aula eram cercadas por arbusto e grandes varandas. Ouvia-se ali, o cantar dos pássaros o barulho das cigarras. Enfim, estavam presentes na atmosfera e os movimentos inerentes a natureza. Naquele tempo, meus pais moravam na Fazenda Bom Jesus, em Juscêlândia, antigo distrito de Jaciara, hoje denominado Juscimeira. Morávamos em regiões distantes e para estudar tínhamos que ficar no Internato das freiras franciscanas, que eram também as coordenadoras da escola<sup>49</sup>”.*

---

<sup>49</sup> De Depoimento de Maria das Graças Campos em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 19:** Foto aérea da Escola Estadual São Francisco – Jaciara



**Fonte:** Escola São Francisco (vista aérea) | Mapio.net.

Através da foto aérea da Escola Estadual São Francisco – Jaciara (Figura 19), pode-se confirmar que a lembrança da Professora Maria das Graças Campos, apesar de ser uma lembrança de infância, se traduz exatamente com a realidade, visto que a sua lembrança de ser uma escola com verde exuberante, que permaneceu vivo em sua memória, se traduz de forma exata. E ainda, a respeito de como era a Escola e a equipe docente, a ex-aluna Maria das Graças Campos relata:

*“Posso afirmar que a escola contava com a uma excelente equipe docente. Pode-se admitir que eram competentes e peculiares. Naquele tempo, os professores exerciam uma grande liderança. Eram muito admirados e valorizados por parte dos alunos, da escola e da comunidade. Da equipe lembro-me com saudades da Professora Castorina Magalhães Leandro, uma incrível profissional da área de Educação. Ela trabalhava e articulava muito bem a teoria com a prática. Repercutindo uma presença pontual e muito afetuosa. Outro grande líder digno de registro foi o professor Jurandir Pereira da Silva. Fico feliz em poder deixar a minha homenagem. Um grande historiador, estudioso e exemplar, apresentando sempre um contraponto social e crítico dos sujeitos e dos contextos historiográficos. Pessoa de grande valor, que nos orientava para o conhecimento e para a vida<sup>50</sup>”.*

Pode-se encontrar rastros históricos de um tempo que revelam informações preciosas para a história da educação de um determinado local e determinado momento. Ao refletir acerca da história e memória:

---

<sup>50</sup> De Depoimento de Maria das Graças Campos em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

“Tempo, memória, espaço e HISTÓRIA CAMINHAM JUNTOS. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. Ao se dedicar à análise do passado, o estudioso da História vai ao encontro de outro tempo, diferente daquele no qual está integrado. Nessa viagem realiza-se um amálgama peculiar caracterizado pelo encontro de singularidades temporais. Trata-se do encontro da História já vivida com a história pesquisada, estudada, analisada, enfim, narrada” (DELGADO, 2010, P.34).

Outro aspecto presente na memória da ex-aluna Maria das Graças Campos é a forma de como a Professora Celcita ensinava e de como era como professora:

*“Nesta equipe a professora, Celcita Rosa destacava-se com uma ótima mestre da Língua Portuguesa. Trabalhava mediando as normas gramaticais com a literatura. Daí conseguia compreender melhor a parte que sempre achei enfadonha: a organização da nossa língua pátria. Assim, na sala de aula sentia que passava tudo muito rápido. Com certeza o mérito o principal era da Profa. Celcita, que ensinava com a maestria de um regente frente a sua orquestra. Muito pontual, ministrava as suas aulas com muita organização e dedicação. Tenho a memória da jovem professora. Muito esbelta sempre de roupas em tons de preto e sombrias, comunicou-nos muito discretamente, que estava em luto, em virtude do falecimento do pai<sup>51</sup>”.*

A fim de compreender o processo de formação da identidade professoral, atrás do véu de inquietudes, vivências e desenhos de uma vida que se unem aos desejos profissionais e promessas de uma profissão, suas escolhas e intenções pela profissão docente, há de se haver uma semente no âmbito educacional, os vínculos e ações sociais, que levam a uma reflexão sobre a prática pedagógica:

“O processo identitário dos professores perpassa três momentos: a *adesão* de princípios e valores educacionais, a *acção* diante das escolhas que fazemos em nossas maneiras de ensinar, e *autoconsciência* que é a reflexão do professor sobre suas ações” (NÓVOA, 2007, P. 16).

A ex-aluna Maria das Graças Campos tornou-se professora, e reconhece que a influência dos professores que passaram pela sua trajetória como aluna foi fundamental para a sua escolha, e a sua prática como docente, e dentre estes professores, sem dúvidas encontra-se o nosso sujeito da pesquisa, a Professora Celcita Pinheiro:

---

<sup>51</sup> De Depoimento de Maria das Graças Campos em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*“Sou muito grata aos bons professores que passaram pela minha vida. Tenho certeza que influenciaram para me tornar professora com apenas 14 quatorze anos, na Fazenda dos meus pais. Tenho plena convicção que os profissionais marcantes, tal qual a professora Celcita influenciaram sensivelmente, a minha opção pela carreira do magistério, que é o grande sustentáculo da minha vida até os dias atuais. Desta forma, expresso gratidão quando recordo das aulas brilhantes da professora e do seu domínio na arte de ensinar quando não media esforços, para contribuir indiscutivelmente, com o nosso conhecimento deixando neste sentido, o seu precioso legado para o nosso viver e a nossa formação<sup>52</sup>”.*

Trouxe grande satisfação o fato de conseguir realizar a entrevista, também através de escrita, em razão da Pandemia COVID-19, da ex-aluna Professora Marlene Rodrigues da Silva, que nos conta suas experiências e vivências com a entrevistada, adentrando suas memórias juvenis, nos remetendo à compreensão da didática metodológica utilizada pela Professora Celcita Pinheiro:

*“Conheci a então professora Celcita Pinheiro na década de 60, em Jaciara MT. À época, ela foi minha professora de Língua Portuguesa no antigo curso ginásial e também a minha família era bem próxima dela e do seu esposo Jonas Pinheiro.*

*Ela foi minha professora no Colégio Estadual Marechal Rondon, na década de 60. Ela era uma ótima profissional, muito responsável e dedicada na arte de ensinar.*

*A sua metodologia de ensino pautava em leitura de textos diversificados, desenvolvimento de atividades orais e escritas sobre a norma culta da língua portuguesa e produção de texto. Guardo lembranças da convivência familiar, das aulas sobre sintaxe, por exemplo. Posso dizer que ela foi uma das professoras que me influenciou na escolha da profissão de professora de Língua Portuguesa. Naquele tempo, época em que morávamos em Jaciara, ela se destacava, principalmente, pela simplicidade, pela dedicação aos alunos e por ser uma pessoa bastante acessível. Atualmente, não somos próximas, pois seguimos caminhos diferentes. Mas com ela aprendi o valor da humildade, e certamente que a Professora Celcita contribuiu com a Educação de Mato Grosso tanto no exercício da docência como na sua atuação política, sendo que esta última acompanhei já mais afastada. Assim como foi uma das profissionais da docência que me influenciou a ser professora de Língua Portuguesa, provavelmente outros professores a tomaram como referência<sup>53</sup>”.*

---

<sup>52</sup> De Depoimento de Maria das Graças Campos em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>53</sup> De Depoimento de Marlene Rodrigues da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Pode-se confirmar a busca em compreender que o fato de que as duas ex-alunas da Professora Celcita, tenham também se tornado professoras, no foi comprovado pelo depoimento de ambas, que expressam sua gratidão e reconhecimento pela Professora Celcita, bem como na sua influência para que ambas seguissem a mesma profissão. Estas escolhas e posturas pela busca da compreensão da identidade professoral seguem um movimento nem sempre linear e harmônico, visto que vão se cocriando e sendo reconstruídos:

“A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla de dinâmica que caracteriza como cada um se sente e se diz professor. A construção de identidades passa por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional” (NÓVOA, 2007, p. 16)

Neste contexto, para concluir a reflexão a respeito da forma como a Professora Celcita atuava como educadora, remete-se a um discurso da própria entrevistada proferido na Câmara dos Deputados em uma sessão que celebrava o transcurso do 60º aniversário de criação da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC, a respeito da importância da Educação nos enriquece com seu conhecimento:

“Educar é dar o exemplo, é preparar para a vida, é transmitir a experiência acumulada e enriquecida de uma geração a outra, de modo a criar oportunidades para quem a recebe. E essa abertura de horizontes — de grande importância para todos — é vital para os menos favorecidos socialmente. A educação é praticamente a única via pela qual se podem desenvolver e realizar, tanto no plano pessoal, quanto no de sua integração à comunidade. (Câmara dos Deputados - Sessão: 229.1.52.O – 16/10/2003 – Transcurso do 60º aniversário de criação da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC)”

## 2.2. A INSERÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Durante dezesseis anos, entre 1975 e 1990, Celita Pinheiro lecionou em sua região, e exerceu as atividades de técnica de assuntos educacionais e culturais da Secretaria de Educação e Cultura de Cuiabá.

Celcita sente-se feliz ao relatar que esteve em sala de aula bastante tempo, mas também atuou na parte administrativa. Quando concluiu a faculdade e voltou do Mato Grosso do Sul para Cuiabá (1975), ficou pouco tempo em sala de aula, mas logo foi trabalhar na Secretaria de

Educação do Estado de Mato Grosso. Na Secretaria de Educação trabalhou no Departamento de Educação, com reconhecimento de documentação, pois, em 1975, época em que o Estado estava fazendo o reconhecimento das escolas, organizando a documentação, pois as escolas ainda não estavam com a documentação completa. Então a entrevistada atuou nessa área, mas alega que viajava muito, e não queria mais viajar tanto, queria ficar mais acomodada.

Naquela época Mato Grosso ainda não tinha sido dividido, a divisão ocorreu apenas em 1977, então as pessoas tinham que viajar por todo o Estado para fazer a organização das escolas tanto em Mato Grosso como em Mato Grosso do Sul:

*“Eu ficava mais na Secretaria de Educação. Foi um ano muito agitado, trabalhei com muita documentação, processos administrativos, atualizações, estudo de legislação para reconhecer as escolas, para a documentação dos alunos, o registro dos alunos, para que eles pudessem se matricular numa faculdade, pudessem pedir transferência de um município para outro, de um estado para outro. O Secretário de Educação era Loremberg, na sequência foi o Doutor Frederico como Governador, e o Dr. Hélio Palma era o Secretário de Educação (1976), e eu fiquei esse período dedicada a esse trabalho burocrático<sup>54</sup>”*

**Figura 20:** Antigo prédio da SEDUC – Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso



**Fonte:** Secretaria de Estado de Educação SEDUC MT – maio 2015 (ass) – Só Notícias (sonoticias.com.br)

---

<sup>54</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Na figura 20 aparece o antigo prédio da SEDUC – Secretaria do Estado de Mato Grosso, local onde Celcita trabalhou por alguns anos de sua vida. Mais uma vez, sua história de vida nos remete a um passado histórico no contexto educacional do Estado de Mato Grosso. A entrevistada relata que o Governador deste período era José Fragelli, quando o Estado de Mato Grosso ainda não tinha sido dividido, e o Secretário de Educação era Loremborg, que foi Secretário da Educação e Cultura de 1973 a 1975 no governo José Fragelli. Traz também o contexto histórico administrativo da consolidação legal e documental das Escolas Estaduais do Estado, e o início de uma estrutura organizada. Para Stone (2011, p. 115) torna-se necessário investigar um conjunto de questões uniformes e experiências, para compreender e registrar as ações políticas, de cunho ideológico ou cultural, a estrutura e a realidade social dos atores envolvidos.

### 2.3. ATUANDO NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO/EDUCACIONAL

Durante o período de 1979 e 1980, houve um Projeto de autoria de Eduardo Portella, PRODASEC Programa Nacional de Ações Sócio Educativas e Culturais da Área Urbana, que na época era o Ministro de Educação e desenvolveu o projeto de desenvolvimento social da educação nas periferias urbanas. A coordenação desse Projeto, do Ministério da Educação, veio implantar o Projeto no Estado de Mato Grosso, e Celcita foi convidada para participar da capacitação. Então, foi convidada para coordenar o Projeto em Cuiabá, sem nenhuma remuneração extra, a não ser seu salário, e Celcita aceitou o desafio. Inicialmente montou uma equipe de trabalho, e se emociona ao lembrar:

*“Era um trabalho bonito! Lembro que trabalhava com todas as instituições que tinha em Mato Grosso: Escola Técnica, Universidades, Presidente de Bairros, Secretários dos Municípios. Eu era a responsável apenas na Grande Cuiabá, Periferia de Cuiabá. Existia ainda um outro projeto que era de periferia rural, mas eu não me envolvi com esse. Então, foi realizado um trabalho em Cuiabá e em Várzea Grande: trabalhando exclusivamente com os presidentes dos bairros. Um grupo para cada bairro, e tinham os educadores que eram da Universidade. Em outro bairro com um técnico de uma Instituição. Naquela época existia a Secretaria de Desenvolvimento Social e Urbano, que era uma secretaria voltada para essa área, e eu convidei esta Secretaria para participar do Projeto, para auxiliar e fazer um trabalho melhor voltado para a população carente<sup>55</sup>”.*

---

<sup>55</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Neste Projeto, foi criado um Conselho que era formado pelos representantes destas Instituições, e que davam as orientações, informações e ideias a respeito do Projeto. O Ministério da Educação passou metas, e dentro daquelas metas, Celcita teria liberdade para desenvolver o trabalho:

*“Então, houve bastante discussão no Conselho, foi muito difícil, pois as pessoas se equivocavam com a situação da época, eram pessoas inexperientes, envolvia luta política e técnica. Já em 1983, estava concluindo o governo do Doutor Frederico Carlos Soares Campos e era o último governo da Revolução. Então, a Universidade criticava muito o Governo. Naquela época eu conheci Paulo Speller, pois ele que coordenou o projeto lá na Universidade. Paulo Speller e o Professor Edward (Vavá). Eles eram os mais críticos e deram trabalho para conciliar os ânimos com o Secretário de Educação, o Dr. Hélio Palma<sup>56</sup>”*

Não é o objetivo primordial desse estudo realizar uma análise profunda do contexto histórico de Mato Grosso na linha do tempo da Professora Celcita Pinheiro, mas, segundo Assis e Silva (2015), em uma investigação em que se propõe a se utilizar da memória como fonte:

*“É indispensável que o pesquisador leia as fontes memorialísticas atentando-se para o contexto histórico que foi palco dos testemunhos escritos, pois, do contrário, a investigação torna-se vazia e sem propósito” (ASSIS E SILVA 2015, p. 53).*

Portanto, as fontes memorialísticas do período em que Celcita Pinheiro exerceu suas funções e cargos dedicados à docência e Educação do Estado de Mato Grosso nos remetem a um contexto histórico, sem adentrar e aprofundar o panorama político do Estado.

Em suas buscas de novos e mais frutíferos caminhos para entender o funcionamento das instituições, alguns jovens historiadores logo antes e depois da I Guerra Mundial começaram a passar da análise cerrada de textos e teoria política e de documentos constitucionais ou da elucidação da máquina burocrática para um exame dos indivíduos envolvidos e das experiências que eles estavam sujeitos (STONE, 1971, p. 119).

Apesar de tudo, Celcita lembra com muita alegria desse tempo, lembra que viajou muito, foi para Cáceres montar também um Projeto lá. O Objetivo do Projeto era ensinar as comunidades a trabalhar:

---

<sup>56</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*“O trabalho, inclusive deu dinheiro para as comunidades, que aprendiam a fazer as atividades. Lembro da Escola Madre Marci, uma Escola da Maçonaria, da Fundação Julio Muller, e lá era desenvolvido esse trabalho. A Universidade ia desenvolver o trabalho lá. A Diretora da escola, que era conveniada, acabou se envolvendo com os ideais do pessoal da Universidade, contra os políticos atuais. Naquela época já tinham mandado fazer umas camisetas do Governo do Estado para as pessoas do Projeto. A Escola não aceitou as camisetas, nem permitiu que distribuísse na escola. Logo vieram as denúncias de que eles estavam fazendo críticas ao Projeto/Governo. Então, uma noite, fui lá em uma reunião. Cheguei lá e eles colocaram uma balancinha para a apresentação do trabalho: de um lado da balança era o povo, e do outro lado o Estado, então mostrava o Estado com o dinheiro jogando só as migalhas para o povo. Aquilo me deixou irritada. No dia seguinte chamei os Professores Vavá e Paulo Speller para conversar. Eles falaram algumas coisas, e eu disse para eles: ‘olha, se nós estamos distribuindo migalhas para vocês, então nós não vamos mais trabalhar para vocês. Nós não estamos distribuindo migalhas, são vocês que estão dando migalhas para o povo então. Nós estamos distribuindo dinheiro para a Universidade fazer o trabalho dela no Projeto’. Era dinheiro que o Governo repassava para eles, e então o Secretário ficou sabendo e ficou zangado, mandou chamar todos os participantes para fazer uma reunião, para esclarecer tudo. Mas apesar de tudo, o trabalho era muito bom, e que acabamos ficando amigos a vida inteira<sup>57</sup>”.*

Neste período de sua trajetória, destaca-nos as raízes que influenciaram Celcita a se dedicar, como parlamentar, à expansão do ensino técnico no Brasil:

*“Quando eu ia para o Conselho, o Conselho era favorável a nós. Tinha uma pessoa que era militar e era da Escola Técnica. Aí ele falou para mim uma vez: ‘vocês falam tão bonito desse projeto, que a gente só fica sabendo, nunca viu se realmente acontece isso’. Eu respondi: ‘então vamos arrumar um ônibus e vamos colocar todo mundo dentro e vamos visitar vocês!’”. Então arrumaram o micro-ônibus e levaram as pessoas do Projeto. Eles se encantaram com o trabalho realizado pelo Projeto. Lamento que o trabalho não prosperou. Começou bem, aquela coisa bonita, mas o que menos deu resultado, para mim, foi o que foi feito com os presidentes de bairro. A Universidade, apesar de todo esse embate que teve, deu resultado. No Bairro Santa Izabel, teve um Padre, através da Secretaria da Educação do Município, que assumiu e foi um trabalho muito bom. O da Zulmira Canavarros também foi muito bom, trabalhei com as famílias. No Santa Izabel, o padre também trabalhou com as famílias, e elas aprenderam corte e costura. O Projeto comprou as máquinas, costuravam para elas, e para fora, vendiam a roupa para ganhar um dinheiro, que já era uma ajuda para sustentar a família. Então foi um projeto social, mas naquela época ele foi desenvolvido como um trabalho sócio educativo<sup>58</sup>”.*

---

<sup>57</sup> De Depoimento de Celcita Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>58</sup> De Depoimento de Celcita Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Nesta época Jonas Pinheiro já era Deputado Federal, e dentro da Secretaria de Educação, onde a entrevistada trabalhava, tinha também muito embate e desconfiança por Celcita ser esposa de um Deputado. Algumas pessoas achavam que as pessoas do Projeto ganhavam dinheiro por fora:

*“mas eu não ganhava nada, ganhava só alegria de fazer aquele trabalho. Um dia, já cansada daqueles julgamentos, parei bem na porta perto da minha mesa, e José perguntou para mim: ‘Celcita o que você está fazendo aí?’. Eu disse: ‘eu estou aqui na porta, porque daqui eu vou sair por um lugar que eu nunca mais vou voltar, aqui nessa Secretaria’. Fui embora e nunca mais voltei até hoje, aposentei, e voltei lá só para arrumar os papéis da aposentadoria. Na Secretaria fiquei até 1983, por oito anos. Mas o projeto continuou, passou para outra pessoa, e o projeto continuou por um bom tempo<sup>59</sup>”.*

Já pode-se perceber neste relato que Celcita, ao atuar na Secretaria de Educação com Projetos Educacionais inicia um movimento político social em sua vida, e o gosto pela assistência social. A atuação neste Projeto, de cunho de assistência educacional foi um impulso que anos depois levou Celcita a integrar a Comissão de Educação e se dedicar ao apoio por Projetos de Leis que buscassem a expansão do ensino técnico no Brasil, como se confirma em seu próprio discurso, em 01 de fevereiro de 2006, quando já era Deputada Federal:

“A educação profissional tem papel estratégico a desempenhar, junto com outras políticas públicas, no desenvolvimento econômico, na redução das desigualdades sociais e no fortalecimento da cidadania. Em boa hora, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, o Congresso fez o devido reparo, permitindo à União a retomada da tão necessária expansão da rede federal de escolas profissionais e liberando, para esse fim, recursos da ordem de R\$ 150 milhões. Desses, R\$ 57 milhões são remanescentes do Orçamento de 2005, acrescidos de igual quantia a ser reservada em 2006, mais a complementação em 2007. As peculiaridades do meu Estado, Mato Grosso, exigem investimentos que visem à geração de emprego e renda, considerando a vocação no campo do turismo e do agronegócio. Nesse sentido, solicito que uma dessas 25 novas escolas de ensino profissional que entrarão em funcionamento em todo o País até o final do ano, segundo a promessa do Ministro Haddad, tenha sede em Mato Grosso. Dessa forma, os mato-grossenses terão ainda maior oportunidade de contribuir com o desenvolvimento socioeconômico do Brasil” (DEPUTADOS, Câmara dos. Expansão do ensino técnico no Brasil. Construção de escolas profissionalizantes no Estado de Mato Grosso. Sessão: 021.5.52.E. Data: 01/02/2006)

---

<sup>59</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

Quando saiu da Secretaria Celcita foi para Brasília, e ficou à disposição do gabinete, pelo Estado. A entrevistada lembra que na Secretaria trabalhava só meio período, mas lá em Brasília teve que ficar à disposição o dia inteiro. Celcita disse que como estava recebendo seu salário, se sentia na obrigação. Não era porque era mulher de deputado, que ela ia ficar sem fazer nada. Estava recebendo seu salário, então trabalhou, demonstrando um caráter ético em sua atitude.

A fim de registrar a memória oral da professora Celcita, e conhecer um pouco mais do sujeito da pesquisa visto por um novo olhar, no contexto social e ambientes em que atuou profissionalmente, foram entrevistadas alguns colegas de trabalhos, as quais evocaram as reminiscências daquele tempo em que estiveram juntas, narrando suas histórias, mesmo que às vezes, esquecendo-se dos fatos. Todas foram solícitas e se dispuseram de pronto em contribuir para a pesquisa. Para Halbwachs (2006, p.30), cada depoente tem uma lembrança sobre o que dispensou aos fatos vividos durante o período em que vivenciaram, e, para o autor, “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam”.

A Professora, Técnica e Conselheira de Educação Regina Lúcia Borges Araújo enviou sua entrevista utilizando a técnica da escrita, em razão da Pandemia COVID-19, e por ser do grupo de risco. De grande riqueza para a pesquisa, dá seu depoimento escrito:

*“Conheci Celcita Pinheiro na Secretaria de Estado de Educação, nos idos de 1980, apesar de já conhecer muito a irmã dela Irinéia. Fomos colegas na área pedagógica da Secretaria de Educação, e Celcita é muito responsável, comprometida e dinâmica. O Ensino e a Educação foram muito importantes na vida desta professora como profissional na área da Educação, pois estava sempre pronta para assumir desafios e ações novas e com qualidade no que fazia. Tive muitos momentos com Celcita que foram marcantes, mas um em especial foi quando nós recebemos a incumbência de coordenar e desenvolver um Programa que continha dois Projetos: um na zona rural e outro na sede dos municípios, PRODASEC Programa Nacional de Ações Sócio Educativas e Culturais da Área Urbana (Coordenadora Celcita) e o PONASEC - Programa Nacional de Ações sócio Educativas e Culturais para o meio Rural (Coordenadora Regina), sendo que nos objetivos eram os mesmos, apenas adequado para os espaços próprios o que as permitiu diversas ações conjuntas. Este programa era um desafio constante, e houveram também muitos outros momentos, já que atuávamos juntas no pedagógico em um prédio pequeno na Rua Regis Bittencourt no Bairro Porto, durante mais de 15 anos. Apesar das alegrias, também me lembro de momentos difíceis que Celcita passou com a família por conta de saúde<sup>60</sup>”.*

---

<sup>60</sup> De Depoimento de Regina Lúcia Borges Araújo em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

A Profa. Dra. Cilene Maria Lima Antunes Maciel, também se dispôs com alegria a dar sua contribuição para a pesquisa. Por conta da Pandemia COVID-19, foi entrevistada por vídeo conferência, através do Programa Microsoft Teams:

*“Conheci Celcita em meados da década de 1980. A Secretaria de Educação de Estado recebeu do Governo Federal um Programa que chamava Projeto Monhanguara, que trazia um material que era para ensinar a alfabetizar crianças. E como sempre fui ousada, e em toda gestão que eu trabalhei aparecia alguma coisa nova, eu sem medo quis me aventurar e aprender uma coisa nova, então disseram para eu ir lá fazer a capacitação pois as meninas iriam me ensinar como utilizar o material e a partir daí, eu passaria a fazer isso nas escolas que dá assessoria no Município. Fui para a Secretaria de Estado, na Barão de Melgaço, tinha uma casa que ficavam as meninas que desenvolviam esse Projeto. Eu já conhecia de vista a Heloísa e a Celcita, aí me apresentei dizendo que era da Secretaria Municipal, levei um ofício dizendo que eu ia trabalhar junto com elas, via Município. E então me passaram todo o material, e era um material fantástico, de capa dura vinho, grande, e vinha o abecedário com os quatro tipos de letras, maiúsculas e minúsculas, as letras de forma e as letras cursivas, para poder ir passando para os alunos, para que eles fizessem o reconhecimento das letras, poder depois formar as sílabas, as palavras, etc. E tinha um outro material, também. E assim, eu trabalhei com elas mais de um ano nesse Projeto. Nesse período, eu sempre me encontrava com elas em algum evento, em alguma situação<sup>61</sup>”*

Em seu depoimento oral, a Professora Cilene ainda relembra com detalhes como era a Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá:

*“era ao lado da antiga TELEMAT, em um sobrado pequeno, ficava na Barão de Melgaço acima da Isaac Póvoas, em direção á Assembleia Legislativa, onde hoje fica a Câmara dos Vereadores. Quando eu ingressei no Município em 1982, lembro que só tinham 12 (doze) escolas urbanas Municipais. Hoje tem uma média de 147<sup>62</sup>”.*

Ainda nas memórias da entrevistada pudemos destacar as lembranças de como era o sujeito da pesquisa:

*“Celcita era bem magrinha naquela época, e sempre assim. Ela e a Heloísa sempre pessoas muito atenciosas, sempre muito compreensivas, muito educadas, e foi assim que a nossa amizade começou. Depois que ela entrou para a política, praticamente não a vi mais, naquele período ela ainda tinha as crianças pequenas e não demorou muito ela veio perder o filho, e isso foi uma situação que foi muito difícil para ela, pois não é fácil uma mãe perder um filho. O ingressou dela na política foi bom nesse sentido, para ocupar um*

---

<sup>61</sup> De Depoimento de Cilene Maria Lima Antunes Maciel em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>62</sup> De Depoimento de Cilene Maria Lima Antunes Maciel em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*pouco mais a cabeça. Também tenho amizade com uma série de pessoas da família de Celcita: a irmã dela foi delegada de ensino. Depois fui Secretária adjunta de Educação, pude contribuir com algumas situações da vida profissional da irmã dela para conseguir a aposentadoria. Tenho amizade também com a sobrinha de Jonas, que é minha dentista, a Helen. Para a Helen, tem Deus e Jonas no céu, e o restante da população na Terra, pois foi ele quem ajudou a pagar os estudos dela, e ela formou em Odontologia, e o primeiro carro que ela teve, também foi ele quem deu para ela, ajudou comprar. Ela diz: “se não fosse o meu tio, eu não seria quem eu sou”. E é uma excelente odontologista, e que tem seu consultório em frente a Secretaria Municipal de Educação. Também tenho amizade com as cunhadas de Celcita, que trabalharam junto comigo na Secretaria Municipal<sup>63</sup>”.*

A Professora Cilene conviveu mais com Celcita Pinheiro neste Projeto Monhangara e depois não acompanhou mais a carreira dela, por ser da Secretaria Municipal e Celcita do Estado:

*“Não acompanhei depois o resto da carreira de Celcita, por ser da Secretaria Municipal e Celcita do Estado. Depois tive mais contato com Heloísa, que foi para o Conselho de Educação, e aí mais uma vez peguei um Projeto que ninguém queria saber, um Projeto que foi o primeiro Projeto de capacitação de não docentes, e consegui desenvolver esse Projeto com a ajuda do Conselho fazendo o currículo, e continuei a minha amizade com a Heloísa por ela estar no Conselho, até quando deixou o Conselho. Celcita era professora e gostava da alfabetização, gostava dessas questões e foi por aí que nos aproximou a trabalharmos juntas. Tive esse material guardado por muito tempo, pois cada pessoa que ia dar o curso ganhava esse material para si. Depois doeí esse material para uma Escola. Para mim esse momento do Projeto Monhangara foi um momento marcante que tive com Celcita, pois alfabetizar crianças não é fácil<sup>64</sup>”.*

Ao se sentir grata por ter compartilhado deste Projeto tão desafiador, juntamente com Celcita Pinheiro, a Professora Cilene destaca a relevância deste Projeto, pois trata-se de uma nova forma de alfabetizar. Neste viés, pode-se perceber que a trajetória docente e os processos formativos são fundamentais e ao mesmo tempo complementares, visto que “o desenvolvimento profissional docente é marcado desde as primeiras brincadeiras na escola, lembranças da primeira professora, memórias enquanto estudantes e se estende por diferentes experiências entrelaçadas com a arte de educar” (MOURA; SILVA, 2014, p. 05). Neste sentido, a Professora Cilene traz com sabedoria suas lembranças desta formação para sua trajetória profissional:

---

<sup>63</sup> De Depoimento de Cilene Maria Lima Antunes Maciel em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>64</sup> De Depoimento de Cilene Maria Lima Antunes Maciel em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*“Todo mundo acha que sabe alfabetizar, mas para alfabetizar, tem que se apropriar de como fazer isso para não traumatizar a criança e nem fazer com que ela fique decorando letras ou sílabas para se alfabetizar. A criança tem que fazer a identificação, fazer a inserção do significado daquilo com alguma coisa e também mostrar a importância que aquilo possa ter na sua vida. Quando a criança aprende o nome dela, a criança lembra da primeira letra do nome dela, ela não lembra das outras letras, e ela começa a identificar a primeira letra do nome com tudo e qualquer coisa que escreva com aquela letra, depois é que ela vai familiarizando e identificando algumas sílabas do seu nome, que identificado com sílabas de nomes de outras coisas que existe. E assim, a criança vai fazendo as assimilações e agregação, porque o conhecimento nada mais é do que a acumulação de apropriação que se tem da linguagem escrita ou falada, e por essa razão que quanto mais se lê, mais o vocabulário se amplia sem nem se aperceber, a criança já utiliza desse vocabulário na sua vida. Do tempo que trabalhamos juntas, Celcita era uma excelente profissional. Uma pessoa comprometida, que sabia, e que dizia que se não soubesse ia buscar para passar as informações. Profissional mesmo, uma pessoa educada, que atende bem, que trata bem as pessoas e deixa o laço de amizade em função disso<sup>65</sup>”.*

No âmbito da educação, o “Projeto de Ensino Básico Urbano para as Regiões Norte e Centro-Oeste — Monhangara”, citado pela entrevistada Profa. Dra. Cilene Maria Lima Antunes Maciel foi um dos pioneiros, desenvolvido no período de 1984 a 1991. Esse projeto teve como objetivos: [...] (i) melhoria da qualidade e eficiência das escolas primárias existentes (da 1.<sup>a</sup> à 4.<sup>a</sup> séries); (ii) expansão do acesso ao Ensino básico por crianças nas 1.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> séries; e (iii) criação da capacidade institucional-gerência e investimento para o Ensino Básico nos níveis Municipal, Estadual e Federal do Governo (BRASIL, 1984). Estudo da área de planejamento aponta como referência o modelo de planejamento executado no Programa Monhangara. Pela primeira vez, na área do ensino de 1.<sup>o</sup> grau, e dentro de um programa gerido pelo MEC, o microplanejamento foi feito de modo integrado, isto é, compreendendo todos os componentes da rede escolar, propondo um tratamento homogêneo às diversas variáveis e utilizando os mesmos dados estatísticos de base (ARANTES, 1989, p. 26).

Na busca de conhecer os fatos vivenciados de Celcita Pinheiro, recorre-se ao testemunho de pessoas que fizeram parte de sua trajetória, além do seu próprio testemunho. Para Halbwachs:

*“para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não é suficiente que estes nos apresentem seus testemunhos: mas, também se torna necessário que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que permaneçam diversos pontos de contato entre uma e outras, de forma que,*

---

<sup>65</sup> De Depoimento de Cilene Maria Lima Antunes Maciel em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

a lembrança que nos fazem recordar possa ser constituída sobre uma base comum” (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Le Goff (1996, p. 423 -427), ao abordar em sua obra a imprescindibilidade da compreensão do conceito de memória, em razão da sua complexidade, traz à luz o entendimento de que a memória, no decorrer da vida, uma função primordial de fonte histórica, seja ela escrita, oral, arqueológica, fotográfica ou documental, ao sistematizar o pensamento das pessoas de uma determinada região. Desse modo, vê-se a importância da memória como fonte histórica neste estudo.

### 3. A PROFESSORA QUE INGRESSOU NA POLÍTICA

#### 3.1. A DECISÃO DE SE ELEGER

Decidiu-se ser fundamental adentrar neste capítulo, que passa a expor o ingresso do sujeito da pesquisa na política, a abordagem inicial da filosofia política de Aristóteles (1978):

“O homem é por natureza um animal político, tem primeiro na família a sua socialização e garantia da manutenção da vida em seus aspectos financeiros e educativos, mas é na Polis que se realiza plenamente, encontrando no fiel cumprimento todas leis a justa medida, ou seja, sendo prudentes e encontrando o meio termo em nossas ações” (ARISTÓTELES, 1973, P. 63).

A palavra política é de origem grega: *tá* política, que deriva de *pólis*. Para compreender o significado da palavra *pólis*, buscamos a autora Chauí (1994), que nos remete à explicação de que *pólis* significa cidade, comunidade organizada, formada pelos cidadãos, ou seja, os homens nascidos no solo da cidade (*politikos*), livres e iguais. Aristóteles (1978) ao afirmar que o homem é um ser político por natureza quer dizer que temos necessidades, por natureza, de viver em sociedade e que precisamos desse convívio social, buscando a comunidade para alcançar a completude, e que a *polis* faz parte das coisas naturais.

Aristóteles (1978), em *A Política*, nos traz o primeiro tratado sobre a natureza, funções e divisões do estado e suas formas de governo. Por essa razão que o termo política, por muito tempo, se remetia às atividades que se referem ao Estado.

Para Bobbio (1995), o significado da palavra política, na sua concepção clássica, provém da palavra grega *pólis* (*politikós*), ou seja, tudo o que se refere à cidade, a tudo que é urbano, civil e público. Atualmente, o termo política será substituído por outras expressões como “ciência do Estado”, “doutrina do Estado”, “ciência política” e “filosofia política” (BOBBIO, 1995).

Celcita diz que seu pai gostava muito de política, mas tanto ela como seus irmãos não gostavam. Quando seu pai morreu, ela e os irmãos disseram que enterrou com ele todo o desejo que ele tinha pela política, pois para os filhos não tinha ficado nada.

Neste relato da entrevistada transparece que, apesar de Celcita dizer que não se interessava por política, mas seguindo o pensamento de Aristóteles, bem como através de sua trajetória de vida, pode-se observar que, mesmo sem se dar conta, Celcita já estava envolvida com a vida política, seja através dos Projetos sócio educacionais que atuou e coordenou, seja

por acompanhar seu marido que também sempre atuou no campo e em projetos sociais nesta seara, e, que também já havia ingressado na política e foi eleito Senador pelo Estado de Mato Grosso. Vê-se que era inevitável, pois já estava envolvida, e assim o destaca Weber (2003, p.110), “o homem político pode dedicar-se aos fins nacionais ou humanitários, sociais, éticos ou culturais, profanos ou religiosos”. Pela trajetória de vida do sujeito da pesquisa identifica-se algumas dessas características. E, atualmente, Celcita diz que já aposentou de tudo, e só se dedica à igreja, auxiliando de perto a comunidade, aí também demonstra que Celcita continua sendo um ser político.

A Professora Carolina Joana, irmã de Celcita nos traz algumas informações relevantes a respeito desse tema:

*“O meu pai era político, e desde criança eu já me envolvi. Eu lembro que com oito anos de idade eu fui tirada da boca de urna, e eu não entendia porque que eu fui tirada, mas eu estava fazendo campanha na boca de urna. Eu não sabia, para mim era uma porta, e eu estava ali fazendo campanha para o meu pai. Aí meu pai foi me buscar e me explicou que eu não podia ficar lá. A apuração dos votos era feito na Prefeitura de Santo Antônio do Leverger, e eu acompanhava com um caderninho e anotava cada voto. Eu adorava aquilo! Eu lembro que eu conheci o Jonas, o marido da Celcita na apuração de votos<sup>66</sup>”.*

Neste depoimento da entrevistada percebe-se como era forte a influência política de seu pai em sua casa. Celcita sempre esteve envolvida com esse meio, desde menina. E não só se pai, mas sua mãe também teve influência sobre Celcita de acordo com a fala de Carolina Joana, que continua:

*“Celcita sempre foi discreta, a mais discreta da casa. Sempre foi muito espiritualizada, de frequentar igreja, participar das coisas da igreja. A forma como ela trabalhava tinha muito o jeito de trabalhar da minha mãe, porque a minha mãe, eu achava que ela era mais política que meu pai, porque minha mãe ia na casa das pessoas, minha mãe era uma Conselheira na cidade. Aí quando as pessoas estavam querendo separar, chamavam minha mãe, e eu ia com a minha mãe, muitas vezes à noite ia com uma lanterninha e passava no meio dos bois para ir na casa das pessoas conversar. Ela ia no coração das pessoas. Então meu pai se candidatava e ela ia visitar as pessoas. Meu pai se candidatou para vereador e ganhou duas vezes. Ele era PSD e antes dele morrer ele mudou para a UDN, e para mim foi um choque, porque para mim era uma coisa terrível, aí tive que mudar toda a minha cabeça para ser UDN e poder apoiar o Prefeito, e meus amigos ficaram no PSD, aí eu fiquei triste.*

---

<sup>66</sup> De Depoimento de Carolina Joana da Silva Nogueira em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá outubro de 2020.

*A gente brigava muito por causa de política, era muito forte, e a mais aguerrida era a Irinéia, ela até jogava pedra, aprontava<sup>67</sup>”.*

Neste relato de sua irmã Carolina Joana deixa claro que havia uma forte influência política em sua casa, tanto por parte de seu pai, como de sua mãe, e isso acabou por influenciar todos os filhos.

Ao ser questionada sobre seu ingresso na política, Celcita diz que até hoje não ficou sabendo por que seu marido Jonas Pinheiro a convidou para se candidatar:

*“Ele estava viajando para Juara, era Dia dos Pais, e toda a família estava reunida esperando ele em Santo Antônio do Leverger pra almoçar. Quando Jonas chegou olhou para mim e falou: ‘Rosa, você vai ser candidata para Deputada Federal’. Eu estava sentada, e nem sabia de nada. Então a perguntei: ‘Por que?’, e ele: ‘porque vai ser!’”. Eu lembro que foi assim: ele não perguntou se eu queria ou não queria, porque eu nem gosto de política. Quando Jonas ingressou na política eu fui contra, pedi muito para ele não entrar. Minha maior preocupação não era com a política em si, mas lidar com os políticos, e, não queria isso para ele, quanto mais para mim. Mas, acabei me candidatando à eleição para Deputada Federal, no ano de 1998 e me elegi, iniciando meu mandato em 1999<sup>68</sup>”.*

No próprio testemunho de Celcita ela deixa claro que não tem problemas com a política, mas com “os políticos” em si. De acordo com Dallari (2002), o termo política pode levar a diferentes compreensões, que pode ser entendido desde uma realidade que se insira na intimidade pessoal até uma realidade que se insere na sociedade, e classifica o termo em duas correntes semânticas: a que significa tudo que diz respeito às relações sociais, à realidade global, enfim à sociedade em geral, e a que se relaciona com o poder.

Quando Celcita declara que sua preocupação não era “com a política em si, mas lidar com os políticos”, torna-se evidente que a política que fala se insere na primeira corrente de Dallari, visto que diz respeito à realidade social em que estava inserida pela sua trajetória de vida e profissional. Ao se referir em “lidar com os políticos” esta fala se insere na segunda corrente de Dallari, a que se relaciona com o poder. Este sim, Celcita não se interessava.

Em mais um momento sente-se uma tensão na fala da entrevistada e nos deparamos diante de um conflito de Celcita com seu marido. Celcita diz que não gostava de política, mas

---

<sup>67</sup> De Depoimento de Carolina Joana da Silva Nogueira em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá outubro de 2020.

<sup>68</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

aceitou a decisão imposta pelo marido, mais uma vez colocando sua vontade pessoal em segundo plano.

Ao adentrar na história de vida do sujeito de nossa pesquisa, através da narração oral, assimila-se uma trajetória de dois indivíduos políticos, que estiveram diretamente ligados às relações pessoais de uma região, e que perpassa o âmbito nacional, a partir do momento que são eleitos e vão para Brasília representar os cidadãos de um Estado. Maurice Halbwachs (2006, p. 34), ao traçar uma linha teórica sobre memória individual e memória coletiva, nos traz embasamento neste sentido, ao abordar que a memória individual é aquela que o sujeito evoca, porém, a evocação somente é possível através da memória coletiva, visto que é a partir do seu grupo que as memórias são construídas, pois, ‘na realidade, nunca estamos sozinhos’.

Neste sentido, busca-se compreender esse processo através da entrevista Regina Lúcia Borges que acredita que:

*“o fato de Celcita ser professora e ter se dedicado à Educação influenciou, de alguma forma, seu ingresso na carreira política, mas que Celcita além de ser profissional se casou com uma pessoa que era muito envolvida com o povo da terra, a casa vivia cheia de pessoas e eles sempre procuravam ajudar. Não podendo negar que o seu sonho por uma educação de qualidade e acesso a todos foi uma das ações que a moveu somando a luta do Senador Jonas Pinheiro, que foi referência política não apenas de Mato Grosso, como do Brasil. Então, penso que Celcita somando com ele neste sentido em Brasília, foi fundamental para a decisão de optar para se candidatar a um cargo político<sup>69</sup>”.*

Segundo Souza (2006, p.24) o entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, dando possibilidade de clarear e/ou reconstituir processos históricos e experiências vividos pelos sujeitos em diferentes contextos.

Ao ser questionada sobre o que motivou Celcita a ingressar na política, a entrevistada Profa. Dra. Cilene Maria Lima Antunes Maciel entende que:

*“não vejo que foi pela educação que Celcita se elegeu, mas por ter contribuído tanto com o marido que era político, aquilo passou a fazer parte da vida dela como um todo. E na primeira oportunidade que surgiu ela uniu o útil ao agradável. A política que ela já vivia junto ao marido com a Educação que ela já vivia enquanto profissional, e ela fez associação dessas questões. Depois que ela entrou para a política, eu praticamente não a vi*

---

<sup>69</sup> De Depoimento de Regina Lúcia Borges Araújo em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*mais, naquele período ela ainda tinha as crianças pequenas e não demorou muito ela veio a perder o filho, e isso foi uma situação que foi muito difícil para ela, pois não é fácil uma mãe perder um filho. Eu até acho que ela ingressou na política para ocupar um pouco mais a sua cabeça<sup>70</sup>”.*

Diante da fala da entrevistada, pode-se buscar um novo olhar para a atitude de Jonas em querer que Celcita se candidatasse, visto que tinham perdido o filho recentemente, e talvez seria a oportunidade de um novo momento para sua vida e para distrair a cabeça de Celcita.

Outra possibilidade que também não pode ser excluída é o fato de que a candidatura de Celcita pode ter sido uma manobra política do partido de Jonas Pinheiro, pois esta tática é muito comum quando o candidato está perdendo espaço político. O fato é que apesar de Celcita falar que nunca gostou de política, ela se filou ao Partido da Frente Liberal (PFL) legenda pela qual foi eleita deputada federal somente em 1998.

Desse modo, relevante se faz as lembranças de sua irmã Carolina Joana e das entrevistadas Cilene Maria e Regina, na tentativa de alcançarmos essas respostas. A obra “A Memória Coletiva”, do sociólogo Maurice Halbwachs (1990), um dos primeiros estudiosos a considerar as lembranças e, por consequência, a memória dos sujeitos como fonte de pesquisa, tanto no que refere aos acontecimentos de cunho histórico, como aos de cunho familiar nos remete que a memória possui duas acepções: individual e coletiva, que podem estar interacionadas. Compreendemos que o ingresso de Celcita no cenário político permeia neste liame entre a memória individual e coletiva. Coletiva, pois Celcita já era um ser político, já estava envolta em ações sociais e diretamente ligada com a comunidade.

Mas para Bobbio (1999), a política enquanto prática humana, remete ao conceito de poder, que estaria ligado à ideia de posse dos meios para se obter vantagem de um homem sobre outros. Bobbio (2005) considera mais dois tipos de poderes: o econômico e o ideológico. E ainda, o autor considera que estas três formas de poder contribuem conjuntamente para criar e manter sociedades de desiguais entre fortes e fracos com base no poder político, em ricos e pobres com base no poder econômico, e, sábios e ignorantes no poder ideológico.

---

<sup>70</sup> De Depoimento de Cilene Maria Lima Antunes Maciel em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

### 3.2. PROFESSORA CELCITA PINHEIRO É ELEITA COMO DEPUTADA FEDERAL

Em 1990 Celcita Pinheiro filiou-se ao Partido da Frente Liberal (PFL) legenda pela qual foi eleita deputada federal em 1998, como representante do estado do Mato Grosso com 51.584 votos. Foi reeleita em 2002, pelo mesmo partido – PFL – com 59.665 votos. Em 2006 tentou novamente a reeleição, porém dessa vez não foi eleita, mas ainda assim teve 46.517 votos, qualificando-a para Suplente.

No Brasil, com a democratização, as mulheres passaram a participar de partidos políticos e a apresentar propostas de políticas públicas para promover a igualdade de gênero (FARIA; NOBRE, 1997). No entanto, apesar destas evoluções legislativas, a política ainda é um espaço de difícil acesso às mulheres (DIEHL; MONTEIRO, 2012).

Ainda há um caminho a ser fortalecido em relação às mulheres no âmbito público, considerando que apenas a minoria consegue inserir-se e desenvolver um papel ativo, mesmo que na nossa Legislação o Estado tem, juntamente com a sociedade, o dever e a responsabilidade de promover o acesso igualitário dos gêneros nessa seara.

Pierre Bordieu (2011, p. 84), fazendo uma análise a respeito da dominação masculina, afirma que o acesso ao poder, coloca as mulheres em situação de *Double bind* (duplo laço): se atuam como homens, elas podem perder os atributos obrigatórios da “feminilidade” e questionam o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, passam uma imagem de incapazes e inaptas à situação.

Apesar das constantes lutas e conquistas das mulheres para ocupar seus espaços dentro da sociedade, e principalmente no espaço público, ainda hoje vemos barreiras para garantir a igualdade de condições com os homens, reconhecendo suas capacidades intelectuais, e não apenas seu aspecto biológico.

Michelle Perrot (2005) em sua obra *As mulheres e os silêncios da história*, esclarece que a história da mulher começa a ser escrita na França, mas os pioneiros são os Americanos, porém a história não pode parar por aí, pois ainda existem muitas mulheres com grandes ações no mundo inteiro e que ainda permanecem na invisibilidade e na inexistência. O silêncio delas está abafado com a massa da humanidade, mas elas sempre ocuparam espaços e se movimentaram na história.

Com o intuito de fortalecer processos democráticos e torna-los mais participativos, a partir do século XX, os Estados passaram a incluir diversos grupos sociais no plano político legislativo, agregando temas e projetos neste sentido. Porém, esse resultado se deu a partir de

algumas décadas de luta social até que analfabetos, trabalhadores, negros, indígenas e mulheres tivessem o direito ao voto, e de serem votados, através de um processo democrático mais representativo.

Com relação ao nosso estudo, no caso das mulheres, houve um embate para a conquista do direito ao voto. De um lado, os que defendiam acreditavam que essa abertura ao ingresso das mulheres poderia transformar a política radicalmente, através de um novo senso de moralidade e de altruísmo. Do outro lado, os que se opunham, contestavam que o engajamento das mulheres na esfera política poderia enfraquecer a instituição família (GIDDENS, 2005, p. 357).

No Brasil, inicialmente, a luta pelo sufrágio feminino foi impulsionada por mulheres que faziam parte de uma elite cultural e econômica que tiveram a oportunidade de estudar no exterior trazendo para o país novas ideias de interesses e liberdades. A partir disso começaram a organizar movimentos a favor do sufrágio, que se concretizou a partir da década de 1930, mas ainda assim não alterou algumas estruturas sociais vigentes. Foi apenas depois da década de 1980, com a redemocratização que finalmente as mulheres ocuparam os espaços no âmbito legislativo em todo o país. Ainda assim, segundo a União Inter Parlamentar<sup>71</sup>, a participação feminina nos cargos legislativos brasileiros (câmara federal e senado) é uma das mais baixas da América do Sul<sup>72</sup>.

Foi através do decreto 21.076/32, no governo de Getúlio Vargas, que finalmente as mulheres obtiveram o direito político de votar e serem votadas, além da disciplina do trabalho feminino, com a garantia dos direitos das gestantes, da igualdade das condições de trabalho e salariais, direitos estes que se enquadram mais na ideia de cidadania atribuída pelo governo do que propriamente uma conquista das lutas feministas (SANTOS, 1998)

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Celina Guimarães Vianna, do Rio Grande do Norte, fez-se a primeira eleitora do país. No ano seguinte, a Assembleia Constituinte convoca as eleições e a paulista Carlota Pereira de Queiroz elege-se deputada federal, dando início à participação efetiva das mulheres na política. Na mesma eleição, Bertha Lutz foi eleita suplente. Juntas elaboraram um estudo para a Constituinte de 1934, defendendo a eleição da

---

<sup>71</sup> Organização Internacional fundada em 1889. O objetivo fundamental é estabelecer uma rede de diálogo entre os parlamentares do mundo, com intuito da promoção da democracia da paz e da cooperação entre seus membros. Disponível em: <<http://www.ipu.org>>.

<sup>72</sup> Segundo a União Inter Parlamentar, o Brasil ocupa a posição 107 no ranking mundial, a Argentina a 5ª, o Uruguai a 92ª, o Paraguai a 103ª e o Chile a 78ª.

mulher e a reforma do ensino que deveria adequar-se à nova demanda social, atrelada a industrialização, mostrando um apreço especial das mulheres que foram eleitas pelo ensino e educação.

Apesar da conquista do voto e da eleição de uma deputada federal, no ano seguinte, 1933, a Constituição de 1937, outorgada por Getúlio Vargas, concentrou o poder nas mãos do presidente da república, com a justificativa de que a Constituição de 1934, com seu liberalismo, enfraqueceu e tornou vulneráveis os interesses privados. Dentre as propostas da nova constituição deu-se a submissão dos governos estaduais ao governo federal e a eliminação dos órgãos legislativos. Desse modo, o plano político representativo foi substituído pelo Estado “racional”.

Seguindo esta trajetória, foi a partir da década de 1960 que ressurgiu no Brasil o processo de luta pela inclusão feminina, principalmente graças às discussões propostas pela Convenção sobre os Direitos Políticos da Mulher que aconteceu em março de 1953 em Nova Iorque, da qual o Brasil foi signatário e que foi promulgada no país apenas em 1963. O período repressivo da ditadura militar, sufocou, mas não calou a luta das mulheres, que retornou a partir de 1975, impulsionada pela “Proclamação da Década da Mulher”, instituída pela ONU e pela comemoração pública do dia 8 de março como “Dia da Mulher” (SARTI, 2001).

Segundo Beauvoir (2009, p.902) “Nem homens nem mulheres gostam de se achar sob as ordens de uma mulher”. Cruz (2013, p. 30) acentua que as leituras sobre gênero assinalam que mesmo que a mulher tenha adentrado no espaço público da política, ainda assim a participação majoritária é masculina. Para a referida autora a atuação feminina na política ainda é tabu, e frequentemente desestimulada, pois ainda existem barreiras imensas que as fazem desistir ou pensar ser intransponíveis.

A ONU Mulheres defende os compromissos internacionais assumidos pelos Estados-Membros da ONU, em parcerias com a sociedade civil, os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, universidades, empresas, com os direitos humanos das mulheres.

No ano de 1979, como consequência do movimento feminista, a ONU aprovou a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher, considerada a carta de direitos humanos das mulheres, com força de lei no marco legal brasileiro. Trata-se de um instrumento de proteção internacional dos direitos das mulheres, o qual foi ratificado pelo Brasil e visa combater a discriminação contra a mulher de forma repressiva, cabendo ao Estado repelir as discriminações, ou promocional, devendo o Estado promover a igualdade (MONTEIRO, 2012).

Segundo informação do relatório de desenvolvimento humano no Brasil, entre as décadas de 1950 e 1970, apenas sete mulheres compuseram a Câmara Federal. Desse modo, podemos observar que foi apenas a partir da década de 1980 que as mulheres se fizeram presentes ocupando os legislativos de todo o país.

A partir da década de 1980, com a nova constituição, iniciou-se um processo de redemocratização englobando todos os setores da sociedade brasileira. Com um objetivo social e de resgate da cidadania, a Constituição Federal de 1988 passou a ser conhecida como Constituição Cidadã, garantindo apenas a partir de 1988, para as mulheres, um novo status constitucional de igualdade perante o homem em direitos e obrigações (artigo 5º inciso I e artigo 226 § 5º), bem como o estabelecimento de uma cidadania plena, livre de restrições relacionadas ao gênero. As conquistas são frutos da participação ativa das mulheres, não somente ao longo do século XX, mas principalmente no debate político da constituinte, com a proposição de emendas populares e da “Carta das Mulheres Brasileiras para os Constituintes”.

A participação política das mulheres no legislativo, no mundo todo, faz parte de um processo de inclusão e de cidadania e democracia. Argumenta-se também, que as mulheres eleitas acabaram por trazer para as pautas de discussão temas até então negligenciados, como os relacionados à família, às crianças e aos idosos, fortalecidos pela figura materna, protetora e familiar que envolve o gênero feminino, que nos remete naturalmente a temas de caráter social, fato este que dificulta, mas não impede a entrada dessas mulheres em temas administrativos, econômicos e internacionais, com maior visibilidade política (MIGUEL, 2000).

O acesso ao poder político das mulheres sempre foi dificultado. Temos como exemplo, na Grécia, mesmo sendo o primeiro modelo de democracia, elas eram excluídas. Mesmo na nossa realidade atual, a representatividade das mulheres na política ainda é ínfima a comparar com a dos homens, e muitas vezes até chegam, mas como substitutas (PERROT, 1998, p.118).

No Brasil, a experiência do Partido dos Trabalhadores (PT) foi pioneira, pois em congresso partidário do ano de 1991, foi aprovada a cota mínima de 30% de mulheres na direção partidária (BORBA, 1998). Porém, a política de cotas para candidaturas de mulheres nos partidos foi instituída em 1995. O projeto de lei proposto pela deputada petista Marta Suplicy e subscrito por outras trinta deputadas propondo que no mínimo 30% das vagas de candidaturas partidárias em todas as esferas deveriam ser preenchidas por mulheres. Ocorre que, o percentual exigido para as eleições municipais de 1996 e, as eleições de 1998, foram menores do que se esperava, com o argumento da adaptação.

A Lei 9.100 de 1995 trouxe em seu artigo 11 § 3º, que 20% no mínimo, das vagas de cada partido ou coligação para cargos do Legislativo devem ser preenchidas por candidaturas de mulheres: “cada partido ou coligação deveria destinar, pelo menos, um quinto do total das vagas a que tinha direito, e não das efetivas candidaturas, para mulheres” (MATOS; CYPRIANO; BRITO, 2007, p. 9).

Esta lei aplicava-se para pleitos municipais correspondentes às eleições de 1996. Em 1997 houve uma alteração neste dispositivo legal através da Lei 9.504/97, que em seu artigo 10 § 3º, estabelece que cada partido ou coligação deva reservar um mínimo de 30% e um máximo de 70% para candidaturas de cada sexo. A ampliação das vagas regia para cargos municipais, estaduais e federais, sendo considerada um marco na história da participação das mulheres na política, já que partidos que anteriormente não dispunham de candidatas em seu quadro de filiados, não apenas as recrutaram, como também incluíram em suas pautas questões “femininas” até então negligenciadas.

Assim, a estruturação de uma política de cotas de gênero está relacionada com vários aspectos. Temos como exemplo o sucesso da política de cotas na Argentina, que tem a ver com o tipo de lista e a obrigatoriedade da posição das mulheres nesta. Os países escandinavos possuem uma tradição forte de presença da mulher em movimentos feministas, além de uma tradição social-democrata e um passado de Welfare State desenvolvido. Entende-se que além de uma boa administração no país, estes fatores não podem ser considerados isolados, visto que a política de cotas veio para diminuir a exclusão arraigada historicamente (RESENDE; EPITÁFIO, 2017, p.70).

Desse modo, observamos uma considerável distância entre o espaço do homem e da mulher. Pudemos ver, ao longo da história que ambos nunca partilharam de um mundo de igualdade de condições, e embora a legislação protetiva a favor das mulheres atual venha evoluindo nesse sentido, diminuindo a distância hierárquica de direitos, estes ainda não são totalmente iguais, havendo ainda o poderio econômico, técnico, físico por parte da maioria dos homens. Mesmo havendo legislação igualitária, em determinados aspectos os costumes e cultura ainda prevalecem, permitindo que os homens ocupem um maior número de lugares e postos mais importantes, desenvolvendo ainda mais o poder, inclusive na política. (BEAUVOIR, 1970, p.14, 15).

Professora Celcita lembra com emoção que foi eleita como Deputada Federal, e no ano de 1999 foi para Brasília e tomou posse. Como era professora, assim que chegou, apesar de ser do PFL, um partido que até então não tinha como foco principal de seus interesses a Educação

ou áreas sociais, mas econômicas, logo falou para o partido que queria participar da Comissão de Educação. A regra era que ela teria que fazer parte de uma Comissão, como titular, e outra como suplente. Como titular Professora Celcita escolheu a Comissão da Educação, e como suplente escolheu a Comissão de Seguridade Social, que tem como objetivo âmbito social área que ela esteve presente enquanto atuou em seus projetos socioeducativos:

*“A Comissão de Educação, nessa época, era dividida, pois não tinha ainda a Comissão de Cultura, que até então era uma subcomissão, que se encontravam Cultura, Esporte e Lazer. Eu escolhi Cultura, que era mais próximo da minha área que era a Educação. Meu partido não causou nenhum impedimento com relação às minhas escolhas, pelo contrário, viu com bons olhos ter alguém para representa-los nesses setores. Assim que ingressei na Comissão de Educação, logo fui eleita vice-presidente da Comissão. Lá aprendi muito, e acabei presidindo por diversas vezes a Comissão, pois a Presidente quase não ia, tinha as atividades dela, audiência pública, era bem ativa. Foi então que aprendi que não era tão difícil presidir uma Comissão, mesmo porque sempre tem ao lado uma secretária eficiente, que tem conhecimento de todos os temas debatidos, perguntas e questionamentos, e um estudo pormenorizado sobre estes assuntos<sup>73</sup>”.*

Em sua última legislatura, quando se reelegeu em 2002, a atuação de Celcita quase foi abalada por seu nome constar, juntamente com o nome de seu marido, entre os acusados pela chamada CPI dos Sanguessugas, que fora criada no início de 2006 para apurar o superfaturamento na compra de ambulâncias. Apesar das acusações e investigações, em 06 de dezembro deste mesmo ano, o Conselho de Ética da Câmara dos Deputados aprovou o parecer da deputada Ann Pontes, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PDMB-PA), favorável ao arquivamento do processo, concluindo-se pela improcedência da acusação contra Celcita, que sempre teve sua reputação ilibada.

---

<sup>73</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 21:** Campanha Eleitoral em 2002.



**Fonte:** Poder 360 | CELCITA PINHEIRO.

Na Figura 21 Celcita destaca-se a foto de Celcita que foi utilizada para sua campanha eleitoral de 2002. Para Celcita este também foi um momento importante para sua trajetória política, pois pôde dar continuidade em seus projetos já iniciados. Weber (2002) compreende que os valores políticos não podem ser reduzidos a valores éticos, visto que o universo da política não se confunde com o universo da ética. Para o autor, cada dimensão tem uma ética particular que se integra ao todo, mas a ética no mundo moderno é constituída por valores universalistas e igualitários, que tem o indivíduo como ator principal e exige de sua consciência. Neste sentido, o autor nos traz um reflexão da natureza trágica da ação política e, assim, a tensão que norteia as relações entre ética e política, e, principalmente pela razão de que a conduta política traz à tona a possibilidade de estar sujeito à tragédia de ver o mal sobressair de intenções absolutamente corretas, o que os fatos demonstram que ocorreu com o sujeito da pesquisa, que conta ter sofrido perseguições políticas de todos os lados, na busca pelo poder, tirando sua paz em momentos que marcaram sua trajetória e deixaram marcas doloridas.

Como deputada federal, Celcita Pinheiro participou, também, como segunda e terceira vice-presidente da Comissão Permanente de Educação e Cultura, e como titular da comissão permanente da Amazônia, Integração Nacional e de Desenvolvimento Regional (CAINDR):

*“Então, para mim, a Comissão era tranquila, porque era uma Comissão mista, bem diversificada. Lembro que o Partido dos Trabalhadores - PT*

*gostava muito dessa comissão, os melhores deputados deles estavam nessa Comissão de Educação, tinham uma preferência por esta Comissão. Parece que eles tinham uma loucura pela Comissão de Educação. Cheguei quando Fernando Henrique Cardoso era Presidente, então, naquela época os Deputados do PT ainda eram muito combativos. A maioria dos Deputados da Comissão eram professores, principalmente os do PT. Fui vice-Presidente da Comissão por mais duas vezes, e para mim foi ótimo pois fiquei mais próxima do Ministério da Educação<sup>74</sup>”.*

Ao adentrar em mais um momento da trajetória de vida do sujeito da pesquisa, nos depara-se com informações valiosas e que revelam mais uma vez a reflexão de Nóvoa (2007, p.14) sobre a história de vida professoral, sendo possível fazer uma interpretação da sociedade de uma época através dos caminhos de uma vida. Além de deixar claro que sua trajetória professoral foi significativa para as suas escolhas como Deputada Federal, ao escolher fazer parte da Comissão de Educação, em primeiro lugar, também traz informações de memória social, remetendo a dinâmicas e intenções políticas dos partidos políticos atuantes à época. A respeito das histórias de vida, segundo Souza:

“As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica da formação do adulto, a partir dos saberes tácitos ou experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma metacognição ou metareflexão do conhecimento de si” (SOUZA, 2006, p.25).

O tempo da memória não segue o mesmo caminho do tempo do real: quanto mais vivas as recordações que vêm à tona, mais longínquo é o tempo em que os fatos se passaram. Vale ressaltar que, os resultados dessas lembranças são inúmeros, e não devemos para de recordar. Cada vulto, cada gesto, cada palavra ou canção, que parecia ter se perdido, uma vez reencontrado, nos auxilia a sobreviver, renovar-se (BOBBIO,1997, p.55).

### 3.3. O EXERCÍCIO DO MANDATO COMO DEPUTADA FEDERAL

Sempre deixando transparente sua preferência por assuntos que tragam melhoria para a Educação, desse período Celcita conta com alegria que em 2006, como Deputada, conseguiu para Mato Grosso a Faculdade de Direito de Araputanga - Faculdade Católica Rainha da Paz

---

<sup>74</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

de Araputanga – FCARP, mantida pela Fundação Arco-Íris de Araputanga, organização sem fins lucrativos e de objetivos sociais, está localizada na cidade de Araputanga, região noroeste do Estado de Mato Grosso, com autorização para o Monsenhor, Padre e fundador da Coopenoroeste, Celso Duca. Celcita pediu cinquenta vagas, e o Ministério da Educação concedeu oitenta vagas, e garante que foi uma luta muito grande para conseguir essa faculdade. De acordo com Weber (2003, p. 81), “certamente, tomar partido, lutar, apaixonar-se são características do homem político”. A entrevistada continua ao relembrar a peleja:

*“Foi muita luta para conseguir essa faculdade, pois inicialmente, o Secretário geral do Ministério da Educação, um gaúcho, abria o Mapa do Estado do Mato Grosso e via que tinha faculdade de Direito em Cáceres, e, para ele Araputanga “dava um pulo” até Cáceres, pelo mapa. Mas eu disse para ele: ‘se o Sr. for lá, é longe!’ . Então ele respondeu: ‘Ah, mas tem Alta Floresta’. Perguntei para ele se ele sabia onde está Alta Floresta, se sabia a distância de Alta Floresta para lá, mas ele não entendia. Então quando entrou Lula para Presidente, o Fernando Haddad foi o Ministro, aí eu fui ao Ministério da Educação e levei o Padre Celso comigo, que na época já estava com uma idade avançada. Falei no Ministério que não iria sair de lá enquanto não abrisse essa faculdade, e eles disseram que eu e o Padre Celso não podíamos ficar lá por todo esse tempo, e acabaram ficando tocados pela situação do Padre. Foi então que Fernando Haddad mandou me chamar e eu fui. Quando cheguei, Haddad perguntou: ‘Celcita você quer essa faculdade? Você tem algum interesse? Ou interesse em voto?’ , eu prontamente respondi: ‘Olha Ministro, eu não tenho nenhum interesse, e nem interesse em voto eu tenho, porque nem voto eu tenho lá. O Deputado daquela região é o Pedro Henri. Eu tive lá uns cinco ou seis votos só. Não é interesse político, é interesse mesmo educacional’. E então, eu consegui!<sup>75</sup>”.*

De acordo com Ecléa Bosi (2003, p.15) “A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”, e, são essas paixões que distanciam a frieza de um relato da memória, consideramos cada respiração como um relato do que vivenciaram. Neste relato Celcita se enche de alegria ao contar que conseguiu, e se sente bem por ter contribuído para a educação.

---

<sup>75</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

**Figura 22:** Participando de Sessão na Câmara dos Deputados



**Fonte:** G1 > Política - NOTÍCIAS - Sanguessugas: MP denuncia Celcita Pinheiro (globo.com)

Na figura 22, Celcita aparece em uma sessão na Câmara dos Deputados. Lembra que tinha muita briga, mas também conseguiu muita coisa. Se recorda que também auxiliou o Padre Luigi, de Cuiabá que foi transferido para Lins/SP, e a procurou no seu Gabinete em Brasília e pediu para ela auxiliar a abrir uma faculdade em Lins:

*“Eu apresentei uma pessoa do Ministério para ele, e ele, como era uma pessoa estudada e sabia argumentar, conseguiu resolver os trâmites sozinho dali em diante. O Ministério reconheceu tudo que tinha que reconhecer e autorizou tudo que faltava para a Faculdade de Lins. Foi mais fácil do que a Faculdade de Araputanga, do Padre Celso, porque no caso do Padre Celso chegou até nos Conselheiros. Tinha um Conselheiro que morava no mesmo hotel que eu. Eu cheguei ao ponto de ter que ‘cercar’ esse Conselheiro na madrugada para pedir para ele<sup>76</sup>”.*

Além disso, Celcita relata que também teve atuação na Sub Comissão de Cultura. Na cultura, ela conseguiu um Centro Cultural para Juína/MT, que diz exultante que ficou lindo: “É

---

<sup>76</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

uma potência!”. O Centro Cultural tem teatro, sala de teatro e biblioteca. Também conseguiu um m para Canarana/MT, que foi povoado, em sua maioria por migrantes gaúchos:

*“eles tinham arquivado vários documentos em um barracão, contando a história da colonização do Município. Então ela se comoveu e conseguiu um Centro Cultural para eles também. Então, foi criado um Centro Cultural de Tradição Gaúcha, com todos os documentos que eles mesmos trouxeram, cadastraram, catalogaram e arrumaram tudo”<sup>77</sup>”.*

Weber (2002, p. 116) entende que na conduta política deve-se levar em consideração as prováveis consequências de uma determinada conduta política, diante de diferentes sujeitos políticos, fazendo uma conexão, de um lado a natureza da política e seus meios utilizados, e por outro lado o “estatuto especial do dever político”. Celcita alega que como Deputada Federal também ficou muito voltada para as áreas sociais, porque seu marido Jonas Pinheiro já atuava na área Econômica e na Agricultura, e porque também já estava acostumada a atuar em Projetos socioeducativos:

*“Então eu fiquei mais voltada para o social, e nesta seara me dediquei para a habitação, e na época Dante de Oliveira que era Governador do Estado de Mato Grosso, e ainda era Fernando Henrique Cardoso que estava na Presidência, na sequência entrou o Lula. Conseguiu fazer muita coisa, mas era difícil, pois toda a movimentação econômica e burocrática era feita através da Caixa Econômica Federal, e, a Caixa Econômica é muito burocrática. Mas mesmo assim lutei, lutei e lutei. Fui em uma reunião com a Caixa Econômica em Brasília, pois tinha um Projeto de como deveriam ser as casas, eu opinei como achava que seria o ideal para dar mais dignidade para as famílias, e mesmo com um embate eu não desisti dessas casas, e acabei conseguindo fazer a casa como eu queria: com dois quartos, banheiro, uma cozinha pequena, mas que tivesse uma cozinha, e o tanque de lavar roupa lá fora, porque eu nunca gostei de lavar roupa sentada, gostava de lavar roupa de pé, então se eu fosse fazer um projeto de uma casa, então tinha que ser completa. Eu tinha assistido uma entrevista de um artista de Salvador, um desses cantores e artistas, e então ele contou a história da casa dele que era um quarto só, e dormia todo mundo junto, a mãe e o pai, e era só uma cortina que separava, e que ele assistia o relacionamento do pai com a mãe. Aquilo ficou marcado para mim, e então decidi que teria que separar em dois quartos, para dormir: os pais para lá, e a criança para cá, na sala. Isso daria o mínimo de dignidade para as famílias”<sup>78</sup>”.*

---

<sup>77</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>78</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Outro fato relevante com relação às casas habitacionais do Governo foi de que decidiu de que somente entregaria as casas para mulheres, pois observou com o tempo que quando entregava a casa no nome dos maridos, muitas vezes esses se separavam das mulheres e ficavam com a casa, deixando as mulheres e filhos sem ter onde morar:

*“Nessa época as casas eram gratuitas, as famílias ganhavam do Governo sem pagar por nada. Em Ribeirãozinho/MT, eu fui entregar as casas, e fiquei muito encantada, pois quando cheguei estavam me esperando só as mulheres. Mulheres solteiras com família, a mais velha já devia ter uns 20 ou 22 anos, e vinha junto aquela ‘meninada’ para receber a casa, aquela cena me comoveu. Em Alto Garça/MT também: o Prefeito já era mais atuante, tinha mais condições, arrumou umas casas bonitas, plantou, fez jardim nas casas. E lá também: só mulheres que recebiam. Então, subi para o ‘Nortão’ do Estado de Mato Grosso, e as pessoas trabalhavam muito com madeira, construíam casas lindas com madeira, fiquei encantada! Lá também entreguei as chaves para as mulheres, mas lá os maridos vieram junto. As mulheres eram humildes, mas tinham a roupa limpinha, impecável: dos maridos e delas, no meio daquela pobreza, mas era uma pobreza de dinheiro, pois de espírito, podia-se ver que eles não eram pobres. Vieram de braço dado pra receber a chave da casa. Aquilo foi uma coisa muito bonita. Em outro momento voltei lá, e visitei as casas, e estava tudo bonito, bolo cheirando, até comi bolo e tomei café. Esse local onde foi entregue as casas, mais pra frente valorizou muito, pois abriu uma Universidade particular lá, é na parte alta, e ficou muito bonito”.*

Em seu relato, Celcita se emociona e sente alegria em contar que das benfeitorias que conseguiu fazer para as pessoas, por ter utilizado o poder político para fazer o bem e auxiliar a comunidade, como sempre fez, e continua fazendo até hoje, já aposentada, mas continua atuante auxiliando a comunidade da igreja católica que frequenta. Para Weber (2002, p. 57) a política obtém desse modo uma base no conceito de poder e deve ser entendida como a produção do poder, e Celcita soube exercer esse poder de forma positiva.

A entrevistada também atuou no Desenvolvimento Social com ações voltadas para Jovens e foi atuante para a expansão do ensino técnico no Brasil e na construção de escolas profissionalizantes no Estado de Mato Grosso:

*“A educação profissional tem papel estratégico a desempenhar, junto com outras políticas públicas, no desenvolvimento econômico, na redução das desigualdades sociais e no fortalecimento da cidadania. Em boa hora, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, o Congresso fez o devido reparo, permitindo à União a retomada da tão necessária expansão da rede federal de escolas profissionais e liberando, para esse fim, recursos da ordem de R\$ 150 milhões. Desses, R\$ 57 milhões são remanescentes do Orçamento de 2005, acrescidos de igual quantia a ser reservada em 2006, mais a*

*complementação em 2007 As peculiaridades do meu Estado, Mato Grosso, exigem investimentos que visem à geração de emprego e renda, considerando a vocação no campo do turismo e do agronegócio. Nesse sentido, solicito que uma dessas 25 novas escolas de ensino profissional que entrarão em funcionamento em todo o País até o final do ano, segundo a promessa do Ministro Haddad, tenha sede em Mato Grosso. Dessa forma, os mato-grossenses terão ainda maior oportunidade de contribuir com o desenvolvimento socioeconômico do Brasil” (DEPUTADOS, Câmara dos. Expansão do ensino técnico no Brasil. Construção de escolas profissionalizantes no Estado de Mato Grosso. Sessão: 021.5.52.E. Data: 01/02/2006. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/internet/plenario/sumario/solene/h158473m.pdf> >. Acesso em: 10 de junho de 2020)*

Nesta mesma seara, em Cuiabá/MT conseguiu recursos para construir um Centro de Juventude. No total foram dois: um no Bairro Dom Aquino, e outro no Bairro Planalto, e no interior também. Participou ativamente para a aprovação do Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, com o objetivo de assegurar direitos para os idosos e garantir a sua efetivação de forma digna. Também desenvolveu Projetos para os idosos e criou Centros para idosos nos Municípios do Estado de Mato Grosso.

Tavares (1992), em sua obra *‘Conciliação e radicalização política no Brasil’* propõe a possibilidade e uma ciência do político e de sua viabilidade prática. Para o autor, a prática e a teoria política de situações concretas das sociedades modernas têm demonstrado que o conhecimento da natureza mutável daquelas instâncias e de suas próprias relações de influência mútua são fundamentais para se chegar à ação ideal, bem como para compreendê-la. A mutabilidade das relações sociais nas relações políticas se destaca em situações de conflito dentro de uma sociedade em transformação, com estrutura de classes sociais que estariam aptas a se auto representar como grupo.

Para o autor, ainda, quando finalmente se atingisse o auge da consciência política, vinculada à economia social, este grupo chegaria à realização politizando-se, unindo consciente e organizadamente a teoria e a prática. Examinando a trajetória social e política de Celcita Pinheiro, observa-se que muito antes de ser deputada, mesmo quando ainda era concursada do Estado e atuava em Projetos socioeducativos, em seu relato há vários momentos que se destacam ao dizer que ‘brigou’ para conseguir verbas para os projetos, revelando-nos que esteve muito próxima deste caminho ideal a que se refere Tavares (1992) de unir a teoria à prática.

Celcita foi uma mulher independente, diferente de outras mulheres da sua época, e assim o foi pois aprendeu com seu pai que a ensinou a ser e disse que para isso ela tinha que ter uma profissão: professora. Seu pai escolheu essa profissão pois com dezoito anos, que era uma idade

boa já para casar, já estaria formada com magistério, e teria sua independência financeira, principalmente, caso sofresse algum tipo de violência do marido, poderia se separar e se manter com dignidade. Sua mãe também foi uma mulher forte, enfrentou a família e casou por Procuração com seu pai, pois seus avós não aceitavam o fato dele ser negro. Desse modo, sempre lutou pelos direitos das mulheres, e atuou em diversos Projetos sociais nesse sentido.

Na luta pelos direitos das mulheres, participou de uma Audiência Pública que fez uma Exposição acerca do estatuto da Mulher, com a seguinte explanação:

*“Achei ótima a análise feita sobre o Estatuto da Mulher. Preocupa-me o que foi dito a respeito da existência de vários artigos e leis. O mesmo aconteceu com o Estatuto do Idoso: havia várias leis, mas elas não eram conhecidas. O Estatuto da Mulher pode ter seus defeitos, mas pelo menos há um ponto positivo: a discussão do papel da mulher, principalmente no que diz respeito à área da saúde. Sempre critiquei, no Governo de Fernando Henrique, o SUS, a atenção dada à saúde da mulher. Falavam muito na televisão, mas a mulher brasileira, lá no fim do mundo, nem sabia da existência de seus direitos. Será que isso não acontece também hoje? As mulheres não sabem que têm todos esses direitos. Por isso, acho que o Estatuto tem a importância de pelo menos discutir o assunto.*

*Quanto ao planejamento familiar, ele realmente ainda é tabu em nossa cultura. Podemos conversar a respeito, mas não há condições de discutir com profundidade o assunto.*

*Quanto à esterilização feita na época da campanha, realmente, todos a incentivam, Vereadores e outros políticos. Por que será que isso ocorre? Será que a pobreza, a necessidade e o desespero levam a mulher a fazer a esterilização? Esses fatos só têm visibilidade na época de campanha porque há grande movimento. Fora desse período, parece que nada acontece.*

*Pergunto: será que as mulheres não conhecem seus direitos, não sabem que a saúde pública brasileira lhes oferece condições e que dispõem de outros meios para não aumentar o número de filhos? Será que não é pela falta de conhecimento de seus direitos que elas deixam acontecer tudo isso?”*  
(DEPUTADOS, Câmara dos. Exposição acerca do estatuto da Mulher. Comissão Especial – PL 1399/03 – ESTATUTO DA MULHER. Audiência Pública nº: 0550/04 Data: 12/05/2004. Disponível em: < <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0550/04>>. Acesso em: 10 de junho de 2020).

Desde a década de 60 que a luta pelo reconhecimento dos direitos da mulher já mostrava a força da bancada feminina no Parlamento brasileiro, vindo a se concretizar no ano de 1962 com a promulgação do Estatuto da Mulher Casada, que foi um marco legal indo contra a legislação conservadora do País. Esta lei é de autoria da deputada paulista Carlota Pereira de Queiroz, a primeira deputada federal do país, e pioneiras do movimento organizado de mulheres. Por incrível que parece, até este momento a mulher não tinha vontade própria perante a legislação, Código Civil de 1916, e era submetida à vontade do marido para estudar e

trabalhar, dependendo de autorização do mesmo pois era considerado o chefe da sociedade conjugal (artigo 251 do Código Civil de 1916).

O Estatuto da Mulher Casada (Lei nº 4.121/62) modificou a condição de relativamente capaz da mulher, lhe restituindo a condição de ser reconhecida como civilmente capaz e permitiu o livre exercício de profissão da mulher casada, sem autorização marital. Mas foi a atual Constituição Federal de 1988 que propiciou a maior reforma já ocorrida no Direito de Família, consagrando o princípio da igualdade (artigo 5º, inciso I; artigo 2º, inciso IV; artigo 226, §5º da CF/88) enfatizando a igualdade entre homens e mulheres.

Uma nova proposta sobre os direitos femininos vem à tona quarenta e dois anos depois, através do projeto do deputado Renato Cozzolino, do PSC do Rio de Janeiro, que cria o Estatuto da Mulher com o objetivo de regular direitos especiais e estabelecer como dever do Estado a formulação de políticas sociais, como direito à saúde, profissionalização, educação, assistência previdenciária e jurídica e lazer, entre outros.

**Figura 23:** Discurso em Sessão na Câmara dos Deputados



**Fonte:** Deputada Celcita Pinheiro (Marcos Bergamasco) – Só Notícias (sonoticias.com.br)

Na Figura 23 Celcita aparece fazendo um Discurso em Sessão na Câmara dos Deputados. Sempre ativa quando se tratava dos direitos das mulheres, ao ser reeleita, em 2002, Celcita Pinheiro fez um discurso a respeito da representatividade feminina no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas, na Câmara dos Deputados, que além de citar a luta

em prol da defesa pelos direitos das mulheres, também cita esta luta na defesa dos direitos da criança, jovens e professores:

“Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, é com satisfação que ocupo a tribuna para parabenizar o povo brasileiro, em particular meus conterrâneos de Mato Grosso, que mais uma vez deu demonstração de amadurecimento político e fez com que as eleições de 6 de outubro transcorressem no mais alto grau democrático.

Um dos fatos da mais alta relevância das recentes eleições e que merece destaque foi o aumento da representação feminina na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e nas Assembléias Legislativas. Nesta Casa, nossa bancada aumentou 45% e no Senado o aumento chegou a 100%.

Foi um resultado marcante. Sem exagero, podemos dizer que esperávamos mais, se levarmos em conta que o número de mulheres votantes representa mais da metade dos eleitores brasileiros.

Este ano, pela segunda vez, fui escolhida pelo meu partido, o PFL, para concorrer a mais um pleito, o que muito me honrou.

Integrei a Coligação Mato Grosso Mais Forte. Com as graças de Deus e os votos dos meus eleitores, estaremos cumprindo consecutivamente mais um mandato nesta Casa.

É uma missão difícil e cansativa, mas não nos faltarão força e disposição para continuarmos trabalhando em prol do Estado e da nossa população.

Vamos manter a bandeira da defesa da criança, dos jovens e da mulher, sem nos descuidarmos dos outros problemas do Estado, como educação, segurança, saúde, saneamento básico, transporte e muitos outros que merecem atenção especial.

O momento é festivo. Além de ter sido reeleita, sufragaram-se nas urnas votos suficientes para trazer novamente ao Senado o Senador Jonas Pinheiro e ao Governo do Estado o empresário Blairo Maggi.

Concluindo, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, quero agradecer àqueles que contribuíram para minha reeleição:

Prefeitos, Vereadores, líderes comunitários, amigos e familiares, enfim, a todos que se engajaram para que pudéssemos ter mais esta vitória.

Os mato-grossenses podem ter certeza de que, a exemplo do que estamos fazendo neste primeiro mandato, nos próximos quatro anos vamos procurar trabalhar muito mais ainda por um Mato Grosso melhor.

Aproveito a oportunidade para lembrar que ontem foi o Dia do Professor. Trago minhas felicitações à classe, da qual também faço parte. O Governador recém-eleito de Mato Grosso tem compromisso com a educação de verdade, que passa pelo professor, que infelizmente não tem muito o que comemorar, por não receber o devido respeito dos governantes” (DEPUTADOS, Câmara dos. Ampliação da representatividade feminina no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas. Agradecimento aos eleitores do Estado de Mato Grosso pela reeleição da oradora para Deputada Federal. Transcurso do Dia do Professor – 15 de outubro. Sessão: 181.4.21.O Data: 16/10/2002. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0550/04>>. Acesso em: 10 de junho de 2020).

Seguindo pela luta a favor dos direitos das mulheres Celcita foi pioneira no Estado com os Projetos de Proteção para Mulheres vítimas de violência:

*“Naquele momento estava bem difícil a situação, os números eram altos. Em Cuiabá/MT, na época, o Prefeito era Roberto França, a esposa dele, a Sra Iraci me chamou para conversar e disse: ‘Celcita, vamos construir em Cuiabá um Centro para mulheres vítimas de violência?’. De pronto eu gostei da ideia e consegui recurso para construir um Centro em Cuiabá/MT, e outro em Sorriso/MT. Eu achava que em Sorriso só tinha gente rica, então não teria tanta violência, como em Cuiabá. José Domingos Fraga que era o Prefeito de Sorriso na época e fez um Centro lindo, lindo, com um símbolo da Justiça na porta, nem parece que era para mulher vítima de violência<sup>79</sup>”.*

Em Cuiabá, o Centro foi inaugurado no dia 23/06/08 e fez com que Cuiabá tenha se tornado a mais nova capital do País a ter um Centro de Referência de Atendimento às Mulheres Vítimas de Violência (Reviv). Com ele, Cuiabá passou a ter uma Rede de Atendimento à Mulher completa com Casa Abrigo, Juizado Especial de Violência contra a Mulher, Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM). A iniciativa foi da prefeitura de Cuiabá e conta com o apoio técnico e financeiro da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM). Estima-se que 500 mulheres são assistidas por mês e conta com uma equipe especializada de psicólogos, pedagogos e assistente sociais. Celcita se sente feliz por ter se dedicado a esse Projeto, pois para ela é um trabalho muito bom e satisfatório.

**Figura 24:** Homenagem recebida pela Casa de Amparo



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada.

<sup>79</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Na figura 24 mostra a homenagem recebida por Celcita pela Casa de Amparo. A Casa do Amparo foi reformada e mobiliada em 2019, na administração do prefeito Emanuel Pinheiro, via Secretaria Municipal de Assistência Social e Desenvolvimento Humano (SMASDH), para oferecer serviço de atendimento institucional voltado às mulheres vítimas de violência doméstica.

Ao seguir as pistas através dos depoimentos da entrevistada, buscou-se documentos que esclareceram os fatos narrados, que fazem parte contexto histórico político brasileiro. Desse modo: “torna-se assim documento tudo o que pode ser interrogado por um historiador com a ideia de nele encontrar uma informação sobre o passado” (RICOEUR, 2007, p. 189).

Celcita Pinheiro demonstrou ser uma deputada preocupada com as causas sociais, Segundo Weber (2002) um político não precisa ser um homem de “verdadeira ética católica”, pois senão seria um santo, e a política não é um mundo para santos. Mas os políticos são homens, e como tal devem se utilizar da ética com responsabilidade e possuir paixão pela sua atividade como capacidade de se distanciar dos sujeitos da sua governação, e nossa investigação nos revelou essa paixão de Celcita Pinheiro.

### **3.3.1. Projetos de lei de sua autoria**

O registro das memórias no contexto desse estudo ocorreu através de duas fontes: a oral e a escrita, denominadas por Paul Ricoeur (2007, p.188) como memória oral e memória arquivada. A memória arquivada é composta pelos documentos escritos, considerados oficiais ou não. Como fonte de memória arquivada, adentramos nos Arquivos do site da Câmara de Deputados, do período que Celcita Pinheiro exerceu o cargo de Deputada Federal, de 1998 a 2006.

Analisa-se as atas das sessões parlamentares sob o respaldo dos pressupostos teóricos de Ricoeur (2007, p. 188): “É armado de perguntas que o historiador se engaja em uma investigação dos arquivos”. Celcita foi questionada a respeito de alguns pronunciamentos que estão registrados nos arquivos da Câmara de Deputados sobre suas conquistas enquanto parlamentar. Sob esse aspecto, fez-se relevante a relação dos Projetos de Lei encaminhados pela entrevistada durante a vigência de seus mandatos.

Como Deputada Federal, Celcita foi autora do Projeto de Lei n 6.283/2005 – que altera os arts. 120 e 124 da Lei n° 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente, obriga a realização de orientação vocacional para escolarização e profissionalização de jovens

em regime de semiliberdade ou de internação; do Projeto de Lei nº 6.493/06 – que institui o Programa Nacional de Segurança Alimentar e dá outras providências.

Este Projeto tem como escopo a escolarização e profissionalização do menor em regime de semiliberdade, pois até então estava atendendo às necessidades desses jovens nem sido adequadas ao que requer o mercado de trabalho, em constante evolução. Isto se deve à falta de realização de testes vocacionais, visando a descobrir a verdadeira vocação daqueles que recebem essa formação. Esse descompasso entre os potenciais desses jovens e aquilo que é oferecido como escolarização e profissionalização faz com que os resultados almejados não sejam produzidos. Desse modo, o menor em regime de semiliberdade não recebe a formação adequada para enfrentar o mercado de trabalho após o cumprimento dessa medida legal.

Em geral, esses menores, ao voltarem ao convívio normal em sociedade, encontram-se despreparados para enfrentar a realidade e muitos voltam a delinquir. Nestes casos, a orientação vocacional irá diagnosticar quais as melhores possibilidades para a escolha de uma profissão, contribuindo desta forma para a ressocialização do menor em regime de semiliberdade. Por essa razão este Projetos de Lei obriga a realização de testes vocacionais nessas hipóteses de escolarização e profissionalização.

A proposta em apreço é benéfica ao jovem que cumpre medida sócio educativa, nos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Privar esses menores da escolarização e profissionalização adequadas fere a determinação da Carta Magna, segundo a qual a educação é um direito de todos e dever do Estado. Se a medida, como estabelece o Estatuto, tem caráter sócio educativo, é mais do que lógico que esses internos recebam a formação educacional compatível com suas necessidades. Todavia, não basta oferecer cursos, sem qualquer critério de qualidade, apenas para cumprir uma exigência formal. Essa formação educativa e profissional tem de ser adequada às necessidades desse jovem, preparando-os para enfrentar o mercado, quando retornarem à vida social regular.

Também foi autora do Projeto Lei 5373/2001, que denomina "Viaduto Colonizador Ênio Pipino", o viaduto situado no trevo de acesso à cidade de SINOP, Estado de Mato Grosso, na BR-163 – Lei nº 11.256/2005.

É de autoria da Professora Celcita Pinheiro o Projeto Lei 6493/06 – que institui o Programa Nacional de Segurança Alimentar e dá outras providências, tendo por objetivo promover ações que concorram para que todos os cidadãos brasileiros tenham acesso, todos os dias, a alimentos, em quantidade e qualidade suficientes para suprir sua demanda nutricional básica.

### **3.3.2. As contribuições na área da educação**

Foi ativa no Projeto de Lei 837/2003, que dispõe sobre a participação de assistentes sociais e psicólogos na estrutura funcional das escolas; da Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, do presidindo a audiência do Projeto de Lei nº 4530/04 - Aprova o Plano Nacional de Juventude e dá outras providências; como presidente da Comissão Especial de Proposta de Emenda à Constituição - PEC nº 536 de 1997 - que modifica o artigo 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, estabelecendo que a União complementarará os recursos do FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, de modo que seja atingido o valor mínimo por aluno definido nacionalmente e não haja redução do gasto por aluno do ensino fundamental que foi praticado até dezembro do ano de 1997, em cada Município, Estado ou DF. Alterando a Constituição Federal de 1988. Cria o FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação; do Projeto de Lei nº 3638/2000 – que institui o Estatuto do Portador de Necessidades Especiais e dá outras providências.

Também contribuiu com o Projeto de Lei de Conversão (CN) nº 21, de 2005, que institui o Projeto Escola de Fábrica, autorizando a concessão de bolsas de permanência a estudantes beneficiários do Programa Universidade para todos - PROUNI, institui o programa de educação tutorial - pet, altera a lei 5.537, de 21 de novembro de 1968, e a consolidação das leis do trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-lei 5.452, de 1 de maio de 1943, e dá outras providências, que resultou na Lei nº 11.180 de 23/09/2005.

Celcita foi Presidente da Comissão especial para a PEC 536/97, convidando os Ministros para discutir os programas de alfabetização de jovens e adultos, de responsabilidade do Ministério do Trabalho e a inclusão das Creches no FUNDEB (PEC 415/2005), que foi transformada na Emenda Constitucional 53/2006, modificando o artigo 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, estabelecendo que a União complementarará os recursos do FUNDEF - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, de modo que seja atingido o valor mínimo por aluno definido nacionalmente e não haja redução do gasto por aluno do ensino fundamental que foi praticado até dezembro do ano de 1997, em cada Município, Estado ou DF. Alterando a Constituição Federal de 1988. Cria o FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

Celcita se lembra como foi a implantação desse Programa, pois já estava na Comissão de Educação, foram realizadas audiências públicas para ver se realmente iria auxiliar o Estado, auxiliar os professores. Na época os membros da Comissão de Educação deram parecer a respeito do programa, o projeto, e a Coordenação era do PT – Partido dos Trabalhadores. Para época era uma coisa inovadora, como era inovador a educação à distância:

*“nem tudo que foi colocado ali, nem tudo foi cumprido como deveria, por essa razão que o FUNDEB tem muitas críticas, porque Saiad já dizia que enquanto educação for economia, o Brasil vai ter essa dificuldade. Inicialmente apresenta o Projeto no papel, e é aprovado, é uma luta para aprovar, mas na hora da execução, ele não é executado de acordo com a ideia inicial, com o que planejou. Mesmo assim, eu ajudei bastante. Não posso falar que não... melhorou o salário dos professores, ajudou o Estado a fazer melhorias. Na sequência veio a educação em tempo integral para as crianças, e que foi uma necessidade. Mas fica sempre a desejar, pois Educação não é prioridade no nosso país. O FUNDEB, naquela época era inovador. Hoje não é mais tão inovador, já estão achando que tira dinheiro para colocar no Estado, não sente que é necessário, e é necessário!”<sup>80</sup>*

Para Bobbio (1999), ao adentrar o mundo da memória, seria estranho que nesses testemunhos não se apresentassem as habituais atitudes como o medo e a esperança: “À esperança – que pode acudir o sofredor até em situações que parecem desesperadoras, e é a esperança de cura, ou de um caminho para uma nova vida – opõe-se o *cupio dissolvi*, ou o desejo de dissolução, de deixar de existir”. (BOBBIO, 1999, p. 28). Desse modo, na fala da Professora Celcita, apesar de dizer que a Educação não é ainda prioridade no Brasil, pode-se ver que ainda há esperança:

*“Para melhorar a qualidade do ensino é preciso que a Escola tenha condições de se manter por exemplo: tem o computador na sala de aula, tem ar-condicionado, tem tudo: ótimo! precisa e merece. Mas para trocar o ar-condicionado, para trocar o computador, o professor precisa ter condições, não vai cobrar da criança para pagar, para fazer essa manutenção. Mas ainda tem esperança, eu acredito no país, apesar que antes de eu ser parlamentar também criticava, mas quando está lá que pode ver o que é que é na realidade”<sup>81</sup>*

---

<sup>80</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>81</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Nestas palavras da Professora Celcita Pinheiro, percebe-se que sua percepção de educação e ensino vai além das aulas com os professores. Ela demonstra sua compreensão de que para que os professores consigam dar uma boa aula, não basta apenas ser um bom professor, mas deve ter toda uma infraestrutura para que isso ocorra de forma satisfatória, e demonstra que atualmente está infraestrutura ainda tem muito a melhorar no Brasil.

Na Comissão de Educação, Celcita alega que ficava impressionada, pois era sempre uma tese de Mestrado que vinha como Proposta de Projeto. Quando chegou na Comissão de Educação, logo foi apresentado uma tese de Mestrado do professor “X” do Nordeste que fez, e Celcita desabafa:

*“Tudo bem, mas na tese de Mestrado, ele trabalhou com 20 alunos. Então ele foi no Ministério da Educação, e mostrou o quão maravilhoso que é o ensino, muito muito bom, o Ministério achou ótimo. Só que nós não implantamos para 20 alunos, nem para passar para 40 ou 60. Não, implantou no Brasil inteiro. Ninguém tinha treinamento, ninguém sabia nem o que era, de onde veio, nem onde ia chegar. Está aqui: passa o livro na mão do professor, aí não tem resultado mesmo. Eu acho que tem que ser implantado gradativo. Aí o que que aconteceu? Aí vem a crítica que aquela tese, aquele tipo de educação, leitura, não serve, não tem o resultado. Tem resultado sim, porque ele era para ser feito para acompanhar a criança na escola e na vida. Porque a criança tem que crescer com a educação na vida dela. Ela tinha que ter saúde, tinha que ter assistência, tinha que ter tudo para poder estudar direitinho. Mas só que não tem a saúde, não tem assistência. não tem nada. Como é que ela vai crescer? Ela vai só na escola e pronto. Aí não dá resultado. Aí o resultado é a tese que não prestou. Mas é por isso, pois não é testado realmente. Porque ali fala que o objetivo é esse: acompanhar, mas não faz acompanhamento, se fizesse... Aí na sequência troca, já vem outro, outro leva outra tese... mas nem acabou de resolver aquilo ali<sup>82</sup>”.*

Ao fazer uma análise entre a política e a ciência, Celcita nos leva a dialogar com Weber (2011) que entende haver uma separação entre as duas áreas. Para este autor a ciência é racional, imparcial e neutra, em oposição a política, que é irracional e influenciada pela paixão. Pode-se claramente perceber essa separação nesta fala da entrevistada, visto que a paixão na política leva a tentativa de implantar prontamente estes Projetos, no Brasil todo, sem ao menos ir implantando aos poucos a fim de observar seu desenvolvimento, diferente da ciência, que se limita a desenvolver Projetos de forma racional.

---

<sup>82</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Celcita, como parlamentar, apoiou a criação do Plano Nacional da Juventude (PL 4530/04) presidindo a audiência e defendendo a necessidade de que os professores sejam preparados para a educação ambiental, que faz parte da Comissão Especial destinada a acompanhar e estudar propostas de Políticas Públicas para a Juventude., debatendo o tema “desenvolvimento da cidadania e organização juvenil”. Foi constituído como Comissão Especial, conforme o Art. 34, II, do RICD, a ser integrada pelas seguintes comissões: Direitos Humanos e Minorias; Turismo e Desporto; Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável; Trabalho, de Administração e Serviço Público; Educação e Cultura; Seguridade Social e Família; Finanças e Tributação (Mérito e Art. 54, RICD) e Constituição e Justiça e de Cidadania (Mérito e Art. 54, RICD).

Também foi relatora do Projeto de Lei (PL nº 3.638/2000) na Comissão de Educação e Cultura e Desporto – que institui o Estatuto do Portador de Necessidades Especiais.

Participou da Comissão Externa destinada a discutir a feminização da pobreza no Brasil, que apresentou relatório consolidado sobre a feminização da pobreza, resultante das desigualdades provindas de movimentos econômicos internacionalizantes somados a discriminações oriundas de processos históricos seculares. No Brasil, em decorrência, as mulheres, os afrodescendentes e os indígenas - historicamente excluídos e discriminados – sofrem, de forma mais profunda e acentuada, as consequências dessas desigualdades, pois sobre eles incide a superposição de diversos tipos de vulnerabilidade. Considera-se de fundamental importância a inserção da perspectiva de gênero e raça no orçamento público. Desse modo, foi indicado ao Poder Executivo, por meio de todos seus Ministérios e Secretarias, a incorporação aos programas e ações a perspectiva de gênero e raça, contribuindo assim de forma definitiva para a superação da pobreza e das desigualdades, bem como a indicação ao Ministério da Educação, sugerindo a criação de programas de capacitação e profissionalização para mulheres, considerando diversidades culturais regionais e econômicas de populações específicas no território nacional.

Celcita relembra com alegria quando visitou Cuba, representando a Comissão de Educação. Foi até Cuba para conhecer a *Escola de Cuba*, como Vice-Presidente foi acompanhando a Presidente da Comissão, a Deputada Maria Elvira Salles Ferreira. Conta que ficou cinco dias em Cuba, e nesse período conheceram a Escola de primeiro e segundo graus e conheceram a Escola agrícola:

*“Não vi nada do que as pessoas dizem de Cuba, se acontece alguma coisa, eu não vi. Conheci a Escola, a Escola me fez relembrar da Escola do meu tempo, quando eu estudei: o abecedário na parede grudado, a tabuada no papel para as crianças estudarem, tem alimentação, as crianças estavam alegres, felizes da vida. Na Escola agrícola todo mundo estava de bota, sujos, trabalhavam lá mesmo com as crianças. Também aproveitou para conhecer os hospitais, vi os medicamentos que eram distribuídos para a população, e até ganhei um medicamento de um médico que nos atendeu lá, super educado. Tive como aprendizado a opinião de que a felicidade deles não é igual a nossa. Andei pelas ruas, vi a alimentação deles: feijão e arroz, servidos em um panelão de ferro, que hoje é self service. Mas lembro de que apesar de tudo, lá faz muito calor, e por conta disso as pessoas ficam sentadas na porta de casa à noite inteira conversando<sup>83</sup>”.*

Da viagem guarda boas lembranças, principalmente os amigos que fez, que inclusive facilitou para que Celcita auxiliasse algumas famílias que lhe pediram auxílio para os filhos fazerem Medicina em Cuba. As famílias que a procuraram eram da roça, gente do interior, não era gente da cidade que queria Medicina, e através de seus contatos a Embaixada atendeu prontamente essas famílias e auxiliou com o pedido e a documentação. Celcita nem era mais Deputada nessa época, mas sente-se alegre em poder ter auxiliado, e conclui a respeito dessa experiência que foi muito bom conhecer Cuba, na área da Educação.

Celcita atuou bastante na área social, principalmente com relação às mulheres e habitação, mas acredita que de uma certa forma isso está interligado com a Educação também, pois é uma forma de estruturar a família, e a família estando estruturada facilita para que as crianças possam estudar:

*“Para receber a casa tinham umas reuniões, e a assistente social da Prefeitura tinha que fazer um treinamento com as mulheres para receber a casa, para levar os filhos, para levar para a escola, tinha que fazer todo aquele trabalho, um trabalho educativo que era realizado pela Assistência Social da Prefeitura. Se a Prefeitura não tinha, contratavam somente para realizar esse trabalho educativo com as famílias do grupo selecionado. E Era um trabalho educativo porque tinha que conversar com as pessoas para elas terem um zelo pelas coisas delas, pois eram delas, que ela não poderia vender, ou entregar a casa para outra pessoa, mas sei que pode ter acontecido por necessidade. A decisão de entregar somente para as mulheres veio depois de uma viagem que fiz para Diamantino, e uma promotora e justiça conversando comigo me disse que tinha um caso lá em Diamantino que a mulher auxiliou o marido a comprar a casa, deu o dinheiro dela, mas passou no nome do marido. Então o marido arrumou outra esposa, e pôs ela para fora de casa com os filhos e ficou com a casa, e ela ficou na rua. Então a Promotora*

---

<sup>83</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*sugeriu que entregasse e registrasse as casas no nome das mulheres, pois a mulher, mesmo que separe, fica com os filhos. O homem, em geral, não tem essa sensibilidade. Quando fui entregar as casas em Riberãozinho/MT encontrei mulheres solteiras, mas todas elas com seus filhos, e mesmo naquela cidadezinha tão pequena<sup>84</sup>”.*

O sujeito da pesquisa entende que as mães, tendo uma casa para morar, podem ter condições de garantir o estudo das crianças, pois a seu ver, o mais difícil é ter onde morar, pois às vezes têm um emprego, mas ganham pouco, não têm condições de sustentar os filhos, pôr na escola. Então foi um trabalho árduo, Celcita diz que talvez foi um dos mais difíceis.

Para Aristóteles (1978), a verdadeira vida humana busca a organização política, por se tratar de uma forma superior à vida simples do convívio social da casa ou de comunidades mais complexas. Para este autor, a partir do conhecimento de qual é a verdadeira natureza do homem, tais aspectos da vida social passam para a compreensão de uma visão estritamente política, e se espelham em noções como a de governo, dominação, liberdade, igualdade, do que é próprio, bem como do que é comum, ampliando seus conceitos e compreensões.

Celcita conta que quando chegou na Comissão de Educação ela estava voltada para discriminação racial, e lembra que era uma luta, uma guerra. Relembra que foi lá que foi ver discriminação racial, nunca tinha visto com tanta força, com tanta garra. As audiências públicas que tinham sobre isso, ela nunca nem tinha visto na sua vida, via apenas nos filmes.

Na Comissão de Educação, na época da Deputada Esther Pillar Grossi do Rio Grande do Sul (2000-2001) fizeram uma pesquisa dentro da Câmara, com os trabalhadores da Câmara, para saber se eles eram todos alfabetizados. Descobriram que a maioria dos funcionários não sabiam ler nem escrever. Eles não sabiam nada e estavam trabalhando lá, terceirizados:

*“Pensei: “gente o que que é isso?”. E a Esther tinha um método de alfabetização, muito bom. Então decidiram implantar lá na Câmara, arrumaram uma sala só para os funcionários. Até levei gente aqui de Cuiabá para fazer o treinamento lá, para aprender a alfabetização da Esther Grossi. E então fizeram assim: cada semana a deputada levava um cardápio da sua região. Eu levei paçoca de carne seca, bananinha, e esquentou lá e serviu. Na ocasião tinham uns três Prefeitos do Estado de Mato Grosso lá no dia, uns vereadores, e ainda levei convidados para participar, degustar a comida da terra. E então cada Deputado da Comissão, um dia da semana levava a alimentação do seu Estado para servir para eles. Essa alfabetização durou uns quatro anos, era uma sala só, e a Professora Esther Grossi tinha esse Projeto, tinham os professores da Comissão, e os funcionários que faziam*

---

<sup>84</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

*treinamento lá, e desse modo alfabetizaram muita gente, e garanto que esse método é muito bom, e o povo ficava alegre: queriam ler Bíblia, falavam que não sabiam ler nem o ponto de ônibus, para onde ia, perdia o ônibus, porque não sabia onde era a casa deles. E lá aprendia a ler: ‘e tinha que ler mesmo, fazer discurso, tudo lá para mostrar que sabia ler’<sup>85</sup>”.*

Celcita recorda com alegria que esse grupo da Comissão da Educação era muito bom, e que não tinha disputa política entre os partidos, pois na Comissão todos se respeitavam:

*“O grupo da Comissão, a maioria apoiava Hugo Chávez, mas eles tinham um respeito muito grande, sabiam que eu não apoiava Chávez, mas quando todos se juntavam, não tinha nada disso. Eram muito mal educados, quando tinha discussão, mas no relacionamento com a Comissão, de jeito nenhum. Lembro uma vez que a Deputada Vanessa Grazziotin do PC do B foi na Comissão para apresentar um Projeto, e chegando lá foi “muito engraçadinha” e discordou do estilo de trabalho que a Comissão fazia. Inclusive eu estava até presidindo a Comissão nesse dia, e então falei para ela que a Comissão funcionava assim: lá não tinha partido político, e que o partido político lá se chamava Educação. E afirma contundente: “Não tinha e nunca teve”. E com alegria e satisfação que fiquei oito anos só nessa Comissão, não sai dela, pois ninguém brigava por causa de política. A Deputada Marisa Serrano, por exemplo, era defensora do PSDB de Fernando Henrique Cardoso, mas lá na Comissão na hora de votar, de acertar as coisas ali, tudo era a Educação. Foi bom<sup>86</sup>”.*

Nesta fala da Professora Celcita observa-se sua paixão e dedicação pela educação, que está acima das ideologias políticas. Traz uma informação importante a respeito da Comissão de Educação do período em que foi parlamentar, que nos leva a ter um novo olhar a respeito dos membros que participaram da mesma.

Weber (2011) afirma que existem dois tipos de político: os *políticos profissionais* que vive “para” política e “da” política. O político que vive “para” a política é aquele que encontra forma de gozo na simples posse do poder, encontrando na política equilíbrio interno a qual exprime um valor pessoal, colocando-se a serviço de uma “causa” e vive dela, o mesmo deve ser economicamente independente, deve possuir fortuna pessoal, é o poder pelo poder. Não vemos ainda, mesmo nos dias atuais, a política funcionando tão distante das perspectivas discutidas por Max Weber, mas estes fatos presenciados pelo sujeito da pesquisa nos dão esperança de que existem políticos preocupados com a Educação, apesar de serem a minoria.

---

<sup>85</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>86</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

A Deputada em seus discursos, sempre expôs seu apoio ao Estado do Mato Grosso, e especialmente à Educação:

“Professora, com especialização em história, pauto minha vida parlamentar tendo a educação em vista, no senso estrito, institucional, que a citada lei das diretrizes corrobora, e no lato, em que a sociedade como um todo participa. É o caso do cultivo aos grandes vultos da terra, símbolos verdadeiros que as homenagens consolidam”. (DEPUTADOS, Câmara dos. Sessão: 121.4.52.O. Data: 11/07/2006.)

Diante dessas articulações entre vida professoral e parlamentar da Professora Celcita Pinheiro, compreende-se de que a memória, ao nos levar à reflexão de vida professoral e parlamentar desta educadora nos conduz a reflexão sobre aspectos da educação nos anos narrados, bem como tornam-se claros os processos de articulação entre o individual e o coletivo. De acordo com Ricoeur (2007, p. 177), “o arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental”.

### 3.3.3. Uma professora como deputada

Celcita diz que o fato de ser Professora auxiliou bastante na sua atuação como Parlamentar, principalmente porque sabia ler e escrever corretamente. E para falar também, sorri ao lembrar que em Brasília achavam que ela era mexicana por causa da pronúncia:

*“Eu dizia: “não! eu sou brasileira lá de Cuiabá!”. Mas é o linguajar nosso que é assim, porque eu não mudei meu linguajar. Até hoje faço leituras na igreja, na missa, por causa da minha pronúncia. Sempre gostei de ler, e garanto que leio bem, pronuncio as palavras. Uma vez fiz uma entrevista na televisão, quando ainda era parlamentar, e um Senhor ligou para mim e disse: “Celcita você fala tão bem as palavras, que eu entendo tudo o que você está falando!”. E eu acho que falo depressa, meu irmão sempre dizia isso para mim, mas na hora da leitura, leio com pontuação. O fato de ser Professora me auxiliou muito nesse sentido, para pronunciar as palavras, porque muitas vezes as pessoas falam para si, e não para os outros entenderem. Como Deputada, enquanto faz uma oratória, as pessoas têm que saber o que está sendo falado. Também senti a importância de ser Professora para trabalhar no meu gabinete e para coordenar o grupo de trabalho do meu gabinete. Sempre fui muito rigorosa para montar minha equipe de trabalho, não bastava só indicação, a pessoa tinha que ser competente<sup>87</sup>”.*

---

<sup>87</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Relembra de uma vez que chegou a presidir o Congresso na Câmara. Ela estava sentada na Sessão, e então o Deputado Inocêncio de Oliveira que era o Presidente da Câmara, falou para Celcita que tinha que dar uma saída e pediu para ela substituí-lo, e Celcita prontamente aceitou. Conta que ninguém acreditou que ela teve coragem de subir lá e Presidir a Sessão da Câmara:

*“Menina! Eu nunca tive medo, não tem essa não.... a não ser que seja um debate, uma Lei para aprovação.... aquelas brigas que têm lá, é difícil mesmo. Mas naquele dia tinha um assessor legislador ao meu lado, que poderia me auxiliar com alguma pergunta mais específica do tema debatido, pois tinha pleno conhecimento do assunto, e eu fiquei lá anunciando as pessoas que iam falar, depois teve uma votação muito simples, e logo acabou, pois o Deputado Inocêncio voltou e ocupou seu lugar novamente, eu agradei. E depois, as pessoas queriam saber se eu já tinha presidido a Câmara alguma vez, e eu respondi: “Eu não! Eu nunca fui nem Vereadora na minha vida”. Mas foi um momento muito bom, ter tido essa oportunidade<sup>88</sup>”.*

Celcita afirma que Educação anda não é prioridade no Brasil, mas fala da importância de existir professores para se dedicarem à política e buscar melhorias nesse sentido. Entende que vai muito da sensibilidade do professor e que a mulher, a professora tem mais sensibilidade. Mas, é enfática ao afirmar que tem que gostar também. Celcita alerta que tem partidos políticos que não permitem que o candidato eleito participe da Comissão da Educação, exige outra Comissão.

No caso de Celcita foi diferente, pois conta que chegaram juntas lá as Deputadas eleitas: Telma de Oliveira, Celcita Pinheiro, Teté Bezerra, e Serys. A Teté era da Assistência social e Telma também, porque foi esposa do Governador, e ambas já atuavam nessa área. Serys que era Professora já foi para a Educação, junto com Celcita. Então o fato de ambas serem professoras influenciou a ida delas para a Comissão de Educação e ressalta a importância de ter representantes na Educação, mas que tenha gosto pela Educação, que se dedique. Afirma que é um caminho, e precisa chegar perto desse pessoal. Celcita desabafa e fala das barreiras que acabam impedindo os professores de seguirem esse caminho:

*“Mas é que também nós professores ficamos muito preocupados com a nossa vida financeira. Acaba se preocupando mais com greve para melhorar as condições, uma atrás da outra. Então quando levanta a cabeça já vem outra.*

---

<sup>88</sup> De Depoimento de Cecília Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*Então nunca tem tempo de se dedicar a essa atividade. Mas que precisa, precisa. Precisa de professores para mostrar a força na Educação. Precisa mostrar força, que é para fortalecer também o grupo que está lá, para eles também sentirem esse poderio que tem<sup>89</sup>”*

Neste sentido, Celcita fala que o trabalho em Brasília ainda está muito longe dos professores no Estado. Entende que para eles a Assembleia Legislativa está mais perto, então eles se dedicam a buscar mais direitos para o professor lá. Mas na verdade, Brasília não está tão longe assim. Celcita acredita que tem que ter uma pessoa assim, compromissada com a educação e que os professores também invistam numa pessoa que possa representá-los de verdade:

*“Na Comissão de Educação, a maioria eram mulheres. E a maioria de professores vêm da Universidade, que acabam ficando mais voltados para a área da Educação. Alguns também vão para a área social, os médicos gostam muito da área social também e com a área da saúde, da mulher e crianças, na área da Seguridade Social. Então na Educação a maioria são professores, e professores de Universidade, professores de educação fundamental tem, mas é em menor quantidade. Naquela época, as mulheres da Comissão estavam preocupadas com a alfabetização e organizar a educação. Os homens estavam preocupados com outras áreas mais práticas e administrativas, que hoje é o FIES<sup>90</sup>”.*

As palavras da Professora Celcita levam à busca em compreender a o motivo do aumento do número de professores que estão ingressando na política de nosso país. Compreende-se que a melhoria na educação é um desses motivos. Weber (2011, p. 110), entende que “no que se refere à natureza da causa em nome da qual o político procura e utiliza o poder, nada podemos adiantar: ela depende das convicções pessoais de cada um”.

A entrevistada Professora Regina Lúcia Borges Araújo ao ser questionada sobre as contribuições da Professora Celcita, como deputada, para a Educação, revela que:

*“Celcita contribuiu muito para a Educação no Estado do Mato Grosso com as atividades pedagógicas que pôde realizar nas áreas de currículo e outras ações pertinentes inclusive na área de gestão de projetos. Como Deputada Federal propôs diversos projetos na Câmara realizou muitas lutas na área da Terra, da Amazônia, da Família e da Juventude e especialmente na Comissão de Educação na Câmara inclusive oportunizando aos educadores do Brasil*

---

<sup>89</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>90</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*participarem de forma democrática com contribuições aos Projetos que apresentou<sup>91</sup>”.*

A Profa. Dra. Cilene Maria Lima Antunes Maciel também declarou em sua entrevista:

*“A Professora Celcita contribuiu para a Educação no Estado, com certeza. Como eu acredito na educação, todas as pessoas que exercem o papel de professor ou de cargos técnicos dentro da secretaria, tem relação direta com as escolas, contribui para a escola, de qualquer forma contribui com a Educação, mesmo que a pessoa não tenha essa intenção, todos contribuem. Não vejo que alguém que tenha passado pela educação, passou em branco, ninguém passa em branco porque ninguém passa 25 (vinte e cinco) anos trabalhando em uma função, em branco. Quem fez alguma coisa, mesmo que não seja nada que chamou a atenção ou que alguém fez relevância ao seu trabalho, mas teve a sua contribuição quietinha, humilde, mas fez para alguém, para várias pessoas, ou comunidades. Desse modo, vejo que como Celcita passou pela educação e passou também pela política, teve esse olhar para a educação, ela deu realmente a sua contribuição no que pôde e até por ser uma pessoa assim, ilibada, honesta, que não tem nenhum escândalo envolvido com a vida dela, e acho que isso marca muito, então ela teve essa vida que pode ser elogiada<sup>92</sup>”.*

Desse modo, torna-se importante tais declarações de nossas entrevistadas, que conheceram a Professora Celcita Pinheiro, pois somente nos leva a dialogar com nossas pesquisas documentais, na compreensão de que nosso sujeito de pesquisa contribuiu para o ensino e a educação no nosso país, principalmente como parlamentar. Halbwachs ao perceber a importância da memória oral narrada pelos entrevistados, esclarece: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que já sabemos de um evento do qual já estamos sendo informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 1990, p. 25).

### 3.4. A VOLTA DE BRASÍLIA PARA CUIABÁ

Não tendo conseguido se reeleger para a Câmara Federal nas eleições de 2006, Celcita Pinheiro foi nomeada em 2 de fevereiro de 2007 para o cargo de secretária de Assistência Social e Desenvolvimento Humano de Cuiabá, na primeira gestão do prefeito Wilson Santos, do

---

<sup>91</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>92</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em 13 de fevereiro de 2009, foi reempossada para o mesmo cargo por Santos, reeleito em outubro do ano anterior.

A entrevistada conta que perdeu a eleição, e voltou para Cuiabá. Mas afirma que não sofreu com a perda da eleição, apesar de todo mundo ter se preocupado, afirma que estava muito bem, que não sofreu, pelo contrário, teve um sentimento de gratidão pois perdeu, mas foi uma perseguição muito grande, até dos votos mesmo, para ela não ganhar a eleição:

*“Meu marido era Senador na época, e foi cogitado para ele pedir um emprego para mim. Mas eu não queria, pois achei que era uma humilhação, que eu já tinha trabalhado na política como deputada por oito anos e não precisava disso, como não precisei. Então Wilson Santos, meu grande amigo, “uma fineza” de pessoa, me convidou para ser Secretária da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Cuiabá/MT<sup>93</sup>”*

Celcita Pinheiro foi nomeada em 2 de fevereiro de 2007 para o cargo de secretária de Assistência Social e Desenvolvimento Humano de Cuiabá, na primeira gestão do prefeito Wilson Santos, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em 13 de fevereiro de 2009, foi reempossada para o mesmo cargo por Santos, reeleito em outubro do ano anterior:

*“Eu nunca tinha sido Secretária, só professora e Deputada. Aceitei porque foi para mim, uma gratidão que sinto por ele, por dar essa oportunidade de ser Secretária, pois eu não estava muito bem nesse período, e me senti feliz, pois seu marido não precisou pedir cargo para ninguém<sup>94</sup>”*

Sendo assim, foi Secretária por três anos. Foi uma das Secretárias que mais demorou para ficar com Wilson Santos na Secretaria. Conta que saiu, porque, a princípio, ela precisava recuperar seu espírito. Depois ela precisou financeiramente, porque seu marido faleceu e ela precisava se organizar, pois foi assim de repente. Ela ficou um ano ainda, até se organizar. Relembra com alegria pois diz que na Secretaria teve oportunidade de realizar algumas coisas. Conta que chegou com todas as coisas na cabeça que ela queria fazer como Deputada e não fez. Então aproveitou todas essas ideias. Ela estava com vontade de trabalhar e fez todo esse trabalho com a assistência social.

---

<sup>93</sup> De Depoimento de Celilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>94</sup> De Depoimento de Celilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Relembra que trouxe para Cuiabá o Ministro de Estado do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Patrus Ananias. Conta que o Ministro Ananias gostava muito dela e do marido, e do Wilson Santos também.

Como Secretária conseguiu o PETI para as crianças, com educação e qualidade de ensino. Então conseguiu o dinheiro e investiu tudo nessas crianças do PETI, pois o PETI era da Assistência Social.

*“Foi muito bom o trabalho que tive com essas crianças, foi um trabalho educativo: de manhã eles iam brincar, mas à tarde eles iam para a escola, e a tarefa era impecável. Eu contratava pessoas para ensinar as crianças a cantar. Levei esses meninos na Universidade, eles apresentavam todo ano um coral “muito lindo”, era na Universidade Federal do Mato Grosso, “não era em qualquer lugar, era lá”. Tinha um convênio, então a Universidade alugava por um preço irrisório. Então as famílias iam assistir a apresentação. Cantavam peças maravilhosas no final do ano. Também apresentavam na praça: O Natal com as Crianças Dom Pedro. Foi por essa razão que trouxe o Ministro Ananias, porque ele queria conhecer esse trabalho. Então teve uma apresentação lá no ginásio AECIM Tocantins com todas as crianças do PETI. Foi lindo! Fiquei encantada, porque reuniu todas as crianças. Tinha toda uma rede de colaboradores que auxiliava, tínhamos convênio com muita gente, e eu pedia e conseguia auxílio. Consegui uma parceria com uma padaria que dava curso de graça para o Projeto, para aprender fazer pães, panetone e distribuiu para todas as crianças<sup>95</sup>”*

Conta com determinação que enquanto ela estava exercendo o cargo de Secretária, não tinha população de rua pois conseguiram alugar uma casa próxima ao Morro da Luz para acomodar todos eles lá:

*“porque lá tinha uma varanda e eles podiam ver a Rua, pois eles costumavam fugir dos lugares, e lá não, lá eles viam a Rua, viam gente, ficavam alegres, apesar de não querer dormir dentro da casa, nunca quiseram. Lá fora tinha uma quadra e eles levavam o colchão para lá, apesar da casa ser bonita, tudo arrumado, mandavam limpar e eles nunca quiseram dormir. Passavam o dia inteiro na rua, chegavam, tomavam banho, jantavam, mas não dormiam dentro da casa. Eu andava passeando na rua, olhava pela grade, a cidade, e não tinha mais gente na rua, e até hoje quando ando na rua tem gente que ainda sabe o meu nome e grita. Depois montamos uma casa na Estrada da Guia só para criança drogadas de dez anos, oito anos, sete anos, que estavam jogadas nas ruas, e que fizeram um trabalho com essas crianças, e que foi uma luta<sup>96</sup>”*

---

<sup>95</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>96</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Em seu depoimento Celcita traz a compreensão, que não foi somente como Deputada que pôde, de alguma forma, contribuir com o social, sua atuação como Secretária Municipal da Assistência Social demonstra sua dedicação a esta área. Segundo Souza (2006, p.29), na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o sujeito, ator dessa história, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida.

Queiroz (1988, p.19) a respeito da História Oral, entende ser um termo amplo que aborda uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma cultura e grupo social.

Ao ser entrevistada, a assistente social Eluidil Eluinda de Almeida Fontes conta que já conhecia Celcita Pinheiro do meio político, apenas pela mídia, como esposa do Senador Jonas Pinheiro, depois como deputada Federal, pelo DEM. Finalmente em 2006 teve a oportunidade de conhecer pessoalmente a Professora Celcita Pinheiro, quando ela foi Secretária Municipal de Assistência Social de Cuiabá, na gestão do Prefeito Wilson Santos:

*“Trabalhamos juntas na Prefeitura Municipal de Cuiabá, onde ela exerceu o cargo de direção e assessoramento superior na função de secretária municipal de Assistência Social e Desenvolvimento Humano, e na época eu fui diretora técnica na área da assistência social. Como profissional Celcita trata-se de uma pessoa com formação em educação, Professora, tendo exercido a função de maneira aguerrida por quase vinte e sete anos, junto ao ensino regular. Se manteve segura nessa função, bem resolvida, articulada, educada, polida e acima de tudo consciente do seu papel de educadora que lhe oportunizou defender seu ponto de vista por onde passou com toda maestria<sup>97</sup>”*

Ainda, ao ser questionada a respeito de como a Professora Celcita atuou como Secretária Municipal, a entrevistada Eluidil relata que,

---

<sup>97</sup> De Depoimento de Eluidil Eluinda de Almeida Fontes em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá agosto de 2020.

*“Celcita exerceu função pública como excelente gestora municipal, à frente da Secretaria de Assistência Social no município de Cuiabá/MT, participou na linha de frente de todas as questões afetas às políticas públicas de assistência, com presença nas Comissões, Conselhos deliberativos a exemplo da CIB - Comissão Intergestora Bipartite, uma instância importante de articulação e proposição na área, onde o município de Cuiabá, na época, teve assento nato, por força de lei. Na representação de Cuiabá, teve assento no Cogemas, - Comissão de Gestores Municipais da Assistência Social o que lhe possibilitou participar das reuniões do FONSEAS- Fórum Nacional de Gestores Estaduais, que se reuniam ordinariamente para analisar as diretrizes do governo federal na área da Assistência Social, onde sempre se colocou em defesa dos interesses do público alvo da assistência social. Tendo se mostrado atenta, assídua e comprometida com os temas debatidos. Fui muito privilegiada por ter trabalhado com Celcita, pois tinha portas abertas em Brasília, em gabinetes de Ministros e Deputados, circulava com desenvoltura, sensatez e humildade buscando as melhores alternativas para o fortalecimento a frente do trabalho que vinha desenvolvendo na época<sup>98</sup>”.*

Os depoimentos das entrevistadas são fundamentais para se alcançar a rota de pesquisa e auxiliam a responder os questionamentos a respeito do sujeito da pesquisa. Norberto Bobbio (1997, p.55) relaciona a memória como um ato de escavar um poço sem fundo, cada vez que escutamos os depoimentos das pessoas que trabalharam e conviveram com Celcita sobre sua atuação como Deputada, tem-se a impressão de que há muito ainda a ser escavado. São testemunhos importantes que fizeram parte da história de vida dos depoentes que são gratos pelos momentos que tiveram com Celcita.

Eluidil ainda conta que o fato de a ex-deputada Federal Celcita Pinheiro ser uma profissional da educação contribuiu para sua participação nas comissões parlamentares de educação e de políticas públicas onde analisava e validava, ou não, projetos de lei afetos as essas áreas. Além disso, contribuiu para que os projetos desenvolvidos na assistência social, na maioria com caráter educativo tivessem sucesso, a exemplo do PETI, AGENTE JOVEM, SIMININA, PAIF, e deu continuidade a todos eles respeitando o plano de ação, mas que anualmente era revisto, e assim foi por ela assinado:

*“Celcita tinha clareza que a transformação social viria pela educação, não só a formal, ou seja, curricular, mas oportunizando que crianças e adolescentes carentes, participassem de atividades de qualidade nas áreas de educação, cultura, esporte e lazer. Através desses programas, financiados pelo governo federal, e por entidades e empresas parceiras do município foi possível desenvolver com muita qualidade atividades motivadoras e de*

---

<sup>98</sup> De Depoimento de Eluidil Eluinda de Almeida Fontes em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá agosto de 2020.

*transformação social que marcou sua passagem pela secretaria municipal de assistência, especialmente podendo ser observado em muitos rostos anônimos de crianças e adolescentes que participaram desses projetos na época. Inclusive essas ações despertaram em muitas crianças talentos para as artes, esporte, no caratê, no judô, natação, xadrez, teatro e tantos outros. Lembro de um aluno, que virou monitor de teatro e depois foi ser ator na TV Globo. Para mim isso é motivador, ver o resultado do trabalho alcançando e transformando pessoas, situações e vidas<sup>99</sup>”.*

Eluidil ainda relembra que além da alegria retratada em tantos rostos de crianças e adolescentes que ficou em sua memória, ela louva pela oportunidade em poder participar, competir, desafiar-se, pertencer, causando orgulho para seus pais. Todos esses projetos foram carros chefes na secretaria. O projeto Siminina, genuinamente Municipal, criado no governo do Roberto França, foi repaginado, implementado e seguiu durante toda a gestão, da professora Celcita acontecendo a pleno vapor, com parcerias importantes como as Empresas de Telefonia OI e VIVO. Na oportunidade foi feito uma simbiose desse projeto municipal com o projeto do Governo Federal PETI, também voltado para crianças e adolescentes, sem distinção de gênero. Essa simbiose foi compreensiva, pois o Siminina atendia somente meninas de cinco a quatorze anos e onze meses. Enquanto o Programa PETI atendia a faixa etária de sete aos dezesseis anos de ambos os sexos.

O Programa de Erradicação Infantil – PETI teve uma abrangência maior em termos de capacidade de atendimento, pois o projeto era financiado pelo Ministério da Previdência Social e contemplava transferência de renda para as famílias que, em contrapartida, garantiam a frequência escolar das crianças e adolescentes na escola, ensino regular e no contraturno nas atividades extracurriculares organizados em três eixos: cultural, educativo e esportivo.

Segundo Eluidil, a história de Celcita passa por aqui, sua trajetória neste espaço foi marcada pelo seu perfil discreto, mas consciente do seu papel onde o objeto educação para ela, deixou transparecer como prática (o ato de educar), deva ser realizada como um serviço coletivo que se presta a cada indivíduo, para que ele obtenha dela tudo o que precisa para se desenvolver individualmente. Para a autora Ecléa Bosi “feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!” (Bosi, 2003, p.16).

---

<sup>99</sup> De Depoimento de Eluidil Eluinda de Almeida Fontes em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá agosto de 2020.

Na sequência veio uma nova eleição e Celcita lembra que essa Secretaria foi a que mais campanha fizeram contra:

*“olha, faltou só acabar conosco: todo esse trabalho que a gente fez, eles foram em cima dele, porque era um trabalho muito bom, e que deu a vitória para o Wilson. Pois as crianças do PETI e dos outros Projetos, os pais estavam muito satisfeitos e apoiavam o Wilson Santos, por esse motivo: eram os maiores cabos eleitorais que o Wilson teve na vida, foram essas crianças. Não tinha quem tirasse da cabeça dessas crianças, não tinha. Eram enlouquecidos por causa dele. Porque era o trabalho que mais ajudou as crianças<sup>100</sup>”.*

Relembra que nessa época, com os jovens, fizeram uma atividade no Exército, no Quartel de Cuiabá pois Wilson Santos era muito amigo do General na época, do Comandante, e então eles pediram para ele. Foram lá e fizeram dois dias com os jovens, que ficaram encantados pois nunca tinham entrado ali, para eles era uma coisa de outro mundo, a maior felicidade. Passaram o dia inteiro, jogaram bola, e tinham os soldados à disposição para auxiliar. Hastearam bandeira, como se eles estivessem servindo a Pátria. Foi tão satisfatório, que acabaram fazendo essa atividade novamente no próximo ano:

*“Wilson chamava minha atenção, porque eu não deixava que o Governo do Estado brigasse com a Prefeitura, é essa essa mesma disputa que tem até hoje. Mas eu nem ligava se o Blairo Maggi tinha esse pensamento e não queria auxiliar. Eu ia as Reuniões sozinha, e chegava lá, sentava e pedia o que necessitava. Marcava audiência, pedia o que necessitava e falava: “o PET não é nosso...”, é do povo. Mas Wilson falava: “não vai Secretária, o que a Senhora vai fazer lá?”, e eu respondia: “eu vou sim Senhor!”. E lembro que nunca negaram nada para mim. Solicitava sacolão para o PET, mas lá no Governo eles faziam o Cestão, todo mundo dava uma cesta, e perguntavam para mim: “A Secretária vai dar o que?”, E eu dizia: “Eu não vim para dar, eu vim pra ganhar!”<sup>101</sup>.*

Relembra que nesse período viu muita gravidez na adolescência, aí criou o curso de enxoval para crianças, e quando foi na sala ver o curso:

*“aquelas crianças, o cabelinho parecia que a mãe que tinha penteado o cabelo delas, aqueles cachinhos bonitinho, e perguntei: “quantos anos você*

---

<sup>100</sup> De Depoimento de Celcila Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>101</sup> De Depoimento de Celcila Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*tem, minha filha?” e a criança respondeu: “eu tenho doze”. E eu continuei: “e seu namorado?”, e a menina: “treze”<sup>102</sup>.*

Celcita demonstra em suas palavras sensibilidade para com as crianças e adolescentes que passam por situação precária, e como sempre acreditou que a educação pode auxiliar, principalmente se for conjugada com o ensino técnico, pode trazer prosperidade para estas crianças e mudar a direção de suas vidas. Tal se vê a importância destas memórias registradas. Bosi (1994, p. 411) ressaltando a relevância do registro “como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ela, fixando assim seus traços cada vez mais fugidos?”. Para compreender aspectos do presente é preciso relembrar o passado, a autora Bosi (1994) enfatiza que a recordação exige discernimento entre passado e presente e expor as lembranças acompanhadas de sentimentos, para que não seja apenas uma repetição de ações.

Depois Celcita entregou o cargo, não quis mais, pois também ficou muito sentida e chateada, quando seu marido - Jonas Pinheiro - estava no hospital, em coma, ela viu que tinha uma denúncia anônima contra eles alegando que eles tinham alugado um carro para um amigo deles, no Ministério Público. O Promotor investigou esse amigo, que a procurou para lhe contar:

*“Fiquei tão assustada com a mentira que perguntei: “mas quem que falou isso?”, e ele respondeu: “ah, foi denúncia anônima, e foi aceita”. Aquilo me abalou pois eu estava no Hospital, meu marido estava morrendo, e o povo ainda tinha coragem de fazer isso por conta de campanha política. Foi então que decidi que aquilo não servia mais para mim, fui arrastando, até que um dia estava com Wilson Santos conversando, e alguém falou para ele que queria um cargo, na mesma hora aproveitei e disse: “Prefeito, o Senhor quer o meu cargo? Pois eu não quero mais, vou embora”. Ele disse: “Não Secretária, o que é isso?” E eu afirmei que não queria mais. Na verdade, disse que só não saí antes pois fiquei esperando uma oportunidade para falar para ele que não queria mais ficar. Mas mesmo assim Wilson respondeu para mim: “Não, a Senhora fica até dezembro, deixa eu amadurecer...”. Eu esperei, depois limpei minha gaveta, e avisei todo mundo. Agradei, e disse que sou grata a ele, que é uma pessoa que pode ter alguns defeitos, que falam dele, mas ele é muito humano, e é meu amigo até hoje e da sua esposa Adriana também, gosto muito do casal, eles foram muito importantes para mim”<sup>103</sup>.*

---

<sup>102</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>103</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Quando faz, subjetivamente, uma comparação com o presente, Celcita leva à compreensão das consequências de lidar com o poder, e nos demonstra o sofrimento que viveu neste momento de sua vida. Para Bosi (1994, p. 17) “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”, é o relato de um adulto enxergando o contexto do passado, com os olhos do presente.

Eluidil ao ser questionada sobre o momento mais marcante que teve com Celcita, conta que foi conhecendo sua força, sua simplicidade em meio a tantas manifestações de solidariedade vindas da mais alta corte política, pois que seu companheiro Jonas Pinheiro, senador por Mato Grosso, havia morrido e ela com serenidade, fé inabalável, no momento do velório ocorrido em sua residência em Santo Antônio de Leverger/MT, pequeno município onde mantém sua residência de veraneio, sua terra natal, atravessava seu momento de dor amparada por tantas autoridades que vieram de Brasília e de tantos outros Estados prestar homenagem ao senador e sua família e ela, uma anfitriã revestida de fé e da presença de Deus em seu coração:

*“Não passou despercebido a sua força, e durante a convivência laboral que tive com Celcita, também me espelhava na sua mansidão, serenidade em qualquer situação pacífica ou conflituosa, a elegância era a mesma, numa postura sensata e segura<sup>104</sup>”.*

Eluidil recorda o passado com a carga de experiências acumuladas do presente, de acordo com a autora Ecléa Bosi (1994), pode-se conhecer o passado de um mundo rico em diversidades através do olhar das pessoas que viveram naquela época, o diálogo com essas pessoas se torna uma experiência intensa de nostalgias de quem esteve no passado, sendo possível fazer comparações de décadas.

Ao ser questionada se acha que o fato de Celcita ser professora e ter se dedicado a educação influenciou de alguma forma seu ingresso na carreira política, Eluidil diz que acredita que é um conjunto de oportunidades que a pessoa tem e que pode se apropriar da mesma, e com sabedoria vai desenvolvendo seus talentos:

*“além de professora com uma vasta experiência ao lado de um político, profundo conhecedor da agricultura em Mato Grosso em quem deve ter se espelhado para buscar viver a experiência como deputada federal, pois já vivia grande parte de sua vida naquele meio e porque, não servir ao Estado na esfera legislativa federal, já que tendo formação pedagógica na área da educação poderia estar mais próximo das tomadas de decisões, frente ao*

---

<sup>104</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

*poder legislativo? Tenho certeza de que foi mais uma oportunidade positiva que a vida lhe ofereceu e ela abraçou com patriotismo<sup>105</sup>”.*

Weber (2011) traz de forma clara a delimitação de fronteiras na seara política, levando em consideração outros cinco domínios: ciência, religião, burocracia, economia e ética. Através das lembranças da entrevistada foi possível conhecer mais a fundo o aspecto subjetivo do sujeito de nossa pesquisa. De acordo com Halbwachs (1990, p. 26) “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, é com objetos que só nós vimos”.

Celcita conta que essa foi a sua volta, e aqui está até hoje. Quando pediu afastamento do cargo conversou com o Padre Bruno:

*“Padre Bruno eu não quero mais ser Secretária. E ele perguntou: “Mas a Senhora vai fazer o quê Dona Celcita?”, e eu disse: eu vou ficar na igreja só rezando! E ele disse: “Não acredito que a Senhora vai fazer isso. A Senhora não vai aguentar”. E eu respondi: vou sim. O Senhor não me conhece. O Senhor vai ver como eu vou ficar. E fiquei até hoje: vou em tudo quanto é lugar, mas o meu serviço principal é a igreja mesmo, que tem muito trabalho social também, basta querer. Vou na quarta-feira e faço a limpeza, segunda vou à noite, terça à tarde. E faço por vontade própria, pelo menos não precisa “bater o ponto!”. O que mais que eu quero?<sup>106</sup>”.*

As lembranças de Celcita trazem períodos de grande alegria, mas também remonta para tristezas e decepções. A igreja, parece que foi ao mesmo tempo sua fuga e seu conforto, pois suas lembranças desse período não são boas. Ricoeur (2007, p. 163) entende que a memória é singular de cada indivíduo, ou seja, cada um tem sua leitura diferente de determinado momento.

É a memória que permite relembrar quem fomos e o que vivemos, mas que sobrevive no emotivo espaço da memória individual, trazido por Maurice Halbwachs (2006, p.29) “recoremos dos testemunhos para reforçar ou enfraquecer” o que sabemos sobre algo ou alguma pessoa. Na pesquisa cada detalhe nos remete à memória individual e coletiva.

As lembranças ainda vivem na memória coletiva, pois fazemos parte do todo, conectado socialmente. Sendo assim, torna-se imperiosa a participação de outras pessoas que integraram este contexto, ou seja, fizeram parte de alguns momentos de vida da entrevistada, pois seus

---

<sup>105</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>106</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

relatos serão fundamentais na construção da elaboração desta pesquisa. De acordo com Amado (2006, p.XV), a memória dos informantes auxilia na recuperação e recriação do objeto de estudo do historiador, pois a memória, nestes casos, dá um norte às reflexões históricas, levando ao desenvolvimento de teorias e metodologias importantes, como é o nosso objetivo, no presente estudo.

### 3.5. A EXPERIÊNCIA PESSOAL COM A POLÍTICA

Celcita Pinheiro foi eleita Deputada Deferal por duas vezes, mas no decorrer desse período sua experiência pessoal teve altos e baixos, e no final não guardou boas lembranças:

*“não tenho saudade, foi muito marcante, muito, muito, mas no final foi muito ruim para mim. Então eu falo até hoje que foi um rio que passou na minha vida. Por que eu conheci assim, a alegria e conheci a tristeza também. Conheci quem eram os amigos e conheci quem eram amigos da Deputada, e não da Celcita<sup>107</sup>”.*

Paul Ricoeur (2007, p.107) se embasa nos conceitos de Santo Agostinho, ao afirmar que o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória: “a memória é passada”, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado.

Celcita conta que a sua benção, a sua graça foi que ela tinha ouvido, certa vez, um discurso da mulher de Gueisel, a Lucy, dizendo que amigas dela foram as que ela conseguiu, porque da política ela não tinha amizade com ninguém. Então Celcita diz que teve as suas amigas que ela manteve e que tem até hoje, mas com a política ela não teve. Por isso que ela não fala. Desabafa ao dizer que perdeu tudo com a política, até seu marido, e que não tem saudade:

*“Sinto saudade das coisas pude fazer nos Municípios, das atividades e dos relacionamentos que eu tive com as pessoas. De ver realmente as pessoas que precisavam de algo, e que eu pude realizar. Isso para mim foi gratificante, e me preencheu de alegria, fazia com que tivesse vontade de fazer mais ainda. Também em Brasília tive muito apoio. Nas comissões que eu trabalhei, eu gostava e me sentia prestigiada<sup>108</sup>”.*

---

<sup>107</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>108</sup> De Depoimento de Cecilta Rosa Pinheiro da Silva em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres, em Cuiabá fevereiro de 2020.

Observa-se que Celcita Pinheiro não se enquadrou na política que ostentava o poder, e que esta nunca foi seu valor pessoal. Celcita Pineiro entrou e saiu da política afirmando que “nunca gostou de política”. Weber (2011) nos remete à conclusão de ela não viveu “para” a política e nem “da” política, pelo contrário participou daquele espaço, sabia das tramas internas e quando teve a oportunidade colocou em evidência suas motivações, não perdeu o foco daquilo que acreditava, e que sempre deixou bem claro, era a educação, o social.

De acordo com Bosi (1994, p. 34) “a idade adulta é norteadada pela ação presente: e quando se volta para o passado é para buscar nele o que se relaciona com suas preocupações atuais”.

**Figura 25:** Aniversário de Celcita com o artista mato-grossense Adir Sodré



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada

Esta foto foi do aniversário de Celcita (Figura 25), com homenagem da família e dos amigos. Apesar das decepções que teve, Celcita se sente feliz em ter amigos verdadeiros, e principalmente por sua família, que sempre deu força para que ele continuasse sua trajetória de vida, seja profissional, seja pessoal.

Na definição de Neves (2000) na revista da Associação Brasileira de História Oral: “Uma autobiografia consiste na narrativa da própria existência e, como salienta Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), nela foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida, deu a

ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro”. (NEVES, 2000, p.118).

Segundo Gomes (2004, p.13), as práticas de escrita de si podem evidenciar, como uma trajetória individual, um percurso que se altera ao longo do tempo. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diferentes. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida e em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, através da leitura, escrita, fotografia, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, que possui uma vida composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si.

### 3.6. QUEM É A DEPUTADA CELCITA PINHEIRO?

A Professora, Técnica e Conselheira de Educação Regina Lúcia Borges Araújo diz que a Professora Celcita Pinheiro é uma pessoa simples, articulada, comprometida, de família cristã católica, sempre disponível para ajudar as pessoas e instituições. Que sua relação com ela sempre foi muito tranquila, de amizade, respeito e carinho.

A importância dos relatos das entrevistadas que conviveram com Celcita Pinheiro torna-se imprescindíveis para compreender o que foi a Deputada Celcita Pinheiro sob o enfoque de outras pessoas. As lembranças são permeadas de sujeitos, fatos e locais que compõem a memória coletiva, segundo Ricoeur (2007, p.133) é no envoltório do pensamento coletivo que se encontram os meios de buscar a sequência e concatenamento dos objetos. Evocamos memórias que nascem de um contexto, são sujeitos que falam de outros sujeitos e não de si.

A Profa. Dra. Cilene Maria Lima Antunes Maciel diz que Celcita é uma pessoa dócil, educada, comprometida, profissional e carismática. Acredita que isso auxiliou na carreira política de Celcita:

*“Diz que a minha relação com Celcita durou penas o período em que ela estava na Educação, no Programa Monhangara. Foi uma relação boa, pois trabalhamos juntas, sempre nos viam, nos falávamos, conversávamos. Até depois que ela ingressou na política, eu me encontrei com ela algumas vezes,*

*apesar de não ser uma pessoa que me envolvo muito no meio político. Acredito que o Ensino e a Educação foram muito marcantes na vida de Celcita, e que como ela era professora concursada do Estado, enquanto ela pôde atuar na educação, ela atuou, em várias frentes de trabalho, e depois que foi para a política, ela levou também como frente de trabalho a Educação, para fazer algumas batalhas em prol da própria educação<sup>109</sup>”.*

Tal a importância de diferentes olhares para a mesma pessoa, em momentos diferentes de sua vida. Para Ricoeur (2007, p. 163) a memória é singular, cada indivíduo tem uma leitura diferente de determinado momento. Assim para cada depoente com sua maneira de expor a forma com que percebeu Celcita, como profissional e como pessoa.

A assistente social Eluidil diz que Celcita Pinheiro é um ser humano da melhor qualidade, voltada para sua religião, católica praticante, adepta da boa leitura, serena, comprometida, amiga, fiel. Conta que são amigas, apesar de não terem muito contato ultimamente, mas é aquela pessoa que ficou no seu coração, que foram marcadas pela empatia uma com a outra e isso a qualquer tempo e em qualquer lugar as une onde estiverem.

Segundo Thompson (1992, p. 258), o objetivo de uma entrevista é o de buscar as fontes da memória, fundamentais para a compreensão social, mais do que pretender que elas possam ser aniquiladas por um entrevistador desumanizado “sem um rosto que exprima sentimentos”, é preciso cuidados com a ansiedade e excitação dos entrevistados, que pode pôr tudo a perder, por essa razão é preciso planejamento das informações básicas e relevantes do que irá entrevistar, como suas origens, sua profissão e cultura.

Eluidil acredita que Celcita contribuiu para a Educação no Estado seja como professora, atuando ativamente, ou como deputada federal:

*“Celcita foi protagonista, na sala de aula, durante quase 27 anos, e só isso já seria o suficiente para habilitá-la como efetiva contribuinte na formação de pessoas positivas, e que foi um agente de transformação nessa seara da vida, com profissionalismo, apoiadas nas técnicas pedagógicas escolares, na intimidade das turmas que ensinou, vigiou, incentivou, demonstrou, corrigiu e premiou. Mas não ficou só aí, apoiou instituições, a exemplo da Pestalozzi de Cuiabá que leva o nome do seu filho Jonas Pinheiro da Silva Jr., falecido ainda menino. Como Deputada participou de comissões de Educação e como tal teve oportunidade de discutir temas importantes para a formação do ensino e aprendizagem<sup>110</sup>”.*

---

<sup>109</sup> De Depoimento de Cilene Maria Lima Antunes Maciel em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá fevereiro de 2020.

<sup>110</sup> De Depoimento de Eluidil Eluinda de Almeida Fontes em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá agosto de 2020.

Eluidil conta que particularmente nunca foi tema de suas prosas com Celcita esse assunto da sua trajetória, mas sabe que participou de análises e pareceres, com olhar crítico do ponto de vista técnico de projetos de lei que circulavam no governo federal afetos a área de educação. Eluidil garante que comprometida como sempre foi e continua sendo com o tema, aposta o quanto deva ter sorrído, sofrido, lutado, frustrado, vivendo intensamente essas oportunidades dentro da sua área no seu momento parlamentar:

*“Faço questão de deixar registrado a minha admiração pela trajetória vitoriosa de Celcita em tudo que eleger para sua vida, seu apreço e gratidão pelos momentos deliciosos que a vida nos permitiu compartilhar, e que desejo felicidades e um grande abraço a Celcita, concluindo que como dizia o Raul Gil: “tiro o Chapéu para você”<sup>111</sup>”*

Em sua fala a entrevistada também traz à tona os momentos de alegria e de tristeza da Professora Celcita, nos levando a compreensão de que “nem tudo são flores” na realidade de vida das pessoas. Segundo Souza (2006), a utilização do termo História de vida se revela como pertinente para a auto compreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que se atribui aos diferentes fenômenos e experiências que criam e tecem a nossa vida individual/coletiva.

Segundo Queiroz (1988, p.19), por ser uma memória oral, a história de vida insere-se no campo da história oral e pode ser definida, como “[...] o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu [...].”

Thompson (1992, p. 258) acentua que “as memórias são importantes e preciosas para o entrevistado”, caso o pesquisador não esteja perceptivo a isto, coloca em risco a coleta de dados. Os depoimentos da presente pesquisa foram percebidos enquanto fonte oral cujo alicerce é a memória expressa pelas lembranças dos sujeitos que testemunharam as ações de Celcita Pinheiro.

Apesar de nem tudo ser flores, a Professora Celcita Pinheiro fez muito pelo Estado, pelo Município, Educação e Assistência social. Por essa razão recebeu como homenagem uma

---

<sup>111</sup> De Depoimento de Eluidil Eluinda de Almeida Fontes em entrevista cedida a Carolina Galvão Peres , em Cuiabá agosto de 2020.

Creche com seu nome em Várzea Grande, em maio de 2001. Creche esta que teve que alterar seu nome posteriormente, por não ser mais permitido colocar nome de pessoas que ainda estão vivas. A Lei 6.454/1977, que proíbe atribuir a logradouros e monumentos públicos o **nome de pessoas vivas**, **não** permite exceções. A decisão é do Conselho Nacional de Justiça, que revogou, nesta terça-feira (29/3), a Resolução 52/2008 do próprio CNJ. A norma permitia o que a lei proíbe.

**Figura 26:** Inauguração da Creche em Várzea Grande - Dep. Celcita Pinheiro



**Fonte:** Acervo pessoal da entrevistada

Na figura 26 Celcita é homenageada na inauguração da Creche em Várzea Grande. Diz ficou muito feliz com esta homenagem, e diz que o reconhecimento faz com que tenha boas lembranças de momentos que às vezes não trouxeram tantas alegrias. Mas garante que tudo o que fez, fez da melhor maneira que pôde.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da produção dos três capítulos da presente dissertação buscou-se historiar as memórias individual e coletiva, com o objetivo de traçar a vida e a trajetória docente, profissional e política da professora Celcita Rosa Pinheiro da Silva, que teve participação no espaço público no Estado de Mato Grosso, e em âmbito nacional.

A busca pelo estudo da história de vida professoral tem conquistado cada vez mais espaço no âmbito científico, resultando em pesquisas de maior qualidade, confluindo para percorrer um caminho além da escrita, que é a utilização da história oral, uma importante fonte de conhecimento, a partir que consegue entrelaçar os traços de uma vida individual, que também é coletiva, possibilitando revelar valiosas informações da história da educação, bem como históricas sociais e políticas de uma época.

No sentido de identificar quem foi essa professora e os seus anseios e influências que a levaram percorrer a carreira política. Os capítulos estão todos interligados em um percurso atemporal, visto que, na medida em que se registrava as informações que conseguíamos por meio da pesquisa, realizava-se conexões de fatos passados que ocorreram na vida do sujeito da pesquisa e que levavam à identificação pistas para as respostas que se buscava.

Através das pistas localizou-se pessoas que foram fundamentais para fazer a reconstrução de fatos, situações e lugares da atuação do sujeito da pesquisa como docente e educadora e sua rede de sociabilidade que, mesmo sem se dar conta, a levaram para percorrer os caminhos da carreira política.

Seguindo a trilha das pesquisas, das entrevistas e dos estudos das memórias, pôde-se ir trazendo corpo e forma ao primeiro capítulo “Quem é Celcita Pinheiro”, que trouxe informações diferentes das que se esperava inicialmente, visto que a docência pode ter sim influenciado seu ingresso na política.

Neste ínterim, observou-se a importância de sua criação familiar, de seus pais que sempre deram importância ao estudo, e a prioridade em forma-la como professora, sua formação docente na trajetória profissional, que foi de grande valia para o desenvolvimento de sua atuação como Deputada Federal, se dedicando à área da educação, ensino, juventude, defesa dos direitos das mulheres e desenvolvimento social.

Neste contexto familiar, pode-se observar que a partir da infância, o sujeito se depara com costumes, valores e padrões que acabam por influenciando sua aprendizagem.

Seu pai tem especial destaque e importância na sua vida, e influenciou diretamente sua formação docente, bem como seu ingresso no cenário político, visto que sempre participou ativamente da política em Santo Antônio de Leverger, e inclusive foi candidato a vereador por duas vezes consecutivas. Neste ponto, a entrevista da irmã de Celcita, a Professora Carolina Joana, foi de extrema importância, visto que trouxe informações relevantes para que se pudesse compreender melhor o início de Celcita como mulher no espaço público e a influência de seus pais para que isso ocorresse e passou a fazer parte do aspecto subjetivo do nosso sujeito da pesquisa.

O mesmo se deu com seu marido Jonas Pinheiro, que sempre incentivou Celcita em sua formação docente, mas que também exerceu grande influência em seu ingresso no cenário político. Mesmo antes de se eleger, Jonas já trabalhava com projetos sociais na zona rural de Jaciara, e Celcita o acompanhou como professora desses projetos, fato que inevitavelmente o levaram para o cenário político futuramente. Jonas foi eleito, pela primeira vez em 1982, como Deputado Federal pelo estado de Mato Grosso, sendo reeleito por mais duas vezes, e finalmente eleito Senador. Foram muitos anos, já envolvidos neste cenário que influenciou diretamente Celcita, até chegar o dia em que a comunicou que ela iria se candidatar.

Ao tentar compreender a trajetória docente do sujeito da pesquisa, neste percurso descobre-se como a professora Celcita ensinava seus alunos, por meio de entrevistas com ex-alunos, e descobre-se uma professora dedicada aos alunos, atenciosa e que deixou marcas nos alunos entrevistados, visto que os mesmos acabaram por se tornar professores, e disseram que a Professora Celcita foi uma inspiração para essa decisão.

Acredita-se que sua atuação no contexto educacional da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC, atuando na coordenação e desenvolvimento de projetos sócio educativos também foram fundamentais para desenvolver sua própria rede de sociabilidade direta com a população carente, presidentes de bairro, contatos com as Secretarias assistenciais municipais, juventude, jovens universitários, crianças e estudantes. Entende-se que aqui inicia sua trajetória política, que influenciou sua trajetória como Deputada Federal, que acabou por desenvolver todas as áreas de atuação desta época, como por exemplo a expansão do ensino técnico no Brasil.

Foi necessário realizar uma reflexão de toda a sua trajetória familiar, docente, profissional e suas redes de sociabilidade, para compreender a decisão da Professora Celcita de se eleger. Apesar de ter sido seu marido que a comunicou da sua candidatura, Celcita não demonstrava tanta submissão à vontade do marido, pelo contrário, para estudar foi uma mulher

à frente de seu tempo. Seu pai a ensinou a ser uma mulher independente para não depender de marido, e nunca aceitar violência de nenhuma espécie. Sua simples aceitação não convencia, nesta perspectiva.

Ao fazer as conexões atemporais das memórias passadas, percebe-se pela sua trajetória, que Celcita teve outras influências, que a levaram a aceitar a proposta do marido, e não recusar, mesmo negando gostar de política, como o envolvimento de seu pai com a política desde que era criança, o meio em que vivia com seu marido que já atuava na política mato-grossense, bem como sua atuação como coordenadora de Projetos socioeducativos na SEDUC/MT, que criaram uma rede de sociabilidade grande com presidentes de bairro, Secretarias, Associações, Deputados Estaduais e Federais, entre outros.

Pesquisou-se documentos para compreender como foi o exercício do mandato como Deputada Federal, e suas contribuições na área da Educação. Ao final do capítulo, conclui-se através da sua experiência pessoal, na política, que a professora Celcita Pinheiro demonstrou ser uma mulher forte, à frente de seu tempo, sempre envolvida com os problemas da comunidade, e com uma paixão pela educação, e por ensinar.

Adentrar na trajetória desta Deputada Federal, por oito anos, trouxe uma reflexão acerca dos movimentos políticos da Câmara de Deputados.

Nesta reconstrução de memórias individuais e coletivas, tornou-se fundamental compreender a linha do tempo e a história de vida de Calcita Pinheiro, pois se fez uma leitura da história cultural, social e política da época em que os fatos iam se materializando no decorrer dos capítulos. Tornou-se inevitável associar a história individual a que está inserido o sujeito da pesquisa com a história social, possibilitando a análise de fatos históricos políticos e sociais de um tempo, que possibilitaram construir pontes ricas em informações.

Ao traçar esse caminho a percorrer nesta pesquisa, utilizou-se os estudos de História Oral, a fim de entrevistar os sujeitos que fizeram parte da trajetória docente e profissional de Celcita, que foram todos receptivos no intuito de contribuir para a pesquisa, e principalmente os ex-alunos, como forma de agradecimento pelos ensinamentos que tiveram com essa professora, inesquecível para eles.

Cabe ressaltar que a existência de poucas referências de pesquisas a bibliotecas e órgãos públicos, municipais e estaduais, se deu em razão na Pandemia COVID-19, que ocorreu logo após o início da pesquisa, o que impossibilitou com que a maioria das entrevistas fossem realizadas de forma presencial, propiciando-nos a utilização de meios eletrônicos e da informática para a concretização destas pesquisas e entrevistas.

As pesquisas através de entrevistas e documentos propiciou compreender quais os níveis de articulações do conhecimento adquirido na carreira de professora, na atuação políticas nos espaços de poder e disputa, verificando de que forma contribuiu para o Ensino e a educação em Mato Grosso, bem como sua trajetória de vida se alinha com seus ideais enquanto educadora e política.

A sua formação como docente na trajetória profissional, de certa forma influenciou sua decisão em se eleger, e foi de grande valia para o desenvolvimento de sua atuação como Deputada Federal, se dedicando à área da educação, ensino, juventude e desenvolvimento social. Torna-se claro a vontade de Celcita Pinheiro em contribuir para transformar uma realidade para o bem comum, fator este que a move desde a tenra idade, quando já auxiliava na comunidade religiosa que sempre frequentou, até o presente.

Celcita demonstrou ser uma pessoa de uma simplicidade cativante, de boa índole, mas sempre atenta às transformações sociais de sua época. Aprendeu com sua mãe a acolher as pessoas que precisavam de auxílio, e com seu pai a força para alcançar seus objetivos, com dignidade.

Mesmo com tantos momentos importantes em sua vida, nem tudo foi um mar de rosas para Celcita. Ao adentrar os aspectos subjetivos do sujeito da pesquisa identificou-se alguns momentos com tensões e conflitos em determinados períodos de sua vida.

Inicialmente identifica-se sua decepção ao ter que abandonar o curso de Letras na Universidade Federal de Mato Grosso para acompanhar seu marido que ingressou na Universidade em Campo Grande, tendo que mudar seu curso para História, neste momento Celcita muda sua expressão facial e demonstra uma decepção de um sonho não realizado.

Em um segundo momento, observou-se através das entrevistadas que conviveram com Celcita que a morte de seu filho Giorgio foi um momento de muita dor, tanto que ela não cita este acontecimento em sua entrevista, deixando claro que foi um momento que não quer que seja lembrado.

Posteriormente, identifica-se seu conflito em se candidatar para Deputada Federal, visto que não foi uma escolha sua, mas sim de seu marido Jonas Pinheiro. Alega que nunca gostou de política, e ao final relata suas decepções com a política e o poder que envolve esse meio, trazendo lembranças amargas, inclusive no momento da morte de seu marido, que não foi respeitado pela oposição, que perseguiu ela e o marido por interesses políticos contrários.

Desse modo, torna-se evidente que Celcita teve uma trajetória não linear, composta de altos e baixos, mas que apesar de tudo, conseguiu transpassar todos os obstáculos em razão de sua força como mulher e por tudo que aprendeu com seus pais.

Os depoentes desta pesquisa apontaram no sentido de que Celcita sempre valorizou a educação, fato este que restou comprovado através dos documentos oficiais da Câmara de Deputados, em Atas de Sessões, participação em comissões, discursos, projetos de lei e leis de sua autoria.

Salienta-se que foi utilizado o método da Prosopografia, subsidiariamente, proporcionando o estudo do sujeito e suas teias relacionais que auxiliaram a traçar as linhas dessa trajetória, sem abrir mão da importância de se compreender a subjetividade do indivíduo; fundamental para encontrar pistas de ordem mais profunda, mas não menos importantes para desvendar os véus de memórias obscuras, que ao ser clareadas revelam-nos ricas informações.

A contribuição da pesquisa foi relevante para dar continuidade nos estudos do grupo de pesquisa: docência e memória social, ação política de sujeitos envolvidos na docência e no exercício de cargos políticos eletivos, que engloba o projeto de pesquisa em desenvolvimento “Gênero, Vida e Ação: memórias de docentes que exerceram cargos eletivos na esfera municipal, estadual e federal”.

Historiar as memórias da professora e ex-deputada federal Celcita Pinheiro, possibilitou resgatar a singularidade de uma história de vida e demonstrar como ela pode atender à pesquisa, tornando-se conhecimento científico. De acordo com os objetivos propostos para esta pesquisa, conclui-se apenas uma parte da trajetória de vida desta professora, realizada através do estudo de memórias oral, documental, individual e coletiva.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B.; FRISON, L. M. B. Narrativas (auto) biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **(Auto)biografia e Formação Humana**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. 11f.
- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ARANTES, C. O. **Planejamento educacional e planejamento de redes escolares: o caso brasileiro**. Brasília, 1989. Mimeografado.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ARENDT, Hannah. **Compreensão e Política e Outros Ensaios**. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2001.
- ARISTÓTELES. Dos argumentos sofísticos. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1973.
- ARISTÓTELES. **A política**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1978.
- ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. SILVA, Alice Felisberto da (org.). **Memórias do Ensino Secundário no Sul de Mato Grosso no século XX**. Campo Grande-MS: Ed. Oeste, 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. (trad.Sérgio Milliet). Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOBBIO, Norberto. **Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- BOBBIO, Norberto. **Estudos sobre Hegel – direito, sociedade civil, Estado**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense-Unesp, 1995.
- BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BOBBIO, Norberto. **Locke e o direito natural**. 2. ed.. Brasília: UnB, 1997.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BORBA, A.; FARIA, N.; GODINHO, T. (Org.). **Mulher e política: gênero e feminismo no partido dos trabalhadores**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

BOSI, Éclea. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Éclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL, CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do. **JONAS PINHEIRO DA SILVA**. CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Consultado 18 de setembro de 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Básica**. Relatório do Programa Monhangara. Brasília, DF: MEC, 1991a.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método (auto) biográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Educação e pesquisa. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan/jun 2002.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações: tradução de Maria Manuela Galhardo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, 224 p.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** (8ª ed.) São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, Marli Marlene Moraes da; D'OLIVEIRA, Mariane Camargo. A emancipação feminina operacionalizada através da inserção no âmbito laboral: uma tarefa complexa. In: \_\_\_\_\_; RODRIGUES, Hugo Thamir (Org.). **Direito & Políticas Públicas**. Curitiba: Multideia, 2012. p. 149-170.

CUIABÁ, Câmara Municipal. **Ata de registro das sessões da Câmara Municipal de Cuiabá, de 26 de dezembro de 1966 à 8 de abril de 1976**. (Acervo da Coordenadoria de Cultura e Resgate Histórico/CMC). Disponível em: <http://www.camaracba.mt.gov.br/noticia.php?id=6963>. Acesso em: 12 de outubro de 2020.

CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na igreja e na política**. São Paulo: outras expressões, 2013.124p.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Elementos de teoria geral do Estado**. São Paulo: Saraiva, 2002.

DEPUTADOS, Câmara dos. **Expansão do ensino técnico no Brasil. Construção de escolas profissionalizantes no Estado de Mato Grosso**. Sessão: 021.5.52.E. Data: 01/02/2006. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/plenario/sumario/solene/h158473m.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

DEPUTADOS, Câmara dos. **Exposição acerca do estatuto da Mulher**. Comissão Especial – PL 1399/03 – ESTATUTO DA MULHER. Audiência Pública nº: 0550/04 Data: 12/05/2004. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0550/04>. Acesso em: 10 de junho de 2020

DEPUTADOS, Câmara dos. **Transcurso do 60º aniversário de criação da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC**. Sessão: 229.1.52.O. Data: 16/10/2003. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/plenario/sumario/solene/h161003m.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2020.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2ª ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2010.

DIEHL, Bianca Tams; MONTEIRO, Christiane Schorr. As mulheres na política: a busca pela isonomia de gêneros. In: BERTASO, João Martins (Org.). **Cidadania, Diversidade e Reconhecimento**. 2. ed. Santo Ângelo: FURI, 2012. cap. 4, p. 87-99.

EWALD, Ariane Patrícia. SOARES, Jorge Coelho. **Identidade e subjetividade num aera de incertezas**. Estudos de psicologia, janeiro-abril, ano/vol. 12, número 001. Natal/Brasil, 2007.

FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo: SOF, 1997.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Maria José Teixeira Lopes. **Meandros da Memória: da Faculdade de Direito ao Centro de Ciências Jurídicas**. UFPB: 1949 – 2006/João Pessoa: Ideia, 2007.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; SILVA, Leila Cristina Borges da; GOMES, Geisa Genaro. **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. (trad. Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006.

HEINZ, Flávio M. (org). **História social de elites**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOPEZ, Immaculada. **Memória social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local**. 1. ed. -- São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 126-147.

MIGUEL, L.F. Teoria Política feminista e liberalismo: o caso das cotas de representação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.15, n.44, p.91-102, outubro de 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MONTEIRO, Geraldo Tadeu Moreira. **Construção Jurídica das Relações de Gênero: o processo de codificação civil na instauração da ordem liberal conservadora no Brasil**. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

MOURA, T. A.; SILVA, G. P. Desenvolvimento profissional docente, PIBID e bonecas russas. **Anais do II Congresso Nacional de Formação de Professores e XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educação: “por uma revolução no campo da formação de professores”**, realizado de 7 a 9 de abril de 2014, p. 377-383.

NEVES, Lucília de Almeida. 2000. **Memória, história e sujeito: substratos de identidade**. Revista da Associação Brasileira de História Oral, 3:109-116.

NORA, Pierre. **Les Lieux de memória**. (Org) Paris: Éditions Gallimard, 1997.

NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988, p. 107-130.

NÓVOA, António. Formação de professores e qualidade de ensino. In: **Revista aprendizagem – a revista da prática pedagógica**. Pinhais/PR: Melo, ano 1, nº 2, set/out/2007.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida**. In. NÓVOA, António. (Org.). Vida de professores. 2. ed. Porto: Porto Ed. 1992, p. 11-30.

NÓVOA, António. Os professores e o novo espaço público da educação. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Orgs.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1995.

ONU MULHERES. **Brasil**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>. Acesso em: 24 de julho de 2020.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar: convite à viagem**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michele. **Mulheres Públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: fundação editora da UNESP, 1998.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Histórico**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, p. 14- 43.

RESENDE, Roberta; EPITÁCIO, Sara. **A luta das mulheres pelo “espaço público”: notas sobre o caso do Brasil**. Interfaces Científicas - Direito • Aracaju • V.5 • N.3 • p. 61 - 72 • Jun. 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. – Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROUSSEAU, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102.

SANTOS, W.G. dos. A práxis liberal e a cidadania regulada. In: SANTOS, W.G. dos. **Décadas de espanto e uma apologia democrática**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.63-114.

SARTI, C.A. Feminismo e contexto: lições do caso brasileiro. **Cadernos Pagu**: desdobramentos do feminismo. n.16. Campinas, 2001.p.31-48.

SCOTT, Ana Silvia. *O Caleidoscópio dos arranjos familiares*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 15-42.

SEGER, Adelaine Catarina et al. **Mulheres gerando Trabalho e Renda na Agricultura Familiar**. Santa Rosa: Gráfica e Editora Coli, 2007.

SOUZA. Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, Natal, jan/abr. 2006, v. 25, n. 11, p. 22-39.

SOUZA. Elizeu Clementino de. História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto)biográficas. In: MACEDO, Roberto Sidney. (Org.). **Currículo e docência: tensões contemporâneas interfaces pós-formais**. Salvador: Editora da UNEB, 2003, p. 35-56.

SQUIRE, L. R.; KANDEL, E. R. **Memória: da mente às moléculas**. Trad. de Carla Dalmaz e Jorge A. Quillfeldt. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STONE, Lawrence. **Prosopografia**. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

STONE, Lawrence. **Prosopografia**. Daedalus, Cambridge, v.100, n.1, p.115-137, 1971.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TAVARES, José Nilo. **Conciliação e radicalização política no Brasil: ensaios de história política**. Petrópolis: Vozes, 1982.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEBER, Max. **Ciência e Política- duas vocações**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Moda. – São Paulo: Cultrix, 2011.